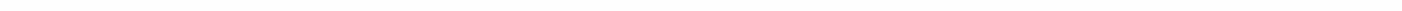


Universidade Federal de Uberlândia
Curso de Letras/Inglês

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Profa. Maria Aparecida Resende Ottoni
Profa. Máira Sueco Maegava Córdula

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DA LINGUAGEM



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

O91i Ottoni, Maria Aparecida Resende, 1996-
 Introdução aos Estudos da Linguagem [recurso eletrônico] / Maria
Aparecida Resende Ottoni, Máira Sueco Maegava Córdula - Uberlândia :
ILEEL - UFU, 2022.
 103 p. : il.

 ISBN: 978-65-86084-45-0
 Livro digital (e-book)
 Disponível em: Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/>
 Inclui bibliografia.
 Inclui ilustrações.

 1. Línguas - Estudo e ensino. 2. Língua inglesa - Estudo e ensino. 3.
Línguas - Formação de professores. I. Córdula, Máira Sueco Maegava,
1977-. II. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e
Linguística. III. Título.

CDU: 800:37

Reitor

Valder Steffen Júnior

Coordenador UAB/CEAD/UFU

Maria Teresa Menezes Freitas

Conselho Editorial

Aléxia Pádua Franco - UFU

Bruno Franceschini - UFG

Diva Souza Silva - UFU

Maria Teresa Menezes Freitas - UFU

Simone Tiemi Hashiguti - UFU

Stella Esther Ortweiler Tagnin - USP

Viviane Cabral Benzegen - UFV

Edição

Centro de Educação a Distância

Comissão Editorial - CEAD/UFU

Diagramação

Equipe CEAD/UFU

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Jair Messias Bolsonaro

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Milton Ribeiro

**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA/CAPES**

Carlos Cezar Modernel Lenuzza

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU

REITOR

Valder Steffen Júnior

VICE-REITOR

Carlos Henrique Martins da Silva

**CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
DIRETOR**

Vinícius Silva Pereira

REPRESENTANTE UAB/UFU

Maria Teresa Menezes Freitas

SUPLENTE UAB/UFU

Vinícius Silva Pereira

**INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA - ILEEL -
UFU**

DIRETOR

Ariel Novodvorski

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: INGLÊS -
LICENCIATURA, NA MODALIDADE A DISTÂNCIA**

COORDENADOR

Ivan Marcos Ribeiro

**EQUIPE DO CENTRO DE EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA DA UFU - CEaD/UFU**

ASSESSORA DA DIRETORIA

Sarah Mendonça de Araújo

EQUIPE MULTIDISCIPLINAR

Alberto Dumont Alves Oliveira

Darcius Ferreira Lisboa Oliveira

Dirceu Nogueira de Sales Duarte Júnior

Gustavo Bruno do Vale

Otaviano Ferreira Guimarães

RESPONSÁVEL PELO SETOR PEDAGÓGICO

Marisa Pinheiro Mourão

**EQUIPE DE ESTAGIÁRIOS DO CEAD E DO CURSO
DE LETRAS INGLÊS**

Amanda Alves Mota

Catarine dos Santos West

Xêin Lisboa Santos

SUMÁRIO

SUMÁRIO	6
FIGURAS	9
INFORMAÇÕES	10
SOBRE AS AUTORAS	11
1 - INTRODUÇÃO	12
2 - SOBRE A DISCIPLINA	13
3 - CRONOGRAMA	15
4 - AGENDA DA DISCIPLINA	16
5 - PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
6 - AGENDA DO MÓDULO 1	33
7 - SUMÁRIO SEMANAL	34
<i>Módulo 1 - Os estudos linguísticos pré-saussureanos</i>	34
ATIVIDADE 1: LENDO O MÓDULO 1 DESTE LIVRO E ASSISTINDO À VIDEOAULA	35
ATIVIDADE 2: ELABORAÇÃO DO PLANO DE ESTUDOS	35
8 - CONCEITUANDO LÍNGUA E LINGUAGEM	36
ATIVIDADE 3: ASSISTINDO A UM VÍDEO SOBRE LÍNGUA E LINGUAGEM HUMANA	39
ATIVIDADE 4: FÓRUM DE DISCUSSÃO	39
8.1 - O QUE É LINGUÍSTICA?	40
8.2 - ESTUDOS LINGUÍSTICOS PRÉ-SAUSSAREANOS: OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS COMPARATISTAS E HISTÓRICOS DO SÉCULO XIX	42
ATIVIDADE 5: LEITURA COMPLEMENTAR	45
ATIVIDADE 6: TEMÁTICA PCC - O LIVRO DIDÁTICO E A PRÁTICA DOCENTE	45
REFERÊNCIAS	46

SUMÁRIO

9 - AGENDA DO MÓDULO 2	47
10 - SUMÁRIO SEMANAL	49
Módulo 2 - Estruturalismo	49
ATIVIDADE 7 - ELABORAÇÃO DO PLANO DE ESTUDOS	50
ATIVIDADE 8 - LENDO O MÓDULO 2 E ASSISTINDO À VIDEOAULA	51
11 - FERDINAND DE SAUSSURE E O ESTRUTURALISMO	51
11.1 - O SIGNO LINGUÍSTICO E AS DICOTOMINAS SAUSSUREANAS	53
11.1.1 - <i>O SIGNO LINGUÍSTICO: SIGNIFICANTE + SIGNIFICADO</i>	53
11.1.2 - <i>CARACTERÍSTICAS DO SIGNO LINGUÍSTICO</i>	55
11.1.3 - <i>LÍNGUA E FALA</i>	55
11.1.4 - <i>PARADIGMA E SINTAGMA</i>	57
11.1.5 - <i>SINCRONIA E DIACRONIA</i>	58
11.2 - O ESTRUTURALISMO NORTE-AMERICANO	59
ATIVIDADE 9: ASSISTINDO A UM VÍDEO	60
ATIVIDADE 10: LEITURA COMPLEMENTAR	61
ATIVIDADE 11: PRODUÇÃO DE UMA SÍNTESE	61
ATIVIDADE 12: TEMÁTICA PCC - NORMA CULTA E NORMA-PADRÃO	62
REFERÊNCIAS	63
AGENDA DO MÓDULO 3	64
SUMÁRIO SEMANAL	65
Módulo 3 - Gerativismo	65
ATIVIDADE 13: ELABORAÇÃO DO PLANO DE ESTUDOS	66
ATIVIDADE 14: LEITURA DO GUIA DE ESTUDOS	66
14 - O GERATIVISMO	67
14.1 - <i>COMPETÊNCIA E DESEMPENHO</i>	69
14.2 - <i>A GRAMÁTICA TRANSFORMACIONAL</i>	70
14.3 - <i>A GRAMÁTICA UNIVERSAL: PRINCÍPIOS E PARÂMETROS</i>	71
ATIVIDADE 15: LEITURA E ESTUDO DE TEXTO	72
ATIVIDADE 16: LEITURA COMPLEMENTAR	73
ATIVIDADE 17: TEMÁTICA PCC: VARIEDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	73
REFERÊNCIAS	74

SUMÁRIO

AGENDA DO MÓDULO 4	75
SUMÁRIO SEMANAL	77
Módulo 4 - Funcionalismo	77
ATIVIDADE 18: ELABORAÇÃO DO PLANO DE ESTUDOS	78
ATIVIDADE 19: LENDO O MÓDULO IV E ASSISTINDO À VIDEOAULA	78
17 - O FUNCIONALISMO EM LINGUÍSTICA	79
17.1 - O FUNCIONALISMO EUROPEU: A ESCOLA DE PRAGA, A ESCOLA DE LONDRES E O GRUPO HOLANDÊS	79
ATIVIDADE 20: GRAVANDO E COMPARTILHANDO SUAS IMPRESSÕES NO FLIPGRID	85
ATIVIDADE 21: LEITURA COMPLEMENTAR	86
17.2 - O FUNCIONALISMO NORTE-AMERICANO	86
ATIVIDADE 22: LEITURA COMPLEMENTAR	87
ATIVIDADE 23: PARTICIPANDO DE UM FÓRUM DE DISCUSSÃO	87
ATIVIDADE 24: LEITURA COMPLEMENTAR	88
ATIVIDADE 25: TEMÁTICA PCC: PRECONCEITO LINGUÍSTICO	88
REFERÊNCIAS	89
AGENDA DO MÓDULO 5	91
SUMÁRIO SEMANAL	93
Módulo 5 - Teorias da Enunciação	93
ATIVIDADE 26: ELABORAÇÃO DO PLANO DE ESTUDOS	94
ATIVIDADE 27: LENDO O MÓDULO V E ASSISTINDO À VIDEOAULA	94
20 - TEORIAS DA ENUNCIÇÃO	95
ATIVIDADE 28: LEITURA COMPLEMENTAR	95
20.1 - A ORIGEM DA NOÇÃO DE ENUNCIÇÃO E OS ESTUDOS DE ÉMILE BENVENISTE	96
20.2 - ALGUNS REPRESENTANTES DAS TEORIAS DA ENUNCIÇÃO	98
ATIVIDADE 29: LEITURA COMPLEMENTAR	100
ATIVIDADE 30: AS TEORIAS DA ENUNCIÇÃO	101
ATIVIDADE 31: PCC - FINALIZANDO O PORTFÓLIO	102
ATIVIDADE 32: PCC - COMPARTILHANDO O RESULTADO DA	
PARTE PRÁTICA	103
REFERÊNCIAS	103

FIGURAS

Figura 1: Recorte do Modelo de Entrada para o Portfólio referente à PCC	19
Figura 2: Modelo carta de apresentação	20
Figura 3: Modelo Relatório de Atividades	20
Figura 4: Ferdinand de Saussure, o fundador da linguística moderna.	40
Figura 5: O signo linguístico	53
Figura 6: O signo livro	54
Figura 7: Diagrama arbóreo ou árvore	71
Figura 8: Níveis do contexto social	82
Figura 9: A estratificação da linguagem metarredundando com registro, metarredundando, por sua vez, com gênero	84

INFORMAÇÕES

Caro/a aluno/a:

Ao longo deste livro você encontrará alguns “ícones” que lhe ajudarão a identificar as atividades.

Fique atento/a ao significado de cada um deles. Isso facilitará a sua leitura e seus estudos.



Áudio



Vídeo



Leituras
Indicadas



Multimídia



Atividades
Guia Impresso



Atividades
Ambiente Virtual



Saiba Mais



Pare e Pense



Pesquisando
na rede



Referências

Espero que possamos realizar uma boa parceria!

SOBRE AS AUTORAS

Maria Aparecida Resende Ottoni

Possui graduação em Letras - Português/Inglês - pela Universidade Federal de Uberlândia (1988), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia (1999) e doutorado, também em Linguística, pela Universidade de Brasília (2007). Fez um estágio de doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2007) e estágio de pós-doutoramento na Universidade de Brasília (2018). Atuou como assistente administrativo na UFU, como professora do ensino fundamental na Escola de Educação Básica da UFU (ESEBA) e como professora do ensino superior em faculdade particular. Atualmente, é professora associada do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFU), orientando na linha de pesquisa Linguagem, sujeito e discurso, e do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFU), orientando na linha de pesquisa Estudos da Linguagem e Práticas sociais. É líder do Grupo de Pesquisa e Estudo em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional, membro do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS/ Ceam/UnB) e do GT Gêneros textuais/discursivos da ANPOLL. Seu trabalho é voltado para a Análise de Discurso Crítica, letramento, gêneros do discurso, identidades e ensino de Língua Portuguesa.

Maíra Sueco Maegava Córdula

Professora da área de Inglês da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É licenciada em Letras: Português e Inglês pela Universidade de Franca (UNIFRAN), possui Mestrado em Linguística pela UNIFRAN e Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FLCAR-UNESP). Atua nos cursos de Letras: Inglês da UFU e também no programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos da mesma universidade (PPGEL-UFU). Seus principais interesses em pesquisa são: fonética e fonologia (prosódia), ensino-aprendizagem de línguas, formação de professores, material didático, internacionalização do ensino superior.

1 - INTRODUÇÃO

Caro(a) aluno(a):

É com muito prazer que iniciamos a disciplina “Introdução aos Estudos da Linguagem” do Curso de graduação em Letras: Inglês - Licenciatura, na modalidade a distância.

Esperamos que você esteja motivado para o início desta nova etapa de sua vida. Certamente, tudo o que você estudar nesta disciplina e nas outras que compõem o curso enriquecerá a sua formação profissional e contribuirá para o seu crescimento intelectual e pessoal.

O objetivo precípua desta disciplina é iniciá-lo(a) nos estudos sobre linguagem, propiciando-lhe um entendimento sobre as teorias linguísticas mais representativas dos séculos XIX, XX e XXI. Tudo isso lhe servirá de subsídio ao longo de todo o curso.

É importante lembrá-lo(a) de que a leitura desse livro deve ser articulada ao Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA (Moodle). Você também deve estar atento às orientações que receberá ao longo do curso, por meio do seu(a) tutor(a).

Considerando a ementa e os objetivos da disciplina, organizamo-la nos seguintes módulos:

Módulo 1 – Estudos linguísticos pré-saussureanos

Módulo 2 – O estruturalismo

Módulo 3 – O gerativismo

Módulo 4 - O funcionalismo

Módulo 5 – Teorias da enunciação

Em cada módulo, você desenvolverá atividades práticas e atividades teóricas.

Cada um desses módulos tem a duração de uma ou duas semanas, conforme você verá no cronograma geral e no mapa de atividades.

Nossas atividades iniciam-se sempre às segundas-feiras e finalizam-se sempre aos domingos. Tenha sempre em mente essas referências temporais, para sua organização de estudos.

Procure ler com atenção o material, assistir aos vídeos e fazer todas as atividades propostas, incluindo as que não valem nota.

Desejamos-lhe sucesso em seus estudos!

2 - SOBRE A DISCIPLINA

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Esta disciplina constitui uma introdução de suma importância a alunos(as) de um curso de Letras.

Nela, vamos tratar da pluralidade teórica na Linguística, do estudo da constituição da língua como objeto da Linguística, dos conceitos de língua e linguagem. Vamos, ainda, explicitar as teorias linguísticas mais representativas dos séculos XIX, XX e XXI e a constituição das áreas da Linguística. Todos esses conhecimentos serão fundamentais aos(as) alunos(as) para um melhor entendimento das outras disciplinas do curso.

Esta disciplina inclui 30 horas de atividades práticas, chamadas de Prática como Componente Curricular (PCC). De acordo com as orientações do “Projeto Institucional de Formação e Desenvolvimento dos Profissionais do Magistério para a Educação Básica”, aprovado no Conselho de Graduação (CONGRAD) em 22 de setembro de 2017, a carga horária relativa à PCC, foi denominada PROINTER – Projetos Interdisciplinares. Os Projetos Interdisciplinares – PROINTER devem “integrar as dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão, constituindo-se em Práticas Específicas, conforme indica o art. 12 da Resolução nº 15/2011, do Congrad”. Esses projetos têm como objetivo a formação para “aproximar o aluno da realidade escolar, possibilitar que ele seja capaz de refazer o processo de pesquisa e discutir metodologias e resultados, tendo em vista ampliar a compreensão a respeito da escola e de seus condicionantes”, de forma “a promover a articulação teoria-prática em toda formação”. Tendo isso em vista, ao longo da disciplina, você terá a oportunidade de realizar uma investigação, em que articulará a teoria e a prática e que lhe possibilitará uma aproximação da realidade escolar. As atividades relacionadas ao PROINTER estão distribuídas em todos os módulos deste livro.

Conforme Projeto Pedagógico do Curso, o objetivo geral desta disciplina é: introduzir o/a licenciando/a no universo teórico-metodológico dos Estudos da Linguagem, a partir da problematização dos conceitos de língua(gem) e do estudo das principais escolas linguísticas.

E os objetivos específicos que nortearão esta disciplina são:

Parte teórica

- apresentar as epistemes mais relevantes da História da Linguística;
- desenvolver noções como teoria, objeto, método e instrumentos de análise;
- propiciar reflexões em torno da constituição dos saberes.

Parte prática

A partir da temática: as concepções de língua e linguagem e suas formas de funcionamento:

- investigar a concepção de linguagem em materiais didáticos utilizados na escola onde o aluno-professor trabalha, ou em outra escola;
- investigar os conceitos de língua e aprendizagem de língua nos materiais utilizados pelo aluno-professor, ou por outro professor;
- refletir criticamente sobre os resultados dessas investigações, à luz dos conhecimentos teóricos construídos na disciplina.

Para atingir esses objetivos, nós seguiremos o seguinte **programa**:

- Estudos linguísticos pré-saussureanos
- Estruturalismo
- Gerativismo
- Funcionalismo
- Teorias da enunciação
- Análise de materiais didáticos

Principais materiais didáticos utilizados no curso :

- Livro
- Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) - Moodle.
- Materiais complementares.

Tempo de dedicação na disciplina

- Total de 105 horas, sendo 75 horas de parte teórica e 30 horas de parte prática. Esse total é distribuído em:
 - 06 horas síncronas (divididas em quatro encontros presenciais de 1 hora e 30 minutos cada) e
 - 99 horas à distância: ambiente Moodle

Você deverá planejar cuidadosamente a distribuição do seu tempo no decorrer dos estudos. No entanto, a sugestão é que você empregue, no mínimo, 20 horas semanais para cada um dos 4 primeiros módulos e 25 horas para o Módulo 5. Essas horas serão distribuídas entre atividades e avaliações desenvolvidas no AVA, leitura do material e da bibliografia de apoio.

Principais formas de avaliação

A avaliação será processual e ocorrerá ao longo de todas as semanas do curso, sendo considerado requisito para a aprovação no curso a participação em, pelo menos, 75% das atividades programadas. Serão apresentadas avaliações abertas, fechadas, fóruns, etc. e elas serão realizadas pelo AVA e presencialmente. Toda e qualquer atividade, ainda que não lhe seja atribuída nota, será acompanhada pelos responsáveis.

Os 100 pontos serão distribuídos da seguinte forma:

- 40 pontos – prova
- 31 pontos – atividades práticas e portfólio (PCC)
- 29 pontos – atividades diversas realizadas ao longo do curso

Apoio e acompanhamento

Durante todo o curso, você terá o apoio pedagógico e tecnológico para:

- Desenvolver as atividades propostas;
- Entrar no ambiente virtual de aprendizagem Moodle;
- Participar de fóruns, chats e demais atividades comunicativas;
- Enviar materiais relativos às atividades de colaboração;
- Realizar as avaliações e esclarecer quaisquer dúvidas sobre o curso.

Algumas ações permanentes do(a) aluno(a) ao longo do curso:

- Leitura frequente do quadro de avisos;
- Leitura frequente da caixa de e-mail;
- Envio de mensagens para desenvolvimento das atividades e
- Desenvolvimento de atividades colaborativas.

3 - CRONOGRAMA

1ª e 2ª semanas	3ª semana	4ª semana	5ª e 6ª semanas	7ª e 8ª semanas
Módulo I Estudos linguísticos pré-saussureanos	Módulo II O Estruturalismo	Módulo III O Gerativismo	Módulo IV O Funcionalismo	Módulo V Teorias da Enunciação
20 h, sendo 15h teóricas e 5h práticas (PCC)	20 h, sendo 15h teóricas e 5h práticas (PCC)	20 h, sendo 15h teóricas e 5h práticas (PCC)	20 h, sendo 15h teóricas e 5h práticas (PCC)	25 h, sendo 15h teóricas e 10h práticas (PCC)

4 - AGENDA DA DISCIPLINA

SEMANA	MÓDULO	CARGA HORÁRIA	ATIVIDADES / DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO	AVALIAÇÕES	PRODUÇÃO DE PORTFÓLIO
1ª e 2ª semanas	Módulo I Estudos linguísticos pré-saussureanos	20H, sendo 15h teóricas e 5h práticas (PCC)	Atividade 1: Lendo o Módulo 1 deste livro e assistindo à videoaula Atividade 2: Elaboração do plano de estudos Atividade 3: Assistindo a um vídeo sobre língua e linguagem humana Atividade 4: Fórum de discussão Atividade 5: Leitura complementar Atividade 6: Temática PCC - O livro didático e a prática docente	Parte teórica Atividade 4 Valor: 5 pontos Parte prática Atividade 6 Valor: 4 pontos	
3ª semana	Módulo II O Estruturalismo	20H, sendo 15h teóricas e 5h práticas (PCC)	Atividade 7: Elaboração do plano de estudos Atividade 8: Lendo o Módulo 2 deste livro e assistindo à videoaula Atividade 9: Assistindo a um vídeo Atividade 10: Leitura complementar Atividade 11: Produção de uma síntese Atividade 12: Temática PCC: Norma culta e norma-padrão	Parte teórica Atividade 11 Valor: 5 pontos Parte prática Atividade 12 Valor: 4 pontos	
4ª semana	Módulo III O Gerativismo	20H, sendo 15h teóricas e 5h práticas (PCC)	Atividade 13: Elaboração do plano de estudos Atividade 14: Lendo o Módulo 3 deste livro e assistindo à videoaula Atividade 15: Leitura e estudo de texto. Atividade 16: Leitura Complementar Atividade 17: Temática PCC: Variedade e variação linguística	Parte teórica - Atividade 15 Valor: 4 pontos Parte prática Atividade 17 Valor: 4 pontos	
5ª e 6ª semanas	Módulo IV O Funcionalismo	20H, sendo 15h teóricas e 5h práticas (PCC)	Atividade 18: Elaboração do plano de estudos Atividade 19: Lendo o Módulo 4 deste livro e assistindo à videoaula Atividade 20: Gravando e compartilhando suas impressões no Flipgrid Atividade 21: Leitura complementar Atividade 22: Leitura complementar Atividade 23: Participando de um Fórum de Discussão Atividade 24: Leitura complementar Atividade 25: Temática PCC: Preconceito linguístico	Parte teórica Atividade 20 Valor: 5 pontos Atividade 23 Valor: 5 pontos Parte prática Atividade 25 Valor: 4 pontos	
7ª e 8ª semanas	Módulo V Teorias da Enunciação	25H, sendo 15h teóricas e 10h práticas (PCC)	Atividade 26: Elaboração do plano de estudos Atividade 27: Lendo o Módulo 5 deste livro e assistindo à videoaula Atividade 28: Leitura Complementar Atividade 29: Leitura Complementar Atividade 30: Pesquisando na rede e aprendendo mais Atividade 31: Wiki – Teorias da enunciação Atividade 32: PCC - Finalizando o portfólio Atividade 33: PCC - Compartilhando o resultado da parte prática	Parte teórica Atividade 31 Valor: 5 pontos Parte prática Atividade 32 Valor: 10 pontos Atividade 33 Valor: 5 pontos	

5 - PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR

De acordo com o Projeto Pedagógico de nosso curso (PPC), as Práticas como Componente Curricular (PCC) fazem parte do Projeto Interdisciplinar (PROINTER). Durante seu curso, você cumprirá 405h de Práticas como componente curricular distribuídas na primeira metade do seu curso. Desse total, 225h estão concentradas em componentes curriculares específicos e as outras 180 horas estão distribuídas em disciplinas do curso. Nesta disciplina, “Introdução aos estudos da linguagem”, vocês terão 30h de atividades práticas relativas ao PCC, como já mencionado.

De acordo com o Projeto Institucional de Formação e Desenvolvimento do Profissional da Educação (RESOLUÇÃO SEI Nº 32/2017, DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO, de 27 de outubro de 2017),

Art. 18. O PROINTER pauta-se, ao mesmo tempo, no princípio da pesquisa e da extensão, como uma atitude cotidiana, que possibilita uma leitura crítica da realidade, a reconstrução de processos de ensino-aprendizagem e questionamentos constantes da realidade em que alunos e professores se encontram inseridos, tendo em vista sua transformação, por meio do trabalho coletivo entre licenciandos, professores formadores e professores de diferentes contextos educacionais, sendo balizados pela troca constante de saberes.

É preciso salientar também que o Projeto Pedagógico do Curso ressalta a importância do PROINTER na refacção do processo de pesquisa e na articulação teoria e prática na formação docente. Além disso, o PPC apresenta dois eixos para o desenvolvimento do PROINTER. As atividades desta disciplina se encaixam no eixo 1:

Eixo I – Docência (semestres 1 e 2): constituição do ser professor, identidade e formação docente; dimensões histórica, política, cultural, relacional; conhecimentos específicos e conhecimentos didático-pedagógicos; instrumentalização para os processos de ensino e aprendizagem. (PPC, 2021, p. 34)

O projeto de pesquisa a ser realizado durante esta disciplina, foca na compreensão de conhecimentos específicos e conhecimentos didático-pedagógicos com relação à língua e a linguagem na sociedade. Além disso, ao observar o material didático, você desenvolverá um olhar investigativo com relação a um dos instrumentos utilizados no processo de ensino e aprendizagem de línguas.

O Projeto Pedagógico do Curso prevê, a partir da temática: concepções de língua e linguagem e do conhecimento adquirido acerca das teorias linguísticas:

- Investigar a concepção de linguagem em materiais didáticos utilizados em escolas de educação básica;
- Investigar os conceitos de língua e aprendizagem de língua nos materiais utilizados pelo aluno-professor ou por outro professor;
- Refletir criticamente sobre os resultados dessas investigações, à luz dos conhecimentos teóricos construídos na disciplina.

Dessa forma, com o objetivo de fomentar a pesquisa como atitude cotidiana na docência, buscando integrar teoria e prática na formação docente, e em consonância com o objeto de conhecimento desta disciplina, propomos um projeto de investigação da linguagem e suas formas de ensino na docência, por meio da análise de materiais didáticos na prática de sala de aula, na educação básica.

Sua execução proporcionará ao aluno a oportunidade de analisar e refletir sobre o fazer no contexto escolar, sobre os materiais utilizados na prática docente e sobre a realidade da educação na sociedade atual.

Ao longo do curso, você fará uma investigação pautada na proposta apresentada e a apresentará em forma de um portfólio. E o que é um portfólio?

Portfólio: é a identificação e a construção de registro, análise, seleção e reflexão de produções mais significativas ou identificação dos maiores desafios em relação a um objeto de estudo. As principais operações são: identificação, obtenção e organização de dados, interpretação, crítica, análise e reelaboração. Pode evidenciar o registro do processo de construção de uma atividade, de um bloco de aulas, fase, módulo etc. Os registros podem conter trabalhos de pesquisa, texto individuais e coletivos, considerações importantes etc. (ARRUDA & MOURÃO, 2010, 137-8).

Mais à frente, neste guia, você encontrará todas as orientações para a elaboração de seu portfólio.

O resultado das várias PCCs desenvolvidas ao longo do curso será exposto no Seminário Institucional das Licenciaturas (SEILIC), previsto para o quinto período do curso. Então, seu trabalho oriundo desta disciplina também será exposto e discutido no SEILIC.

5.1 - Qual é a nossa proposta de PCC?

Para realizar a articulação entre a teoria e a prática, vamos nos pautar na relação entre a língua e a sociedade, mobilizando conceitos de norma padrão, variação linguística e preconceito linguístico, e investigando as concepções de língua, de linguagem e de aprendizagem de língua em livros didáticos. Desse modo, nas 30 horas de atividades práticas da disciplina, você fará contato com um/a professor/a de língua portuguesa ou de língua inglesa do ensino fundamental ou do ensino médio e o/a convidará a participar de uma entrevista (veja mais adiante um roteiro proposto para essa entrevista). Em seguida, fará a transcrição da entrevista para posterior análise. Além disso, selecionará um livro didático de língua portuguesa ou de língua inglesa e o analisará, tendo em vista as orientações propostas. Após a discussão dos resultados das análises, você fará uma reflexão sobre o que observou nas análises, sobre a proposta de atividade para o PROINTER e sobre o impacto dela na sua formação.

Atividade Prática	Carga horária	Cronograma
Contato com o professor/escola	2 horas	Módulo I
Entrevista com o professor e transcrição	3 horas	Módulo I
Seleção, descrição e análise sobre o livro didático - recorte 1	5 horas	Módulo II
Seleção, descrição e análise sobre o livro didático - recorte 2	5 horas	Módulo III
Seleção, descrição e análise sobre o livro didático - recorte 3	5 horas	Módulo IV
Reflexão sobre as questões observadas nas análises do material didático e na entrevista.	5 horas	Módulo V
Síntese do projeto realizado e considerações finais. Organização e entrega do portfólio com formatação adequada à ABNT. Apresentação e discussão dos resultados no Padlet	5 horas	Módulo V
CARGA HORÁRIA TOTAL	30 horas	

Para a construção de seu portfólio de atividades desenvolvidas, você vai criar uma ‘entrada’ para cada atividade. Essa entrada deve conter o título da atividade, a data de realização do registro, a descrição da atividade realizada, uma reflexão sobre a atividade realizada e a atividade (cópia, print, etc.). A reflexão é como uma autoavaliação, você pode listar dificuldades ao desenvolver a atividade, ou comentar sobre algo que lhe provocou surpresa ou curiosidade. Nessa seção de reflexão, você pode relacionar a atividade realizada com outras atividades desenvolvidas no curso ou com sua experiência pessoal/profissional.

Veja, a seguir, um modelo de entrada para o portfólio, o qual também está disponibilizado no AVA.

Figura 01 – Recorte do Modelo de Entrada para o Portfólio referente à PCC

PORTFOLIO Entrada no. <input type="text"/>	<input type="button" value="Diminuir zoom (Ctrl+Menos)"/>	Data: <input type="text"/>
1. Título:		
2. Descrição da atividade: (Descrever trecho selecionado, explicitando se faz parte de um todo, o que há antes ou depois, indicar a fonte completa, informar quando o material foi utilizado ou analisado, acrescentar qualquer informação necessária para a compreensão de que se trata o material).		
3. Reflexão: (incluir suas impressões sobre como o trecho descrito se relaciona com a disciplina, com os textos que você está estudando ou com a temática e título da entrada; informar também sua avaliação sobre a atividade, apresentando as dificuldades ou necessidade de maior aprofundamento)		
Anexos (inserir a reprodução das atividades selecionadas, por exemplo, transcrições, prints, cópias, etc.)		

Fonte: Das autoras, 2022.

É fundamental que você realize as atividades relativas à PCC dentro do período previsto para cada módulo. Não deixe para realizá-las somente nas últimas semanas do curso. É importante que você faça um pouco do trabalho em cada módulo. Faça a leitura atenta das orientações e se organize para a efetivação desta parte prática da disciplina.

Você contará com o apoio dos tutores e com a nossa orientação. Temos certeza de que teremos um ótimo resultado.

As atividades relativas ao PROINTER, a serem desenvolvidas em cada módulo, estão detalhadas a seguir.

5.1.1 Módulo I - Temática PCC: O livro didático e a prática docente

Ao final do Módulo I, você entregará no Moodle a carta de apresentação e a entrevista transcrita.

Durante o Módulo 1, você vai realizar o contato com o/a professor/a de língua portuguesa ou de língua inglesa e com a escola na qual você realizará o PROINTER. Você utilizará o modelo de carta de apresentação, a seguir, na qual explicitará os objetivos da prática durante a disciplina: investigar as concepções de língua, linguagem e aprendizagem de língua no material didático utilizado pelo/a professor/a de língua portuguesa ou inglesa, a partir de uma perspectiva de língua em uso na sociedade.

Figura 2 – Modelo carta de apresentação

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Prezado (a) Diretor (a),

Eu, _____, inscrito CPF _____, discente regularmente matriculado no curso de graduação em Letras Inglês, grau licenciatura, na modalidade a distância, do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), apresento-me à escola _____ (nome e endereço) para solicitar parceria para desenvolver as atividades de prática como componente curricular relativas a meu curso.

Na disciplina "Introdução aos Estudos da Linguagem", há 30 horas dedicada às atividades práticas. Na escola, realizarei atividades, no total de 5 horas, para realizar uma entrevista com o(a) professor(a) de língua portuguesa/inglês e selecionar trechos do livro didático utilizado na aula de língua portuguesa/inglesa para análise. O objetivo geral do projeto é investigar e refletir sobre as concepções de língua, linguagem e aprendizagem de língua na prática docente.

Agradeço a atenção e coloco-me à disposição para esclarecimentos.

_____ (local) _____, _____ (data) _____.

Nome completo e assinatura

Fonte: Das autoras, 2022

Esse modelo de carta de apresentação também está disponível no AVA.

Durante a realização das atividades práticas, o/a professor/a com o qual você realizará sua atividade prática PROINTER, irá acompanhá-lo/a e assinará seu relatório de atividades. Este deverá ser entregue ao final do Módulo V, no seu portfólio.

Veja o modelo de relatório de atividades a seguir. Ele também está disponível no AVA.

Figura 3 – Modelo Relatório de atividades

Modelo Relatório de Atividades

PCC – Introdução aos Estudos da Linguagem

Discente: _____

Professor (a) da escola: _____

Escola: _____

Professoras da UFU: _____

Data	Atividade Desenvolvida	Carga horária	Assinatura Professor(a)/ Diretor(a) da escola

Fonte: Das autoras

A primeira atividade a ser realizada com o/a professor/a de uma escola no Ensino Fundamental, no Ensino Médio ou em escolas de idiomas será uma entrevista sobre sua prática docente e o uso de material didático. Ao longo da entrevista, você vai coletar dados do material didático utilizado pelo/a docente.

Antes de realizar a entrevista leia sobre a temática do livro didático e a prática docente.

5.1.1.1 O livro didático e a prática docente

O professor de línguas, no cotidiano de seu fazer docente, utiliza técnicas, mobiliza saberes, faz opções didáticas e metodológicas continuamente em um jogo complexo em que saberes específicos e saberes interdisciplinares, especificamente, da esfera da educação, como o conhecimento da faixa etária, do desenvolvimento da cidadania, etc. são construídos com a comunidade escolar.

No Brasil, um dos instrumentos presentes nas salas de aula para uso do professor e dos estudantes é o livro didático. De acordo com Val e Marcuschi (2005, p. 8):

[...] o livro didático desempenha, hoje, na escola, uma função proeminente, seja na delimitação da proposta pedagógica a ser trabalhada em sala de aula, seja como material de apoio ao encaminhamento das atividades de ensino-aprendizagem, seja como suporte (único ou suplementar) disponível de textos de leitura para professores e alunos.

Além disso, Batista, Rojo e Zúñiga afirmam (2005, p. 47): “[o livro didático] É, também, um dos poucos materiais didáticos presentes cotidianamente na sala de aula, constituindo o conjunto de possibilidades a partir do qual a escola seleciona seus saberes, organiza-os, aborda-os.”

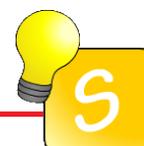
Conforme Valentin e Paulin (2013, p. 10867),

Os estudos sobre o livro didático na prática docente apontam que alguns professores o usam como instrumento de conhecimento e de métodos para o ensino constituindo-se em uma ferramenta de apoio e desenvolvimento da prática docente e consequentemente da aprendizagem do aluno, porém apontam também, que outros o usam não apenas como ferramenta, mas como direcionamento do ensino atribuindo-lhe outras finalidades, neste caso, como afirma Batista (2003), o livro didático define o agir da prática docente, o currículo, as abordagens metodológicas e quadros conceituais.

Desse modo, analisar o livro didático é uma forma de conhecer as concepções de língua, linguagem e aprendizagem de língua que estão em jogo na sala de aula de língua.

5.1.1.2 A entrevista

Para a realização da entrevista, é importante que você tenha um roteiro com algumas perguntas que poderão ser feitas ao/à professor/a. Veja o roteiro de entrevista semiestruturada que lhe sugerimos:



De acordo com Fontana (2018, p.71), as entrevistas semiestruturadas

oferecem mais flexibilidade ao pesquisador. Nessa direção, o entrevistador pode: 1) refazer questões; 2) reformular de modo distinto as questões caso o entrevistado não as compreenda; 3) certificar que foi devidamente entendido. Esse formato de pesquisa viabiliza tanto a obtenção de dados quantificáveis de modo estatístico, quanto, em viés qualitativo, no formato de relatórios, falas e observações/pontuações do pesquisador. Segundo Gil, as entrevistas semiestruturadas são guiadas “por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso” e além do mais devem ser realizadas considerando duas etapas sendo elas “...a especificação dos dados que se pretendem obter e a escolha e formulação das perguntas”. Assim, nas entrevistas semiestruturadas, temos a possibilidade de, por meio das respostas dos entrevistados, estimulá-los a uma resposta que não seja apenas um “sim” ou “não” de formulário (GIL, 2002).

SUGESTÃO DE ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM PROFESSOR/A

- Qual é o seu nível de escolaridade?
- Há quanto tempo atua como docente?
- Quais disciplinas você comumente ministra?
- Você adota algum livro didático? Se sim, qual? Se não, qual outro material utiliza?
- Qual é a concepção de língua que você adota na sua prática? Ela é a mesma explicitada no material didático que usa? (O que é língua para você?)
- Qual é a concepção de linguagem que você adota na sua prática? Ela é a mesma explicitada no material didático que usa? (O que você entende por linguagem? Você utiliza diferentes linguagens na sala de aula?)
- Qual é a concepção de aprendizagem de língua que predomina na sua prática e no material com o qual trabalha? (Como você acha que o aluno aprende inglês/português? Quando te perguntam o que é aprender inglês/português, o que você diz?)

As entrevistas deverão ser gravadas e depois transcritas, para garantir a fidedignidade dos dados. Você pode fazer apenas uma transcrição ortográfica, não precisa transcrever pausas, mudanças de volume, etc., se não achar necessário. Você não pode se esquecer de identificar o/a entrevistado/a por meio de um código, para preservar a identidade dele/a. Você deve também registrar a referência completa do(s) material(is) didático(s) utilizado(s) por cada entrevistado. Tudo isso irá compor o seu portfólio.

5.1.2 MÓDULO II - Temática PCC: Norma culta e norma-padrão

Ao final do Módulo II, você vai entregar uma descrição e análise do livro didático selecionado, observando se há referência às normas culta e padrão; se a língua é concebida como heterogênea, como um conjunto de variedades linguísticas. Destaque em que parte do livro tal referência aparece (ela aparece em uma atividade de leitura? ou em uma atividade de produção? ou em uma atividade de análise linguística? ou somente nas orientações ao professor?)

Neste módulo, você vai selecionar um trecho (unidade, atividade) do livro didático utilizado pelo/a professor/a entrevistado/a, com o objetivo de observar a perspectiva de norma linguística presente no material. Antes de fazer a seleção e de iniciar a análise, sobre norma culta e norma padrão.

5.1.2.1 Norma culta e norma-padrão

Carlos Alberto Faraco, linguista renomado e estudioso da língua portuguesa, com ampla produção intelectual sobre as ideias de Bakhtin, traz em sua obra “Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós” e em um minicurso que ele ministrou, de forma on-line, em 2020, no canal do Youtube da Parábola Editorial, uma discussão sobre o jogo de sentido dos conceitos de norma (culta e padrão) no contexto do Brasil atual. A motivação do autor para a discussão sobre a norma-padrão brasileira é o ressurgimento no cenário midiático brasileiro de um dos dizeres do senso comum sobre a língua: a deterioração da língua portuguesa. O autor defende, então, um urgente debate sobre as referências de padronização do Português Brasileiro em busca de uma melhor compreensão do uso padrão e melhor desenvolvimento do ensino de português.

Faraco destaca que qualquer língua é heterogênea, que ela existe como um conjunto de variedades linguísticas. Essas variedades são reunidas por uma motivação histórica, política e/ou cultural sobre o nome comum de português, ou inglês, ou alemão, por exemplo. A cada variedade, corresponde uma norma linguística.

Conforme Faraco (2020), a sociedade estipula determinados comportamentos linguísticos como os mais adequados a determinadas práticas de linguagem e os falantes vão internalizando esses comportamentos

como sendo os mais adequados. Esses comportamentos “modelares” são registrados em instrumentos normativos como os dicionários e as gramáticas. Assim, o conceito de norma, que vem sendo elaborado na linguística desde pelo menos o fim do século 19, se desdobra nos estudos linguísticos em duas dimensões diferentes, as quais podemos identificar por meio de dois adjetivos: “normal” e “normativa”. O autor explana que essas duas dimensões sustentam a diferença entre norma culta (norma normal) e norma-padrão (norma normativa).

A norma “normal”, segundo ele, é constituída por um conjunto de fenômenos linguísticos – fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais - que são correntes entre os falantes de uma determinada comunidade de fala. Nesse sentido, norma se identifica com normalidade, ou seja, com algo que é normal entre os falantes de determinada comunidade de fala. Como a sociedade é heterogênea, ela é constituída de várias comunidades de fala. Portanto, em uma sociedade, há várias normas normais. No Brasil, por exemplo, há normas características: de comunidades rurais tradicionais; de grupos juvenis urbanos; da população da periferia urbana etc.

Nessa perspectiva, a norma culta é uma das muitas normas normais típica da população urbana com nível de escolaridade médio-alto e usada em situações monitoradas de fala ou de escrita. Essas situações monitoradas são aquelas situações interacionais marcadas por um grau de formalidade, em que prestamos mais atenção à nossa forma de falar ou de escrever. Cabe salientar aqui que, como destaca Faraco (2020), há diferentes níveis de formalidade e que a norma culta não é homogênea. Ela comporta diferenças entre fala e escrita e diferenças entre os gêneros discursivos/textuais, por exemplo.

Além desses aspectos, Faraco (2020) chama a atenção para o fato de que não se deve entender a norma culta como aquela que se opõe a normas “incultas” que seriam faladas por grupos desprovidos de cultura. O adjetivo culta diz respeito especificamente a uma certa dimensão da cultura: a cultura urbana letrada em suas manifestações linguísticas monitoradas.

Quanto à norma-padrão (norma normativa), Faraco (2020) expõe que ela é um «fenômeno linguístico decorrente dos esforços socioculturais e políticos relativos à padronização linguística”. Ela é um “construto socio-histórico que serve de referência para estimular o processo de padronização onde ele é pertinente”, como tem destacado Marcos Bagno.

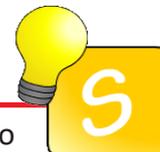
Contraopondo norma culta e norma-padrão, Faraco (2020) argumenta que, “enquanto a norma culta é a expressão viva, fluida de certos segmentos sociais em determinadas situações, a norma-padrão é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza teoricamente extraída do uso real para servir de referência a projetos políticos de uniformização”.

A argumentação de Faraco (2004) parte de uma reflexão sobre a conceituação de norma como a variedade utilizada por uma comunidade linguística e sobre o uso da língua pelo falante de forma a se identificar com sua comunidade linguística. Além disso, a diferença entre norma culta e norma-padrão é discutida, sendo a primeira conceitualizada por seu uso pela comunidade em que a escrita é o pano de fundo de suas atividades e a segunda, “[...] enquanto realidade léxico-gramatical, é um fenômeno relativamente abstrato: há, em sua codificação, um processo de relativo apagamento de marcas dialetais muito salientes. É por aí que a norma-padrão se torna uma referência supra-regional e transtemporal” (FARACO, 2004, p. 42).

O autor ressalta que a norma culta é a mais próxima da norma padrão, disso decorrem algumas falácias de cunho preconceituoso e de imposição de poder social, por exemplo, a consideração de que o falar não culto seja um falar de pessoas ignorantes e o uso incorreto da norma-padrão significar ignorância da própria língua, à medida que a comunidade linguística identifica a norma-padrão com a própria língua.

Nesse artigo, não se omite a importância de uma norma-padrão, principalmente na cultura letrada, pois ela propicia o apagamento de marcas dialetais salientes: “nesse sentido, o padrão tem sua importância e utilidade como força centrípeta no interior do vasto universo centrífugo de qualquer língua humana, em especial para as práticas de escrita” (FARACO, 2004, p. 42). Assim, o autor propõe o debate sem prejuízos sociais sobre a norma-padrão entre linguistas, gramáticos, jornalistas e todos os profissionais que se utilizam primordialmente da língua escrita no seu cotidiano.

Além disso, o autor questiona os paradoxos entre a realidade linguística brasileira e a opção por uma referência lusitana, tão fortemente presente no senso comum da compreensão do que é língua, que culmina em preconceitos linguísticos e na identificação da população brasileira com a imagem constante de ignorante da própria língua.



Para saber mais sobre a norma culta brasileira e norma-padrão, assista aos vídeos do professor Carlos Alberto Faraco, disponíveis nos links:

https://www.youtube.com/watch?v=Qo3XUQNu_7w&t=70s (aula 1);

https://www.youtube.com/watch?v=_pFom0flqeY (aula 2);

<https://www.youtube.com/watch?v=rcSjeKip4w8> (aula 3);

<https://www.youtube.com/watch?v=LDX0Ikua5c8> (aula 4);

<https://www.youtube.com/watch?v=a2oIiXIPAc> (aula 5).

Sugerimos ainda a leitura do artigo de Marcos Bagno, disponível no AVA, para saber mais sobre norma linguística e preconceito social:

BAGNO, M. Norma linguística & preconceito social: questões de terminologia. Veredas. Juiz de Fora, v. 5, n.2, p. 71-83, 2009.

5.1.2.2 Análise do livro didático – recorte

Em primeiro lugar, faça uma leitura geral do livro didático selecionado, utilizado pelo/a docente entrevistado/a, e depois selecione um trecho em que você possa levantar evidências do tratamento das normas culta e padrão no material. Observe se no livro a língua é concebida como heterogênea, como um conjunto de variedades linguísticas.



Indicamos a leitura de um exemplo de análise da variação linguística no livro didático, disponível no AVA. Ao ler o artigo, é importante que você faça anotações sobre aspectos que podem ser úteis para a elaboração de seu texto de análise que irá compor o portfólio.

BELINI, R. G. de C.; SOUSA, M. M. F de. A variação linguística no livro didático: um olhar sob a perspectiva sociolinguística. (Con)textos linguísticos. Vitória, v. 8, n. 10, p. 211-230, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/5839/5796>> Acesso em: 07 de fev de 2022.

5.1.3 MÓDULO III - Temática PCC: Variedade e variação linguística

Ao final do Módulo III, você vai entregar uma descrição e análise do livro didático selecionado, considerando a presença ou não de exemplos/atividades/textos que abordem a variação linguística.

Neste módulo, você vai investigar o que há no livro didático relacionado à variação linguística, considerando as atividades de leitura, de compreensão escrita e/ou oral, de análise linguística e semiótica e de produção de textos. Selecione a unidade que mais ilustre a presença de questões relacionadas à variação linguística. Após selecioná-la, você fará uma descrição dela e explicará como a variação linguística é abordada. Observe como os exemplos que você selecionou são abordados no livro e se há um tratamento explícito da variação linguística no mesmo.

Antes de realizar a atividade, leia um pouco sobre variação linguística.

5.1.3.1 Variação e mudança linguística

Há 30 anos, não usávamos a palavra ‘google’ para o nome de uma ferramenta de busca na Internet. Há alguns anos, também não usávamos o verbo ‘deletar’ corriqueiramente, nem mesmo usávamos o verbo ‘bloquear’ para se evitar o contato com algumas pessoas. Notamos que as línguas incorporam itens lexicais à medida que há demanda para tal inovação dentro de uma comunidade de usuários em determinado tempo. Isso porque a língua é viva, é heterogênea e passível de mudanças.

O fenômeno da mudança linguística não é o único que demonstra que a língua é heterogênea. Ao observarmos a língua em uso, por diferentes pessoas e por nós mesmos em situações diferentes, notamos que há variação linguística. Em termos gerais, podemos dizer que há diferenças de uso de vocabulário, de pronúncia, de sintaxe, dentre outras, entre usuários de uma mesma língua.

Os usos distintos da língua em determinada comunidade, em determinada região, podem caracterizar uma comunidade. Por exemplo, nós, usuários do Português Brasileiro, conseguimos reconhecer um falar da variedade mineira de um falar inserido na variedade carioca. No entanto, é importante salientar que as diferenças linguísticas não são compartimentadas. De acordo com Bortoni-Ricardo (2005, p. 24):

Já se observou que as variedades linguísticas no Brasil não são compartimentadas. Caracterizam-se por uma relativa permeabilidade e fluidez que se pode representar com um continuum horizontal em que as variedades se distribuem sem fronteiras definidas. A variação ao longo desse continuum vai depender de fatores diversos, tais como a mobilidade geográfica, o grau de instrução, a exposição aos meios de comunicação de massa, bem como a outras agências implementadoras da norma culta e urbana, ao gênero, ao grupo etário, ao mercado de trabalho do falante etc.

Um linguista pode observar a variação linguística de diferentes pontos de vistas.

De uma perspectiva dialetológica [...], interessa ao pesquisador verificar se os falantes de uma mesma língua apresentam diferenças nos seus modos de falar de acordo com o lugar em que estão (variação diatópica [...]), de acordo com a situação de fala, ou registro (variação diafásica), ou ainda de acordo com o nível socioeconômico do falantes (variação diastrática). (BELINE, 2002, p. 25)

Em resumo, as línguas estão associadas a seus usuários e não existem fora da comunidade em que são usadas, em determinado momento histórico. Dessa forma, podemos compreender que as línguas mudam e há variações linguísticas relacionadas a diversos fatores que não são relacionados ao falar ou escrever ‘corretamente’, mas sim às demandas de seus usuários para fins diversos, sendo um deles o propósito de comunicação.

Um dos objetivos do ensino de línguas, explicitado em documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é promover o conhecimento e o reconhecimento da diversidade linguística e a assunção de uma postura de respeito às variedades linguísticas existentes. Contudo, o ensino de língua ainda é confundido com o “ensino de uma norma padrão homogênea e abstrata, que em nada se aproxima dos diferentes usos da língua nas mais variadas situações de expressão sociocultural na multifacetada realidade sociolinguística brasileira” (MARTINS, 2017, p. 108). Em decorrência disso, conforme expõe este autor, a variação e a diversidade linguística são relegadas ao lugar do estereotipado e do socialmente marcado e o preconceito linguístico é perpetuado.

Como destaca Camacho (2011, p. 35-6), “a variação é uma característica inerente das línguas naturais” e “todas as línguas e dialetos (variedades de uma língua) são igualmente complexas e eficientes para o exercício de todas as funções a que se destinam e nenhuma língua ou variedade dialetal é inerentemente inferior a outra similar sua”. Desse modo, espera-se que nos materiais didáticos não se construa uma representação de que uma variedade linguística é superior a outra, mas, sim, que se valorize a diversidade linguística e se combata o preconceito linguístico.

Assista ao vídeo sobre a relação entre variação linguística e ensino de línguas, disponível no seguinte link: <https://youtu.be/8SwXexFAfXw>



Tome notas das questões levantadas pelo palestrante Marcos Bagno ao analisar alguns trechos de livros didáticos de língua portuguesa. Alguns dos exemplos apresentados pelo palestrante são similares ao que você encontrou no livro que está analisando?

5.1.4 MÓDULO IV – Temática PCC: Preconceito Linguístico

Ao final do Módulo IV, você vai entregar uma descrição e análise do livro didático selecionado, considerando a presença ou não de exemplos/atividades/textos que abordem a questão do preconceito linguístico.

Neste módulo, vocês vão selecionar um trecho com exemplos, atividades ou textos que abordem de alguma forma a questão do preconceito linguístico no livro didático em análise. Lembrem-se de preencher a ficha modelo, descrevendo o trecho selecionado e apresentando a relação do material com a temática da parte prática deste módulo, o preconceito linguístico.

Para realizar conhecer um pouco sobre o tema, apresentamos a seguir uma breve explanação sobre o preconceito linguístico.

5.1.4. 1 O que é o preconceito linguístico?

Scherre (2005, p. 87-88) ao analisar textos em jornais sobre a língua portuguesa salienta que:

[...] tentar aprisionar a língua é na verdade tentar cercear o espírito criador do ser humano. Felizmente, o ser humano e, conseqüentemente, a língua não se deixam aprisionar. A prova este fato está na variação e nas mudanças linguísticas, inexoráveis ao longo do tempo, pelas mais diversas razões. Ignorar tal fato revela desconhecimento ou simplesmente vontade de vender jornal a qualquer custo, mesmo a custo de enfatizar o preconceito linguístico, um dos grandes males da humanidade. É impreioso repetir que as línguas, além de excelentes sistemas de comunicação e de identificação, podem ser também perversos instrumentos de exercício do poder.

A autora ainda apresenta uma consideração importante acerca da consequência do olhar equivocado de que a língua é a gramática normativa para o ensino:

Chega a ser perversa a ideia naturalizada e generalizada que as pessoas expressam em afirmações como ‘não sei falar a minha língua’ ou ‘a minha língua é difícil e complicada’. [...] Então, quando um falante nativo de uma língua explicita o sentimento de que não sabe falar a sua própria língua, ele de fato está confundindo sua língua com a gramática normativa de parte de sua língua. (SCHERRE, 2005, p. 89)

Bagno (2006, p. 9) defende que é a confusão entre o que é língua e o que é gramática normativa gera o preconceito linguístico:

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua.

Para explicar as premissas de um pensamento que valida o preconceito linguístico, o autor apresenta 7 mitos. Um dos mitos elencados é de que se fala uma língua homogênea em todo o Brasil; essa percepção apaga a diversidade e a variação linguística, deslegitimando os diferentes usos da língua em suas diferentes situações de uso.

Bagno (2006) explica que o preconceito linguístico está diretamente ligado a questões socioeconômicas, regionais e culturais e existe porque se acredita que há um padrão a ser seguido e tudo o que “foge” do que se considera norma culta é considerado como um erro.

No que concerne a questões regionais e culturais, é infelizmente comum vermos uma pessoa que não é mineira tecer críticas negativas a um/a mineiro/a, quando este/a pronuncia verbos no gerúndio sem o “d” da sílaba final e substituindo o som de “o” pelo de “u” como, por exemplo, “fazenu, cumenu, sentinu, pensanu”. Da mesma forma, nordestinos são avaliados negativamente por muitos sulistas, que acreditam que o Nordeste é uma região culturalmente inferior.

No tocante a questões socioeconômicas, é também comum vermos pessoas que transformam o L em R nos encontros consonantais como em Cráudia, chicrete, praca, broco, pranta serem estigmatizadas, como ilustra Bagno (2006). São pessoas que “pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada ‘feia’, ‘pobre’, ‘carente’, quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola.» (BAGNO, 2007, p. 42).

Verificamos que compreender a natureza da língua, a variação linguística como parte inexorável da língua permite o reconhecimento de que não há validade nas asserções preconceituosas quanto ao uso diverso da língua.



Para conhecer mais sobre o preconceito linguístico, assista à entrevista sobre a temática exibida no Jornal da UFU, disponível no link: <https://youtu.be/-o0SXte2HIQ>

5.1.5 MÓDULO V - Temática PCC: Concepções de língua, linguagem e aprendizagem no livro didático

Ao final do Módulo V, você vai entregar um texto analítico, em que você vai retomar os dados coletados na entrevista e no livro didático e relacionar com os textos teóricos da disciplina, buscando destacar trechos que ilustrem as concepções de língua, de linguagem e de aprendizagem de línguas neles presentes.

Além disso, você terminará a organização do seu portfólio e preparará uma apresentação em vídeo sobre o resultado de seu portfólio para a discussão em grupo.

Chegou o momento de você realizar uma síntese do trabalho desenvolvido na parte prática desta disciplina. Para realizar a reflexão e análise, leia a seção a seguir.

5.1.5.1 Reflexão e síntese

Depois de concluída toda a coleta de dados (entrevistas e cópia de partes dos materiais), você vai analisá-los, no sentido de identificar a qual(is) teoria(s) estudada(s) eles se vinculam. Durante a disciplina, você conheceu um pouco mais da ciência que estuda a linguagem e como são as diferentes abordagens sobre a língua. Dessa forma, você poderá agora analisar quais as concepções de língua, linguagem e aprendizagem de língua presentes no material analisado. Revisite os textos estudados na disciplina e busque trazer elementos ilustrativos dos argumentos que você arrolar em sua análise. Procure escrever um texto com introdução, desenvolvimento e conclusão, em que você argumente utilizando os dados para ilustrar e os textos teóricos da disciplina para fundamentar seus argumentos.

5.1.5.2 Concepções sobre aprendizagem de língua

Ao longo de seu curso de graduação, você vai conhecer diferentes abordagens teóricas sobre a aquisição de língua e o processo de ensino e aprendizagem de língua, dentre outros fatores que entram em jogo na sala de aula. Sendo assim, o exercício de análise sobre o livro didático é um passo inicial para o desenvolvimento de seu olhar investigativo como profissional da educação, professor de língua em formação sobre essas concepções.

Com a finalidade de realizar o exercício de análise proposto, vamos verificar algumas abordagens sobre a aprendizagem de língua de uma forma bastante simplista, mas que possa elucidar algumas concepções de língua e linguagem a elas atreladas.

De forma bastante resumida, pode-se dizer que é possível olhar o processo de conhecimento de uma língua a partir de como ela é adquirida, observando-se os processos cognitivos necessários para utilizar uma língua. Conhecer o processo de aquisição pode explicar construções ainda não gramaticais na língua-alvo, considerando-se o erro como parte do processo.

A aquisição de língua materna pode ser diferente da aquisição de uma língua estrangeira ou segunda língua. Em uma visão de aquisição de forma natural, as línguas adquiridas em outras fases da vida seguem o mesmo caminho das que conhecemos quando nos inserimos na primeira vez na língua como bebês. Nesse caso, é preciso que haja muita exposição à língua alvo.

A partir de uma perspectiva behaviorista, a língua é aprendida a partir da repetição de hábitos. Nesse caso, é preciso que sejam apenas repetidos os hábitos considerados 'corretos'. O processo de aprendizado seria desenvolvido por meio de estímulos e reforços positivos ou negativos.

Por um viés construtivista, a aprendizagem se dá por meio da interação entre os aprendizes de forma a se construir o conhecimento a partir do nível de conhecimento dos estudantes. Há também uma perspectiva em que a aprendizagem se dá pela inserção dos estudantes em comunidade de prática. Nessas duas abordagens, o foco é o uso da língua e não o ensino de regras específicas, em especial, regras prescritivas sobre a língua.

É importante ressaltar que as abordagens sobre o processo de ensino-aprendizagem da língua, em geral, focam no processo que ocorre durante atividades formais de ensino, mas a aprendizagem de uma língua ocorre também por meios informais com o contato dos estudantes com textos orais ou escritos na língua estudada e sua produção também oral ou escrita nessa língua.

Como não poderia faltar, em seu portfólio deve constar uma reflexão acerca da disciplina e dos resultados de sua investigação. Acrescente essas observações ao final do portfólio.



Leia sobre a concepção de língua no processo de ensino-aprendizagem de inglês no Brasil no artigo de Clarissa Jordão, disponível no AVA:

JORDÃO, C. ILA - ILF - ILE - ILG: quem dá conta? RBLA, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 13-40, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982014000100002> Acesso em: 08 de fev de 2022.



Para saber mais sobre a relação entre concepções de língua e métodos de ensino de língua inglesa, leia o texto de Uphoff, disponível no link: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4490214/mod_resource/content/5/Uphoff%202008.pdf

UPHOFF, Dörthe. "A história dos Métodos de Ensino de Inglês no Brasil". In: BOLOGNINI, Carmen Zink. A língua inglesa na escola. Discurso e ensino. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p. 9-15. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4490214/mod_resource/content/5/Uphoff%202008.pdf. Acesso em: 08 de fev. 2022

5.2 Organização e entrega do portfólio

Em relação à estrutura de seu portfólio, ele deve conter:

- a) Capa
- b) Página de rosto
- c) Sumário
- d) Introdução (nesta parte, você deve dizer que o trabalho foi produzido como parte das atividades da disciplina – colocar o nome -; você deve apresentar os objetivos do PROINTER e os motivos pelos quais ele se justifica; você deve informar como seu portfólio foi organizado)
- e) Procedimentos metodológicos (nesta parte você vai detalhar os passos que seguiu para a realização de seu trabalho)
- f) Apresentação dos dados (nesta parte, você vai apresentar as transcrições das entrevistas, as informações sobre os entrevistados e os trechos dos materiais didáticos descritos) - entradas preparadas nos módulos I, II, III e IV
- g) Análise dos dados (nesta parte, você vai analisar os dados, no sentido de identificar a qua(is) teoria(s) estudada(s) eles se vinculam) - entrada preparada no Módulo V
- h) Reflexão sobre a disciplina e sobre a investigação (nesta parte você vai apresentar a sua reflexão acerca da disciplina, da prática de análise de material didático e contato com o professor da disciplina e dos resultados de sua investigação).
- i) Anexos (incluir carta de apresentação, relatório de atividades e outros documentos, se necessário)
- j) Referências (nesta parte você vai listar os textos teóricos utilizados para a produção de seu portfólio de acordo com as normas da ABNT)

Como foi dito, seu portfólio valerá 20 pontos e você terá 30 horas, dentro das 105h de nossa disciplina, para realizar este trabalho.

5.3 Apresentação dos resultados e discussão

Após terminar seu portfólio, você poderá compartilhar os resultados de sua investigação com seus/suas colegas. Você deve preparar um vídeo que será compartilhado em um mural virtual (PADLET). A seguir, são apresentadas as orientações para a produção de seu vídeo.

Depois de concluído o portfólio, você elaborará slides a serem apresentados, em vídeo. Seus slides deverão contemplar todas as partes constitutivas de seu portfólio. Lembre-se de que os slides serão apenas um apoio verbo-visual para sua exposição oral. Você não deve inserir textos longos em cada slide. O ideal é incluir tópicos que nortearão sua fala. Ao produzir os slides, você deve considerar o tempo máximo de 10 minutos de gravação.

Depois de preparar os slides, é importante que você pense em tudo que considera importante falar em sua exposição oral, em como deve falar, e que faça vários ensaios para se certificar da qualidade de sua comunicação e da adequação dela ao tempo máximo de 10 minutos. Em seguida, você fará a gravação em vídeo da exposição oral para postagem no Padlet.

ATENÇÃO: De modo algum você deve ficar só lendo o que está nos slides. Eles serão apenas um apoio verbo-visual para sua comunicação. Observe bem sua postura, a entonação, o ritmo de sua fala.



Vamos assistir a algumas comunicações orais. Nos links a seguir, você terá acesso a algumas, o que poderá ajudá-lo(a) na elaboração de sua apresentação:

<https://youtu.be/eBULJXipDyk>

<https://www.youtube.com/watch?v=8xF8FasmlIdM>

<https://www.youtube.com/watch?v=rzOT8hTTY8k>

<https://www.youtube.com/watch?v=1uCdFPNbMbw>

<https://www.youtube.com/watch?v=QTJInxs1D1Y>

Para a gravação em vídeo, há várias possibilidades. A seguir, apresentamos-lhe alguns tutoriais e links para que você escolha qual ferramenta usará para a gravação. Saiba como criar e gravar em vídeo uma apresentação, acessando os links e arquivos a seguir:

Como gravar, editar e publicar vídeos usando o Loom: <https://www.youtube.com/watch?v=EYkH3yED-7Q>

<https://screencast-o-matic.com/>

<https://www.youtube.com/watch?v=53re4hYhZM4>

Depois de produzir a gravação em vídeo, você vai socializá-lo no mural digital criado no Padlet. Por meio desse mural, você poderá assistir às apresentações dos(as) colegas e tecer considerações sobre o trabalho produzido por, pelo menos, 2 colegas. Seus comentários também serão compartilhados no mural digital.

Seguem algumas orientações para você realizar essa atividade:

1º Produza seus slides

2º Grave a apresentação dos slides em vídeo e a salve, conforme exemplo: apresentaçãoSEUNOME

3º Compartilhe o seu vídeo no mural virtual (PADLET) até o dia 24/04/2022. Para isso, clique no link correspondente:

Turma 1 – <https://padlet.com/mcordula1/z0j7m6x1iht5rr1x>

Turma 2 – <https://padlet.com/mcordula1/sauzsv8qe633g4s>

Turma 3 – <https://padlet.com/mcordula1/e1znjqc59458qtu2>

Turma 4 – <https://padlet.com/mcordula1/zcidrx3jc247klzf>

Turma 5 – <https://padlet.com/mcordula1/y9z974x5fy6zo7w5>

Depois de acessar o link, clique em adicionar coluna, nomeie sua coluna SEUNOME. Depois clique em + e faça o upload do vídeo.

4º Teça comentários sobre os vídeos postados por pelo menos 2 colegas. Para isso, assista ao vídeo do/da colega, depois clique no botão + abaixo do vídeo e poste seu comentário. Se você não estiver logado no seu navegador, você precisará acrescentar seu nome. Se não escrever seu nome, a postagem aparecerá como 'anônimo'.

5º Acompanhe as postagens e responda dúvidas ou comentários de seus/suas colegas sobre seu vídeo também. Na medida em que outros/as colegas vão postando suas atividades, elas vão aparecendo no Mural e você poderá visitar, comentar, dar dicas e sugestões aos/às colegas.

Não deixe para realizar as atividades práticas do PCC somente nas últimas semanas do curso. É importante que você faça um pouco do trabalho em cada módulo. Você contará com o apoio dos tutores e com a nossa orientação. Temos certeza de que teremos um ótimo resultado.



Para saber mais sobre portfólio, acesse o arquivo em PDF – Roteiro Portfólio -, disponível no AVA. Acesse também o seguinte site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Portfólio>

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. 47ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- _____. Norma linguística & preconceito social: questões de terminologia. Veredas. Juiz de Fora, v. 5, n.2, p. 71-83, 2009.
- BARROS, D. P. A comunicação humana. In: FIORIN, J. L. (org.). Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos. São Paulo, Contexto, 2002, p. 25-53.
- BATISTA, A. A. G.; ROJO, R.; ZÚÑIGA, N. C. Produzindo livros didáticos em tempo de mudança. In: VAL, M. G. C.; MARCUSCHI, B. (org.) Livros didáticos de língua portuguesa: letramento, inclusão e cidadania. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 47-72.
- BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. (org.). Introdução à linguística: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002. P. 121-140.
- BELINI, R. G. de C.; SOUSA, M. M. F de. A variação linguística no livro didático: um olhar sob a perspectiva sociolinguística. (Con)textos linguísticos. Vitória, v. 8, n. 10, p. 211-230, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/5839/5796>> Acesso em: 07 de fev de 2022.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Nós chegemos na escola e agora? Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Norma culta e variedades linguísticas. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381260/1/caderno-formacao-pedagogia_11.pdf Acesso em: 10 fev. 22
- FARACO, C. A. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (org.) Linguística da norma. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- _____. Minicurso - Norma culta brasileira - aula 1. Youtube, 12 maio 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Qo3XUQNu_7w. Acesso em 14 jan. 2022.
- FONTANA, F. Técnicas de pesquisa. In: MAZUCATO, T. (org.). Metodologia da pesquisa e do trabalho científico. Penápolis: FUNEPE, 2018. p.59-80.
- JORDÃO, C. ILA - ILF - ILE - ILG: quem dá conta? RBLA, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 13-40, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982014000100002> Acesso em: 08 de fev de 2022.
- MARTINS, M. A. Em defesa do ensino de gramática na escola. Revista do GELNE, v.19, n.1, p. 103-117, 2017.
- SCHERRE, M. M. P. Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- VAL, M. G. C.; MARCUSCHI, B. Apresentação. In: VAL, M. G. C.; MARCUSCHI, B. (org.) Livros didáticos de língua portuguesa: letramento, inclusão e cidadania. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 07-12.
- VALENTIN, V. de F.; PAULIN, J. O livro didático e a formação de professores . CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, XI, Anais..... Curitiba, p. 10865-10878, 2013.
- UPHOFF, D. “A história dos Métodos de Ensino de Inglês no Brasil”. In: BOLOGNINI, Carmen Zink. A língua inglesa na escola. Discurso e ensino. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p. 9-15. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4490214/mod_resource/content/5/Uphoff%202008.pdf Acesso em: 08 de fev. 2022.

6 - AGENDA DO MÓDULO 1

CONTEÚDO	DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO	AVALIAÇÕES
<p>Estudos linguísticos pré-saussureanos</p> <p>8.1. CONCEITOS DE LÍNGUA, LINGUAGEM</p> <p>8.2. CONCEITO DE LINGUÍSTICA</p> <p>8.3. OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS COMPARATIVAS E HISTÓRICOS DO SÉCULO XIX</p>	<p>Atividade 1: Lendo o Módulo 1 deste livro e assistindo à videoaula</p> <p>Atividade 2: Elaboração do plano de estudos</p> <p>A disciplina que estamos iniciando é fundamental dentro do curso de Letras. Ela fornece subsídios aos/às alunos/as para o estudo e aprofundamento de muitas questões importantes sobre a linguagem e sobre a Linguística.</p> <p>Neste primeiro módulo, vamos nos concentrar nos estudos linguísticos pré-saussureanos.</p> <p>Antes de iniciar a leitura do primeiro texto previsto para este módulo, é importante que você faça um planejamento semanal dos seus estudos. Esse planejamento é fundamental para que você se organize em relação aos novos e importantes conhecimentos que está adquirindo. Portanto, vamos ao plano! Sua primeira tarefa é organizar-se para as semanas em que o módulo será ministrado. Lembre-se de que você precisará dispor de 20 horas para concluí-lo. Portanto, planeje sua semana.</p> <p>Atividade 3: Assistindo a um vídeo sobre língua e linguagem humana</p> <p>Para ampliar seus conhecimentos sobre o tema, assista:</p> <p>http://www.youtube.com/watch?v=8ndOTKoKggA</p> <p>Assista uma primeira vez, para ter uma noção do todo. Depois, volte a assistir ao vídeo e anote as informações mais importantes.</p> <p>Atividade 4: Fórum de discussão: Com base no que você registrou no livro e no vídeo que assistiu, apresente uma definição para língua e para linguagem e destaque a importância que ambas têm em nossa sociedade.</p> <p>Além disso, é importante que você comente a resposta de pelo menos um/a colega.</p> <p>Atividade 5: Leitura complementar</p> <p>Para ampliar um pouco mais seus conhecimentos sobre o assunto tratado no módulo 1, sugerimos a leitura das páginas 1-4 do seguinte texto:</p> <p>GONÇALVES, C. F. P.; SANTOS, M. B. dos. E surgiu, então, a Linguística. CIÊNCIA E CONHECIMENTO: REVISTA ELETRÔNICA DA ULBRA. SÃO JERÔNIMO – VOL. 01, 2007, LETRAS, A.1, 1-8. Disponível em: http://paginapessoal.utfpr.edu.br/silvanaayub/celem_2012/artigos/9_E%20surgiu-%20entao-%20a%20Linguistica.pdf/view</p> <p>Atividade 6: Temática PPC – O livro didático e a prática docente</p> <p>Neste módulo, você vai iniciar seu projeto a ser desenvolvido durante as horas de PCC. Você entrará em contato com um(a) professor(a)/escola para realizar as atividades, preparará uma carta de apresentação (esta deverá ser entregue no Moodle) e entrevistará o(a) professor(a) sobre suas concepções de língua, linguagem e aprendizagem de línguas. Para se preparar para a entrevista, faça as leituras indicadas no livro e siga o roteiro proposto. Em seguida, você fará a transcrição e entregará a primeira entrada do seu portfólio no AVA. Leia as instruções presentes na seção 5.1.1 deste livro.</p>	<p>SOBRE A ATIVIDADE 4: Fórum de discussão</p> <p>Valor:0-5 pontos</p> <p>SOBRE A ATIVIDADE 5: Entrega da carta de apresentação e da entrevista transcrita</p> <p>Valor:0-4 pontos</p>

7 - SUMÁRIO SEMANAL

Módulo 1 - Os estudos linguísticos pré-saussureanos

Conteúdos básicos

- conceitos de língua, linguagem
- características da linguagem humana
- conceito de linguística
- os estudos linguísticos comparatistas e históricos do século XIX

Objetivos

- conceituar língua, linguagem e linguística;
- Apresentar os estudos linguísticos pré-saussureanos.

Caro(a) aluno(a):

É com muito prazer que iniciamos o primeiro módulo da disciplina “Introdução aos Estudos da Linguagem” do Curso de Letras Inglês - Licenciatura, na modalidade a distância.

Neste módulo apresentaremos algumas definições de língua e de linguagem, trataremos do termo “linguística” e faremos uma exposição sobre os estudos linguísticos comparatistas e históricos do século XIX.

Seja bem-vindo(a) à primeira etapa de sua formação no Curso de Letras - Licenciatura em Inglês e Literaturas de Língua Inglesa!

Principais materiais

Neste módulo, além deste livro, você assistirá a alguns vídeos, fará leituras de textos e hipertextos e desenvolverá suas atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle.

Tempo de dedicação neste módulo

Para desenvolver as atividades deste módulo, recomendamos uma dedicação de, pelo menos, 20 horas, distribuídas entre: encontro síncrono, leitura do livro e realização de atividades avaliativas.

Principais formas de avaliação

Fórum de discussão.

Entrega de documentação - carta de apresentação e entrevista - PCC

ATIVIDADE 1: LENDO O MÓDULO 1 DESTE LIVRO E ASSISTINDO À VIDEOAULA

ATIVIDADE 2: ELABORAÇÃO DO PLANO DE ESTUDOS

A disciplina que estamos iniciando é fundamental dentro do curso de Letras. Ela fornece subsídios aos(as) alunos(as) para o estudo e aprofundamento de muitas questões importantes sobre a linguagem e sobre a Linguística.

Neste primeiro módulo, vamos nos concentrar nos estudos linguísticos pré-saussureanos.

Antes de iniciar a leitura do primeiro texto previsto para este módulo, é importante que você faça um planejamento semanal dos seus estudos. Esse planejamento é fundamental para que você se organize em relação aos novos e importantes conhecimentos que está adquirindo. Portanto, vamos ao plano! Sua primeira tarefa é organizar-se para a semana em que o módulo será ministrado. Lembre-se de que você precisará dispor de 20 horas para concluí-lo. Portanto, planeje sua semana.

8 CONCEITUANDO LÍNGUA E LINGUAGEM



REGISTRANDO NO LIVRO

Questão inicial: Escreva abaixo como você define língua e linguagem.

Você já pensou na importância que a linguagem tem em nossa sociedade? Por meio dela, expressamos nossas emoções, sentimentos, idéias; nós criamos e transformamos. Ela constitui a sociedade e é por ela constituída pertence ao domínio individual e ao social.

Cunha, Costa e Martelotta (2008, p. 15-6) consideram que o termo linguagem apresenta mais de um sentido.

Ele é comumente empregado para referir-se a qualquer processo de comunicação, como a linguagem dos animais, a linguagem corporal, a linguagem das artes, a linguagem da sinalização, a linguagem escrita, entre outras. Nessa acepção, as línguas naturais, como o português ou o italiano, por exemplo, são formas de linguagem, já que constituem instrumentos que possibilitam o processo de comunicação entre os membros de uma comunidade.

Entretanto, os linguistas – cientistas que se dedicam à linguística – costumam estabelecer uma relação diferente entre os conceitos de linguagem e língua. Entendendo linguagem como uma habilidade, os linguistas definem o termo como a capacidade que apenas os seres humanos possuem de se comunicar por meio de línguas. Por sua vez, o termo “língua” é normalmente definido como um sistema de signos vocais¹ utilizado como meio de comunicação entre os membros de um grupo social ou de uma comunidade linguística.

Quando falamos, então, que os linguistas estudam a linguagem, queremos dizer que, embora observem a estrutura das línguas naturais, eles não estão interessados apenas na estrutura particular dessas línguas, mas nos processos que estão na base da sua utilização como instrumentos de comunicação. Em outras palavras, o linguista não é necessariamente um poliglota ou um conhecedor do funcionamento específico de várias línguas, mas um estudioso dos processos através dos quais essas várias línguas refletem, em sua estrutura, aspectos universais essencialmente humanos.

Será que podemos falar que há uma linguagem animal?

É possível perceber que os animais conseguem exteriorizar o medo e a cólera, por exemplo, por meio de determinados sons ou gestos. Isso é uma forma de comunicação entre os animais, mas será que podemos dizer que é linguagem?

O zoólogo Karl von Frisch estudou o comportamento das abelhas e efetuou importantes descobertas sobre os sentidos dos insetos e sua utilização pelos membros de uma sociedade para trocar informações. Ele observou que a obreira, quando encontra uma fonte de alimento, comunica ao resto da colméia a localização da fonte por meio de dois tipos de dança: a dança circular, para indicar que a comida se encontra num raio de menos de 75m, e a agitação violenta do abdomen, que assinala distâncias maiores.

Sem dúvida, é um sistema de comunicação preciso e útil para esses animais, mas, como argumenta Lopes (1980, p. 36), “esse sistema de comunicação entre as abelhas – ou outro tipo qualquer de sistema de comunicação utilizado pelos animais -, não constitui, ainda, uma linguagem, pelo menos no sentido em que utilizamos o termo quando falamos de linguagem humana”.

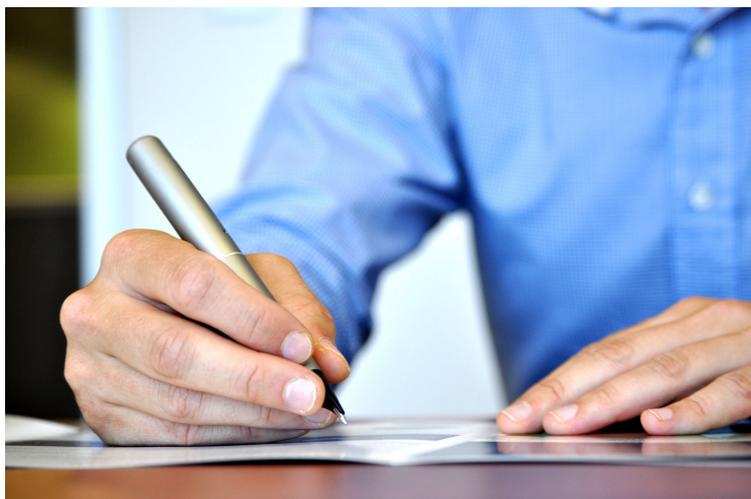
Lopes apresenta vários motivos pelos quais não podemos considerar esse sistema de comunicação como linguagem:

- a) não é um produto cultural, pois a cultura é tipicamente humana;
- b) é invariável, no tempo e no espaço. Fornece sempre, ao mesmo grupo, o mesmo tipo de informação. Essa informação é referente a alimento;
- c) não expressa sentidos diferentes de acordo com diferentes experiências e situações;
- d) é composta de índices; ela não se compõe, como a linguagem humana, de signos que são fruto das convenções estabelecidas pelo homem;
- e) não é articulada; não se deixa decompor em elementos menores;
- f) não tem uma significação sistêmica nem é suscetível de ser analisada em unidades mínimas.

¹ Cabe registrar a existência da chamada língua dos sinais, utilizada pelos surdos, em que não há signos vocais, mas visuais. O sistema de comunicação dos surdos é considerado uma língua pela grande maioria dos autores, já que, embora não se constitua de sinais sonoros, apresenta as características básicas das línguas naturais.



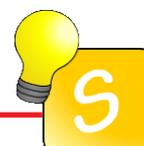
SAIBA MAIS



Sobre isso, acesse o seguinte blog para uma leitura complementar:

<http://geovanachiari.blogspot.com/2010/08/danca-das-abelhas-linguagem-ou-codigo.html>

Como afirma Petter (2002, p. 11), “Assim como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação. Tudo que se produz como linguagem ocorre em sociedade, para ser comunicado”. E um dos recursos que temos para nos comunicarmos é a língua. Ela é uma parte essencial da linguagem.



Linguagem é qualquer e todo sistema de signos que serve de meio de comunicação de idéias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais etc., podendo ser percebida pelos diversos órgãos dos sentidos, o que leva a distinguirem-se várias espécies de linguagem: visual, auditiva, tátil, etc., ou, ainda, outras mais complexas, constituídas, ao mesmo tempo, de elementos diversos. Os elementos constitutivos da linguagem são, pois, gestos, sinais, sons, símbolos ou palavras, usados para representar conceitos de comunicação, idéias, significados e pensamentos. Embora os animais também se comuniquem, a linguagem propriamente dita pertence apenas ao homem. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Linguagem>)

E a língua?

Para Saussure (1995, p. 17), “a língua não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Ela constitui algo adquirido e convencional.

Existem várias línguas naturais (espanhol, inglês, português) e elas “são manifestações de algo mais geral, a linguagem” (PETTER, 2002, p. 13). Dizemos que a linguagem é algo mais geral que a língua porque esta diz respeito apenas aos recursos linguísticos e a primeira engloba os verbais e os não-verbais.



ATIVIDADE 3: ASSISTINDO A UM VÍDEO SOBRE LÍNGUA E LINGUAGEM HUMANA

Para ampliar seus conhecimentos sobre o tema, é importante que você assista ao vídeo disponível no seguinte link e no AVA:

<http://www.youtube.com/watch?v=8ndOTKoKggA>

Veja uma primeira vez, para ter uma noção do todo. Depois, volte a assistir o vídeo e anote as informações mais importantes.



ATIVIDADE 4: FÓRUM DE DISCUSSÃO

Com base no que você registrou no livro e no vídeo ao qual assistiu, apresente uma definição para língua e para linguagem e destaque a importância que ambas têm em nossa sociedade.

Além disso, é importante que você comente a resposta de pelo menos um(a) colega.

Como este módulo é voltado para os estudos linguísticos pré-saussureanos, é necessário definir Linguística e explicitar qual é o seu objeto.

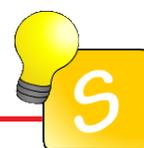
8.1 O QUE É LINGUÍSTICA?

De acordo com Petter (2002, p. 17), a Linguística é uma ciência que “estuda a principal modalidade dos sistemas sógnicos, as línguas naturais, que são a forma de comunicação mais altamente desenvolvida e de maior uso”. O seu foco não são línguas como a música, dança, pintura, mímica, mas, sim, a linguagem verbal humana.

Pelo fato de ser uma ciência que estuda a linguagem verbal, muitos pensam que a Linguística corresponde ao estudo tradicional da gramática. Porém, isso não é verdade.

A Linguística não se compara ao estudo tradicional da gramática; ao observar a língua em uso o linguista procura descrever e explicar os fatos: os padrões sonoros, gramaticais, lexicais que estão sendo usados, sem avaliar aquele uso em termos de um outro padrão: moral, estético ou crítico. [...] O linguista procura descobrir como a linguagem funciona por meio do estudo de línguas específicas, considerando a língua um objeto de estudo que deve ser examinado empiricamente (PETER, p. 17-18).

Ferdinand de Saussure é apresentado nos manuais de história da linguística como o pai da linguística moderna.



Linguista suíço

FERDINAND DE SAUSSURE

26/11/1857, Genebra, Suíça
22/2/1913, Genebra, Suíça

Da Página 3 Pedagogia & Comunicação



Figura 4: Ferdinand de Saussure, o fundador da linguística moderna.
Fonte: <http://educacao.uol.com.br/biografias/ferdinand-de-saussure.jhtm>

Após a morte de Saussure, seus discípulos esperavam encontrar em seus manuscritos a imagem fiel de suas geniais lições. “Qual o quê!” O mestre destruía os rascunhos que escrevia, as gavetas de sua escrivaninha estavam quase vazias. O jeito foi reunir as anotações minuciosas de seus alunos,

compará-las e recriar cuidadosamente o pensamento do pioneiro da linguística. O resultado deste trabalho foi a publicação do "Curso de Linguística Geral".

Filho de uma família abastada, Ferdinand de Saussure estudou desde cedo inglês, grego, alemão, francês e sânscrito. Com o objetivo de continuar a tradição científica de sua família, em 1875, estudou física e química na Universidade de Genebra. Em 1877, aos 21 anos, Ferdinand de Saussure publicou o livro "Memória sobre as Vogais Indo-Européias".

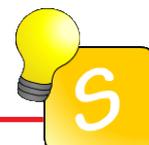
Três anos depois, o estudioso defendeu sua tese de doutorado, "Sobre o Emprego do Genitivo Absoluto em Sânscrito". Em 1881, Ferdinand de Saussure assumiu a cátedra de linguística comparada na Escola de Altos Estudos de Paris. Em 1886 tornou-se membro da Sociedade Linguística de Paris e no ano seguinte foi para Leipzig, Alemanha, para completar seus estudos.

Transferiu-se em 1891 para a Universidade de Genebra, lecionando linguística indo-européia e sânscrito até 1906, quando passou a professor titular de linguística. Saussure foi professor na Universidade de Genebra até sua morte, aos 55 anos.

Seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye organizaram as anotações dos alunos de Saussure realizadas durante seus cursos universitários. Em 1915 foi publicado o já mencionado «Curso de Linguística Geral», considerado a obra fundadora da linguística moderna.

<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u267.jhtm>, acessado em 07/06/11

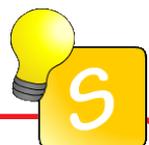
Essa linguística moderna é entendida como compreender “os estudos sincrônicos praticados intensamente durante o século XX em contraste com os estudos históricos, que predominaram no século anterior” (FARACO, 2004, p. 27).



“estudo sincrônico enfoca o sistema linguístico em funcionamento num determinado momento, sem a perspectiva histórica” (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sincronia>, acessado em 07/06/11).

De acordo com Saussure, a tarefa da Linguística é:

- a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família
- b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;
- c) delimitar-se e definir-se a si própria. (SAUSSURE, 1995, p. 13).

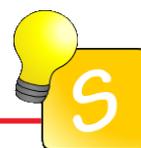


Em Linguística, dizer “que duas línguas são aparentadas equivale a dizer que evoluíram de alguma língua precedente comum. É isto, aliás, o que se afirma quando se diz que elas pertencem à mesma família linguística” (ROBINS, 1977, p. 21). Para saber quais são as maiores famílias linguísticas, acesse o seguinte link http://pt.wikipedia.org/wiki/Fam%C3%ADlia_lingu%C3%ADstica

E, conforme Cunha, Costa e Martelotta (2008, p. 21), a linguística executa duas tarefas principais: “o estudo das línguas particulares como um fim em si mesmo, com o propósito de produzir descrições adequadas de cada uma delas, e o estudo das línguas como um meio para obter informações sobre a natureza da linguagem de um modo geral”.

De acordo com esses três autores “a linguística tem como objeto de estudo a linguagem humana através da observação de sua manifestação oral ou escrita (ou gestual, no caso da língua dos sinais).” (p. 21). Como toda ciência, a linguística “descreve seu objeto como ele é, não especula nem faz afirmações sobre como a língua deveria ser” (PETER, 2002, p. 21).

Seu caráter científico fundamenta-se em dois princípios: o empirismo e a objetividade. Ela é empírica porque trabalha com dados verificáveis por meio de observação e baseia suas descobertas em métodos rígidos de observação dos dados. É “objetiva porque examina a língua de forma independente, livre de preconceitos sociais ou culturais” (PETER, 2002, p. 21). Nesse sentido, adota uma atitude não preconceituosa em relação aos diferentes usos da língua. Isso significa que ela respeita qualquer variação que uma língua apresente, pois considera que todas as línguas e todas as variedades de uma mesma língua são apropriadas ao estudo.



As línguas que existem no mundo não são unas, não são uniformes. Elas apresentam variedades, ou seja, não são faladas da mesma maneira por todos os seus usuários. Por que isso acontece? Porque nas sociedades há vários grupos: há o grupo dos mais jovens e o dos mais velhos; dos que habitam uma região e dos que habitam outra, os que têm esta ou aquela profissão, os que são de uma classe social e os que são de outra etc. Todas essas variedades podem ser estudadas por um linguista.

Saussure salienta o quão útil a Linguística é. Segundo ele, as questões linguísticas interessam a todos que tenham de manejar textos e a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro na vida dos indivíduos e das sociedades. Sendo assim, uma ciência preocupada com a linguagem humana tem grande importância para a cultura geral.

8.2 ESTUDOS LINGUÍSTICOS PRÉ-SAUSSUREANOS: OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS COMPARATISTAS E HISTÓRICOS DO SÉCULO XIX

Na história da Linguística, Ferdinand de Saussure constitui um marco e um divisor de águas. Em função dessa importância e do que caracteriza os estudos realizados antes dele e os realizados por ele e após ele, a ciência chamada Linguística pode ser dividida em duas grandes fases: a linguística pré-saussuriana - até o século XIX - e a linguística saussuriana - a partir do século XIX.

Neste módulo, nós nos concentraremos nos estudos linguísticos realizados antes da publicação dos trabalhos de Saussure. Esses estudos adotavam uma perspectiva histórica.

Esse autor explica que a Linguística passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual é o seu verdadeiro objeto. São elas: gramática, filologia, gramática comparada.

Primeiro, os gregos começaram a fazer um estudo baseado na lógica, a que se denominava “Gramática”. Os franceses deram continuidade a esses estudos. Esse estudo foi continuado principalmente pelos franceses e, de acordo com Saussure (1995), visava “unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito” (p. 7). Depois, surgiu a Filologia, “que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos. [...] Se aborda questões linguísticas o faz sobretudo para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica” (p. 7-8).

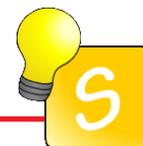
Os estudos produzidos nesta perspectiva, conforme Saussure, prepararam a Linguística Histórica. E, na terceira fase, iniciaram-se os estudos comparativos, quando se descobriu que as línguas podiam ser comparadas entre si. Esse período da linguística tem sido denominado de Linguística Comparativa e Histórica. Conforme Faraco (2004) é nos fins do século XVIII, que se costuma localizar o nascimento da linguística, quando intelectuais europeus começaram a estudar a língua clássica dos hindus: o sânscrito. Em 1786, William Jones apresentou um estudo, em que fez uma análise comparativa do sânscrito, do latim e do grego e identificou inúmeras semelhanças entre essas línguas. Para explicar essas semelhanças, ele hipotetizou que as três línguas tinham uma origem comum. Isso desencadeou o movimento dos estudos linguísticos comparativos e históricos. Em decorrência disso, vários estudos do sânscrito foram realizados e os intelectuais alemães Friedrich Schlegel e Franz Bopp produziram uma Gramática Comparativa.

Os estudiosos da época criaram o método comparativo, fundamental nos estudos de linguística histórica (FARACO, 2004).

No século XIX, além de Schlegel e de Bopp, destacam-se outros linguistas, cujos estudos trouxeram contribuições importantes aos avanços na Linguística. Dentre eles, podemos citar: Jacob Grimm, Pott, Kuhn, Max Müller, G. Curtius e August Schleicher.

Saussure reconhece a importância dos trabalhos realizados nesse período, mas destaca que, “nas investigações, limitadas aliás às línguas indo-europeias, a Gramática Comparada jamais se perguntou a que levavam as comparações que fazia, que significavam as analogias que descobria” (SAUSSURE, 1995, p. 10). Ele explica que somente por volta de 1870 é que se indagou quais seriam as condições de vida das línguas e que se percebeu que as correspondências que unem as línguas “não passam de um dos aspectos do fenômeno linguístico. Percebeu-se, também, que a comparação não é senão um método para reconstituir os fatos.

Ainda conforme Saussure, a Linguística propriamente dita nasceu do estudo das línguas românicas e das germânicas. O norte-americano Whitney, autor de A Vida da Linguagem (1875), deu um primeiro impulso



Linguística histórica é a disciplina linguística que estuda o desenvolvimento histórico de uma língua - como ela surgiu, quais línguas influenciaram sua estrutura e uso, as mudanças que sofreu ao longo do tempo e o porquê dessas mudanças, etc. Ela ocupa um lugar destacado no estudo da evolução diacrônica das línguas e a sua relação ou parentesco genético. Ao mesmo tempo, a Linguística Histórica se preocupa com a reconstrução de línguas antigas, mortas ou extintas. Nesse aspecto, ela pode se confundir com a Filologia.[1]

Os resultados da linguística histórica podem ser comparados frequentemente aos de outras disciplinas como a história, a arqueologia ou a genética. Nos estudos interdisciplinares deste tipo pretende-se reconstruir a cronologia relativa a contatos entre povos, rotas de expansão e influências culturais mútuas. (fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lingu%C3%ADstica_hist%C3%B3rica, acessado em 07/06/11).

A história da linguística comparativa tem início no século XIX, com a hipótese genética ou genealógica. Na hipótese genética, são evocadas as questões referentes à natureza e são pontuadas as relações entre as línguas. As línguas são classificadas em famílias e consideradas como organismos vivos. A teoria dos primeiros gramáticos comparativos era que, no decorrer do tempo, as línguas passavam por progressos ou retrocessos através de mecanismos de mudança. (fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lingu%C3%ADstica_comparativa, acessado em 07/06/11)

SAIBA MAIS UM POUCO

Linguística Comparada

Constituiu-se no século XIX, a partir dos trabalhos de Franz Bopp. Caracteriza-se pela utilização do método comparativo que consiste em comparar formas semelhantes de línguas consideradas como sendo da mesma família de línguas. A Linguística Comparada, também chamada de gramática comparada ou comparativa, tem como objetivo estabelecer correspondências entre línguas para poder estabelecer suas relações de parentesco. Por exemplo, pelo estudo comparado do grego, latim e sânscrito, pode-se chegar à reconstituição do indo-europeu e assim se estabelece que estas três línguas são aparentadas e derivam do indo-europeu. (Fonte: http://www.labeurb.unicamp.br/elb/historia_nocoas/linguistica_comparada.htm)

e, logo depois, formou-se uma nova escola, fundada por alemães: a dos neogramáticos. A data inicial dessa nova escola costuma ser identificada como sendo o ano de 1878. “O último quarto do século XIX ficou caracterizado como a época dos neogramáticos” (FARACO, 2004, p. 34).

Os neogramáticos empenharam-se para colocar em perspectiva histórica os resultados da comparação. Eles questionaram os pressupostos tradicionais da prática que vigorava nos estudos comparatistas anteriores, especialmente seu descritivismo, e estabeleceram uma orientação metodológica diferente e uma base teórica para a interpretação da mudança linguística.

Alguns neogramáticos criticavam a concepção naturalista da língua, adotada por Schleicher, que a via como possuidora de uma existência independente. Eles acreditavam que a língua existe no indivíduo e que as mudanças linguísticas originam-se nele (FARACO, 2004). Para Hermann Paul (1846-1921), por exemplo, os fatores psíquicos e físicos são determinantes dos objetos culturais como a língua. Nesse sentido, acreditava que a linguística só precisava da psicologia e da fisiologia para compreender a mutação histórica das línguas.

Faraco (2004, p. 36-37) avalia que o rigor metodológico que os neogramáticos introduziram no enfrentamento dos problemas de história das línguas teve particular importância no desenvolvimento da linguística histórica e que a herança dos neogramáticos é fundamental. Eles deixaram clara a importância de não se pautar em conceitos de caráter puramente interno, como o de analogia, para a solução de fenômenos irregulares presentes nas línguas.

Contudo, Faraco aponta limitações tanto na abordagem comparativista quanto na dos neogramáticos. Com relação à gramática comparativa, os estudos pautavam-se no princípio da imanência, pois consideravam que os fatos linguísticos são condicionados só e apenas por fatos linguísticos. Assim, não levavam em consideração a relação entre língua e sociedade, o que é fundamental para se entender a mudança linguística. No que diz respeito aos neogramáticos, Faraco questiona o psicologismo e o subjetivismo nos quais estes estudiosos se baseavam. Isso porque eles desconsideravam a tensão entre o social e o individual, uma vez que reduziam a língua à psique individual.

Apesar dessas limitações, os estudos linguísticos realizados no século XIX apresentaram um conjunto de formulações que, segundo Faraco, seguiriam valendo durante o século XX e nos ocupariam ainda hoje.

O século XIX nos deixou, por exemplo, o delineamento claro da língua como uma realidade com a história (sob mutação permanente no eixo do tempo); reorganizou nossa percepção da diversidade (demonstrando sistematicamente a existência de uma rede de relações ‘genéticas’ entre várias línguas diferentes); deu forma ao senso de sistema (exercitando perspectivas biologizantes, psicologizantes e sociologizantes, bem como lançando as condições para o grande corte sistêmico saussuriano) [...] não faltou também ao século XIX elaborar um modo de pensar a língua não como sistema (gramatical), mas como uma atividade sistemática (do espírito humano), perspectiva que voltará no século XX sob as mais variadas formas (FARACO, 2004, p. 46)

Robins (1977) considera que as realizações mais significativas dos estudos linguísticos do século XIX podem se resumir em: o estabelecimento dos princípios e métodos para a classificação das famílias linguísticas e o desenvolvimento de uma teoria geral das transformações linguísticas e das relações entre as línguas.

Como você deve ter percebido, no século XIX, os linguistas preocupavam-se com o estudo das transformações pelas quais passavam as línguas, na intenção de explicar as mudanças linguísticas. A Linguística era histórica e comparativa. Para eles, a língua era uma representação de uma “estrutura de pensamento, que existiria independentemente da formalização linguística, e a comunicação e a ‘lei do menor esforço’, que a caracterizam, seriam as causas da ‘desorganização’ gramatical das línguas, do seu declínio e transformação em ruínas linguísticas’. O português e o italiano, por exemplo, seriam ‘restos’ em decadência do latim” (BARROS, 2002, p. 25-6)



Para finalizarmos a abordagem dos Estudos linguísticos pré-saussurianos, leia o texto “A linguística antes de Ferdinand de Saussure – uma retomada histórica”, de Maria da Silva Peixoto, disponível no link:

PEIXOTO, Maria da Silva. A linguística antes de Ferdinand de Saussure – uma retomada histórica. Web-Revista Página de Debate: questões e linguística e de linguagem. Edição 09, setembro de 2009. 6º artigo. Disponível em <http://www.cepad.net.br/linguisticaelinguagem/EDICOES/09/Arquivos/07.pdf>. Acesso em 07/06/11.



ATIVIDADE 5 - LEITURA COMPLEMENTAR

Para ampliar um pouco mais seus conhecimentos sobre o assunto tratado no módulo 1, sugerimos a leitura das páginas 1-4 do seguinte texto:

GONÇALVES, C. F. P.; SANTOS, M. B. dos. E surgiu, então, a Linguística. CIÊNCIA E CONHECIMENTO: REVISTA ELETRÔNICA DA ULBRA. SÃO JERÔNIMO – VOL. 01, 2007, LETRAS, A.1, 1-8. Disponível em: http://www.cienciaeconhecimento.com.br/pdf/vol001_LetA1.pdf.



ATIVIDADE 6 - TEMÁTICA PCC - O LIVRO DIDÁTICO E A PRÁTICA DOCENTE

Neste módulo, você vai iniciar as atividades práticas (PCC) relativas a esta disciplina «Introdução aos Estudos da Linguagem». Leia com atenção as instruções na seção «5.1.1 Módulo I - Temática PCC: O livro didático e a prática docente». Realize todas as atividades propostas e poste os documentos necessários no Moodle. Você vai postar sua carta de apresentação e sua primeira entrada do portfólio, com as informações requisitadas sobre a entrevista.

Bom trabalho!



REFERÊNCIAS

Módulo 1

BARROS, D. P. A comunicação humana. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos**. São Paulo, Contexto, 2002, p. 25-53.

CUNHA, A. F. da; COSTA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. Linguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 13-30.

FARACO, C. A. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004, p. 27-52.

FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos**. São Paulo, Contexto, 2002.

GONÇALVES, C. F. P.; SANTOS, M. B. dos. E surgiu, então, a Linguística. CIÊNCIA E CONHECIMENTO: REVISTA ELETRÔNICA DA ULBRA. SÃO JERÔNIMO – VOL. 01, 2007, LETRAS, A.1, 1-8. Disponível em: http://paginapessoal.utfpr.edu.br/silvanaayub/celem_2012/artigos/9_E%20surgiu-%20entao-%20a%20Linguistica.pdf/view.

MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004

PAVEAU, M. A. & SARFATI, G. E. **As grandes teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática**. São Carlos: Claraluz, 2006.

PEIXOTO, M. da S. A linguística antes de Ferdinand de Saussure – uma retomada histórica. **Web-Revista Página de Debate: questões e linguística e de linguagem**. Edição 09, setembro de 2009. 6º artigo. Disponível em <http://www.cepad.net.br/linguisticaelinguagem/EDICOES/09/Arquivos/07.pdf>. Acesso em 07/06/11.

PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos**. São Paulo, Contexto, 2002, p. 11-24.

ROBINS, R. H. **Linguística geral**. Porto Alegre: Globo, 1977.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

9 AGENDA DO MÓDULO 2

CONTEÚDO	DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO	AVALIAÇÕES
<p>11. ESTRUTURALISMO</p> <p>11.1 AS DICOTOMIAS SAUSSUREANAS</p> <p>11.2 - O ESTRUTURALISMO NORTE-AMERICANO</p>	<p>Atividade 7: Elaboração do plano de estudos</p> <p>Antes de iniciar a leitura do livro, é importante que você faça um planejamento semanal dos seus estudos, como fez no início do primeiro módulo. Organize-se para a semana em que o módulo será ministrado. Lembre-se de que você precisará dispor de 20 horas para concluí-lo. Portanto, planeje sua semana.</p> <p>Atividade 8: Lendo o Módulo 2 deste livro e assistindo à videoaula</p> <p>Atividade 9: Assistindo a um vídeo</p> <p>No vídeo Saussure para todos Ling1 (2009.2) Grupo 1 - Saussure para todos (2/2), disponível no link: https://youtu.be/evwIBQ9FBJA, você verá uma síntese de tudo que leu no guia impresso.</p> <p>Assista a ele com atenção e registre as informações mais relevantes.</p> <p>Atividade 10: Leitura complementar</p> <p>Para ampliar um pouco mais seus conhecimentos sobre o assunto tratado no módulo 2, sugerimos a leitura dos seguintes textos, disponível no AVA:</p> <p>RODRIGUES, R. da S. V. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf</p> <p>NASCIMENTO, E. M. F. dos S. Saussure: o estruturalista antes do termo. Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras. Franca (SP), v. 4, n. 4, p. 259-276, jan./dez. 2008. Disponível em: http://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/viewFile/233/187</p> <p>MILANI, S. E. Historiografia de Saussure: o Curso de Linguística Geral. Letras & Letras, Uberlândia 25 (1) 55-71, jan./jun. 2009.</p>	

	<p>Atividade 11: Produção de uma síntese</p> <p>Para finalizar o nosso módulo II, você produzirá um texto de no máximo duas páginas com uma síntese sobre o estruturalismo, com base no material lido e no vídeo a que assistiu. O tamanho de referência da página é A4, fonte Times New Roman, 12, espaçamento entre linhas de 1,5cm, margens esquerda e superior – 3 cm – e direita e inferior – 2 cm.</p>	<p>SOBRE A ATIVIDADE 11: Produção de uma síntese</p> <p>Valor: 0-4 pontos</p>
	<p>Atividade 12: Temática PCC: Norma culta e norma-padrão</p> <p>Neste módulo, você dará continuidade às atividades relativas à PCC. Você analisará o livro didático utilizado pelo(a) professor(a) que você entrevistou no Módulo 1. Você vai selecionar atividades/textos/trechos relativos à temática deste módulo para a PCC: «Norma culta e norma-padrão». Você lerá textos e assistirá a vídeos e depois preencherá uma entrada do portfólio com as informações relativas a este módulo. Leia as instruções completas na seção 5.1.2 deste livro.</p>	<p>SOBRE A ATIVIDADE 12: Temática PCC: Norma culta e norma padrão</p> <p>Valor: 0-4 pontos</p>

10 SUMÁRIO SEMANAL

Módulo 2 - Estruturalismo

Conteúdos básicos

- Estruturalismo
- O signo linguístico
- As dicotomias saussurianas

Objetivos

- Apresentar os principais pressupostos teóricos do Estruturalismo

Caro(a) aluno(a):

Vamos iniciar agora o nosso segundo módulo. Nele nos concentraremos no Estruturalismo.

Neste módulo, trataremos das contribuições de Ferdinand de Saussure à linguística moderna. Em especial, explicitaremos a fundação da linguística sincrônica, a virada linguística promovida pelos estudos linguísticos realizados no século XX, e com a publicação do *Curso de Linguística Geral* (1916), obra publicada após a morte de Saussure.

Apresentaremos ainda a noção de signo linguístico e as dicotomias saussureanas: sincronia/diacronia; língua e fala; sintagma/paradigma; significante/significado.

Esperamos que seus estudos sejam bem produtivos.

Principais materiais

Neste módulo, além do livro, você assistirá a alguns vídeos, fará leituras de hipertextos e desenvolverá suas atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle.

Tempo de dedicação neste módulo

Para desenvolver as atividades deste módulo, recomendamos uma dedicação de, pelo menos, 20 horas, distribuídas entre: leitura do material didático, desenvolvimento de atividades práticas e de atividades avaliativas.

Principais formas de avaliação

Produção de uma síntese do conteúdo.

Entrega de entrada de portfólio - Temática PCC: Norma culta e norma-padrão



ATIVIDADE 7 - ELABORAÇÃO DO PLANO DE ESTUDOS

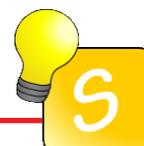
Antes de iniciar a leitura do livro, é importante que você faça um planejamento semanal dos seus estudos, como fez no início do primeiro módulo. Organize-se para a semana em que o módulo será ministrado. Lembre-se de que você precisará dispor de 20 horas para concluí-lo. Portanto, planeje sua semana.



Você já ouviu falar de estruturalismo? Escreva, em seu livro, o que você sabe a respeito.

11.1 FERDINAND DE SAUSSURE E O ESTRUTURALISMO

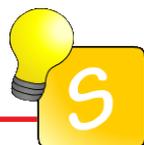
Como afirma Lopes (1980), algumas palavras são consideradas palavra-chave no léxico dos pensadores do século XX. São elas: estrutura, estrutural e estruturalismo. Isso porque algumas escolas linguísticas do século, de uma forma ou de outra, compreendem que a língua constitui um sistema e que, assim sendo, cumpre estabelecer como esse sistema se estrutura. Para isso, os linguistas se empenharam em analisar a organização e o funcionamento dos elementos constituintes do sistema – a língua.



Saussure enfatizou que

a língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente. À geração seguinte coube observar mais detalhadamente como o sistema se estrutura: daí o termo 'estruturalismo' para designar a nova tendência de se analisar as línguas (COSTA, 2008, p. 114).

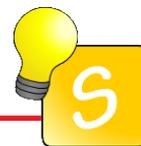
Saussure foi o precursor do estruturalismo. Esse termo designa algumas correntes da Linguística moderna que tomaram impulso após a obra *Cours de Linguistique Générale*, de Ferdinand de Saussure, na qual encontramos os conceitos fundamentais do modelo teórico estruturalista. Essas correntes são: a Escola de Genebra, o Círculo Linguístico de Praga, o Círculo Linguístico de Copenhague, na Europa, e a Escola Mecanicista de Leonard Bloomfield, na América do Norte. Elas têm em comum um posicionamento contrário ao adotado pelos neogramáticos, os quais adotaram o ponto de vista segundo o qual a linguística tem que ser necessariamente histórica.



Suas idéias tornaram-se ponto de partida do pensamento que caracteriza a linguística moderna. O livro é a reconstrução de três cursos ministrados por Saussure entre 1907 e 1911 na Universidade de Genebra. Essa reconstrução foi feita a partir de notas registradas por alunos, durante esses cursos. Charles Bally e Albert Sechehaye foram os organizadores do trabalho.

Como vimos, a descrição das línguas nos estudos linguísticos do século XIX era feita diacronicamente. Em oposição a isso, Saussure argumentou que uma descrição sincrônica de línguas particulares poderia ser também científica e explicativa. Mas em que uma explicação difere da outra?

A explicação sincrônica difere da diacrônica ou histórica por ser estrutural em vez de causal: ela fornece um tipo de resposta diferente à pergunta: 'Por que as coisas são como são?'. Em vez de investigar o desenvolvimento histórico de determinadas formas ou sentidos, ela demonstra como todas as formas e sentidos estão inter-relacionados num determinado sistema linguístico, em determinado ponto no tempo. (LYONS, 1987, P. 163).



Em um estudo sincrônico, os fatos linguísticos são observados quanto ao seu funcionamento, num determinado momento. Já em um estudo diacrônico, os fatos são analisados quanto às suas transformações, em um período de tempo (dez anos, um século) pelas relações que estabelecem com os fatos que o precederam ou sucederam (COSTA, 2008). As duas abordagens são importantes.

É importante destacar que Saussure não negava a validade da explicação histórica. Ele afirmava que os modos de explicação sincrônico e diacrônico eram complementares.

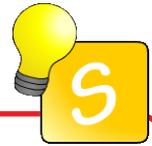
Como assevera Lyons, “uma descrição estrutural de uma língua nos diz de que maneira todos os componentes se encaixam” (LYONS, 1987, p. 163).

A abordagem estruturalista entende que a língua é forma (estrutura) e não substância (a matéria a partir da qual ela se manifesta). Reconhece, entretanto, a necessidade da análise da substância para que possamos formular hipóteses acerca do sistema a ela relacionado. Um sistema que não apresenta qualquer manifestação material, que não seja expresso por algum tipo de substância, não desperta qualquer interesse científico, uma vez que não pode ser investigado (COSTA, 2008, p. 115).

Essa concepção de língua tem relação direta com outro princípio do estruturalismo: o de que a *língua deve ser estudada em si mesma e por si mesma*. Isso significa que a preocupação dos estruturalistas é centrada no que se tem chamado de *estudo imanente da língua*. Esse tipo de estudo exclui tudo o que é considerado extralinguístico, porque se concebe que a estrutura da língua deve ser descrita apenas a partir de suas relações internas. Dessa forma, toda relação que não seja absolutamente relacionada com a organização interna dos constituintes do sistema linguística é excluída. Assim, não se consideram em conta as relações entre língua e cultura e língua e sociedade.

Com relação ao Brasil, especificamente, Ilari (2004) afirma que o estruturalismo teve um enorme impacto sobre os estudos da linguagem. Durante os anos 1960, deu-se o seu advento, o que coincidiu com o reconhecimento da linguística como disciplina autônoma. E, por volta de 1970, “o estruturalismo já era no Brasil a orientação mais importante nos estudos da linguagem, e (...) tinha contribuído para criar um novo tipo de estudioso, o linguista” (ILARI, 2004, P. 53-4).

11.1 O SIGNO LINGUÍSTICO E AS DICOTOMINAS SAUSSUREANAS



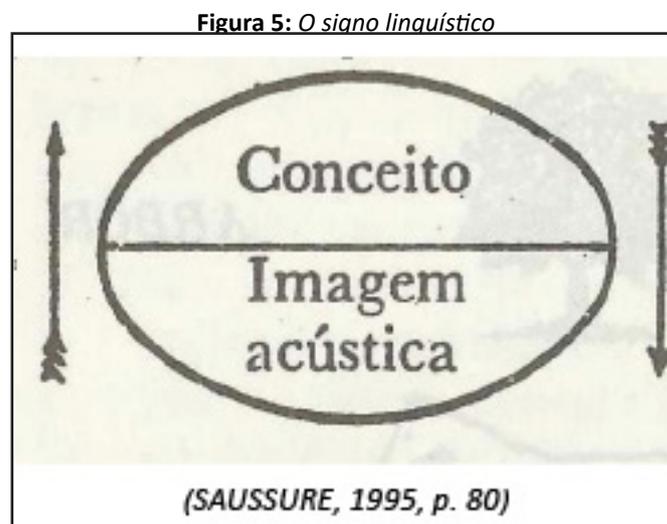
O termo dicotomia designa a divisão lógica de um conceito em dois, de modo que se obtenha um par opositivo.” (COSTA, 2008, p. 115-6)

Neste tópico, vamos aprender um pouco sobre o signo linguístico e sobre as quatro principais dicotomias saussurianas: significado e significante; língua e fala; paradigma e sintagma; e sincronia e diacronia.

11.1.1 O SIGNO LINGUÍSTICO: SIGNIFICANTE + SIGNIFICADO

Como vimos, Saussure afirma que a língua é um sistema de signos. Assim, o signo é a unidade constituinte do sistema linguístico.

Para Saussure, o signo linguístico resulta da combinação de um significante e de um significado ou de um conceito e de uma imagem acústica, como se fossem dois lados de uma moeda. É impossível conceber uma parte sem a outra, pois as duas são absolutamente inseparáveis, como as duas faces de uma folha de papel. Vejam a imagem que ele apresenta:



Essas duas faces do signo linguístico são ambas psíquicas e, em nosso cérebro, estão ligadas por um vínculo de associação. O significante está no plano da expressão e o significado, no plano do conteúdo.

Vamos ver um exemplo!

Todos nós sabemos o que é um livro, certo? Seu significado é conhecido por todos nós. Mas esse significado não tem o mesmo significante em diferentes línguas. Em inglês, por exemplo, o significante é book; em espanhol é libro.

Vejam que o conteúdo, o conceito não mudou, mas a expressão, a “imagem acústica” mudou.

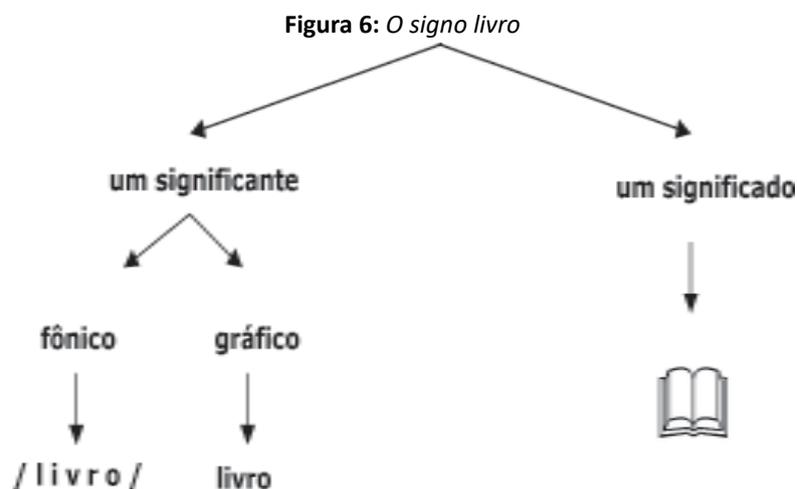
A relação significante X significado é convencional, ou seja, há um acordo implícito e explícito entre os usuários da língua. Convencionou-se chamar de gato o animal mamífero, doméstico, da classe dos felídeos, por exemplo. Essa relação presente no signo linguístico é também arbitrária, visto que não há qualquer propósito entre a representação gráfica “g – a – t – o” e a idéia que temos representada em nossas mentes desse animal.



Também temos o significante “g – a – t – o” com outros significados, como: Ladrão, gatuno, larápio ou em expressões do tipo gato-pingado - cada um dos poucos assistentes de uma reunião ou espetáculo, ou de algum agrupamento e ainda gato e sapato: coisa desprezível.

Sendo assim, signo é a associação de um significante (sons da fala, imagens gráficas, desenhos, etc.) e um significado (conceito, idéia ou imagem mental).

O signo LIVRO se compõe, portanto de:



Fonte: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAA9j0AE/lingua-portuguesa-ii>.
Acessado em 25/06/11.

11.1.2 CARACTERÍSTICAS DO SIGNO LINGUÍSTICO

Saussure apresenta duas características do signo linguístico: a arbitrariedade e a linearidade do significante.



Você já parou para pensar por que o que conhecemos como mar tem o nome de mar? E por que o objeto conhecido como cadeira tem esse nome? Será que há alguma relação entre o significado de mar e a sequência m-a-r que lhe serve de significante? Há alguma relação entre a ideia que temos de cadeira e a sequência c-a-d-e-i-r-a?

Para Saussure (1995, p. 81), “o signo linguístico é arbitrário”; “O laço que une o significante ao significado é arbitrário”. Isso significa que se considera que não há uma razão para que um significante esteja associado a determinado significado. Não há “nenhum tipo de relação intrínseca ou de causalidade necessária” (LOPES, 1980, p. 83-4) entre os planos de expressão “livro, book, libro” e o significado que traduzem. Isso explica o fato de que cada língua usa significantes (imagem acústica) diferentes para um mesmo significado (conceito).

É importante destacar que dizer que é arbitrário não significa que o significado dependa da livre escolha do falante, visto que nenhum indivíduo pode mudar o signo estabelecido pelo seu grupo linguístico. O que Saussure quer dizer é “que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.” (SAUSSURE, 1995, p. 83).

Conforme Costa (2008, p. 119):

Afirmar que o signo linguístico é arbitrário, como fez Saussure, significa reconhecer que não existe uma relação necessária, natural, entre a sua imagem acústica (seu significante) e o sentido a que ela nos remete (seu significado). Isso significa dizer que o signo linguístico não é motivado, e sim cultural, convencional, já que resulta do acordo implícito realizado entre os membros de uma determinada comunidade. Trata-se, portanto, de uma convenção.

A segunda característica essencial do signo linguístico apontada por Saussure diz respeito à linearidade do seu plano de expressão: o significante. Os componentes que o integram apresentam-se um após o outro. “Essa linearidade, que constitui a extensão da cadeia falada e com base na qual cada elemento do plano de expressão de uma língua se coloca, é o que permite distinguirmos conceitos tais como o de sílaba (baseada num contraste entre consoantes e vogais), e o de distribuição” (LOPES, 1980, p. 86). No que diz respeito à distribuição, sabe-se que as palavras não se dispõem ao acaso em uma frase, por exemplo. Nós dizemos “O menino jogou a bola”, mas não dizemos “bola a jogou menino o”. Isso porque a distribuição das palavras ou dos signos não ocorre de maneira aleatória, mas, sim, pela exclusão de outros possíveis arranjos distribucionais.

11.1.3 LÍNGUA E FALA

Segundo Ilari (2004), a dicotomia língua e fala, ou entre sistema e os possíveis usos do sistema, é a mais fundamental das oposições saussureanas.

Para Saussure, a linguagem humana é uma abstração. Ela consiste na capacidade que o homem tem de se comunicar com os outros através de signos verbais.

Por língua (*langue*), o autor designa o próprio sistema da língua, isto é, o conjunto de todas as regras que determinam o emprego dos sons, das formas e relações sintáticas, necessárias para a produção de significados.

Saussure opôs claramente a língua (o sistema) e a fala (os usos que se faz do sistema) e estabeleceu que o objeto específico da pesquisa linguística é a língua (*langue*) e não a fala (*parole*). Ele separa a dimensão

individual e a dimensão social do funcionamento da linguagem. Para ele, a língua é um fenômeno social e a fala é um fenômeno individual.

Saussure considera que embora a língua tenha existência na consciência de cada indivíduo, ela constitui um sistema supra-individual, utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade. É supra-individual na medida em que é definida não por um indivíduo, mas pelo grupo social ao qual ele pertence. A língua é, então, um conceito social.

Ela é, “ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 1995, p. 17)

O entendimento saussureano é o de que a existência da língua decorre de uma espécie de contrato implícito que é estabelecido entre os membros dessa comunidade. Por isso, seu caráter é social. Para Saussure, o indivíduo, sozinho, não tem a possibilidade de criar nem modificar a língua. Ele pode, sim, escolher da língua aquilo que serve aos seus propósitos imediatos de comunicação e colocar em ação. “Essa parcela concreta e individual da langue, posta em ação por um falante em cada uma de suas situações comunicativas concretas, chamou-a Saussure parole (em português ‘fala’ ou ‘discurso’)” (LOPES, 1980, p. 77).

Para os estruturalistas, o uso individual da linguagem (a fala) não poderia ser objeto de um estudo realmente científico. Toda a atenção era dedicada ao sistema. A fala é tomada como objeto secundário.

Contudo, não se pode deixar de destacar que existe uma ligação estreita entre os dois objetos:

a língua é necessária para que a fala seja compreensível e para que o falante, conseqüentemente, possa vir a atingir os seus propósitos comunicativos; por outro lado, a língua só se estabelece a partir das manifestações concretas de cada ato linguístico efetivo. Assim, a língua é, ao mesmo tempo, o instrumento e o produto da fala (COSTA, 2008, p. 116).

De acordo com Lopes (1980), essa distinção saussureana entre língua e fala revelou-se das mais produtivas para todo o desenvolvimento da Linguística do século XX. Ela foi e tem sido objeto de discussões e um dos pontos mais debatidos é o que atribuiu à língua o papel de um sistema de valores. Nesse sistema, cada um dos elementos constituintes de uma língua só pode ser definido em relação aos outros elementos com os quais forma o sistema. A língua é assim entendida como um sistema de valores, em que cada elemento se define em relação com os outros. Um elemento tudo o que os demais elementos do sistema não são.



Para saber mais sobre a teoria do valor de Saussure, leia o texto disponível no AVA:

SILVA, D.L. G. da. Uma leitura da noção de valor linguístico em Ferdinand de Saussure. Disponível em: http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/10_Denise.htm

Para ilustrar isso, Saussure apresenta o exemplo do jogo de xadrez. Nesse jogo, temos várias peças e elas se definem unicamente pelas funções que lhe são conferidas pelas regras do jogo. Não importa se o cavalo ou a torre é feito de plástico ou de madeira, se é grande ou pequeno, se foi pintado de verde ou de amarelo. Tudo isso pode variar. Além disso, se uma peça é perdida, nós podemos substituí-la por um objeto qualquer e convencionar que ele será o cavalo ou a torre e desempenhará a mesma função da peça perdida.

Como Saussure relaciona isso à língua? Assim como no jogo, um elemento qualquer da língua – um fonema ou um morfema, por exemplo – é definido com base nas relações para com os outros elementos do mesmo sistema e pela sua função no interior desse sistema e não com base em suas propriedades físicas. Você saberá mais sobre essa relação com o jogo de xadrez ao assistir ao vídeo proposto na atividade 10.

11.1.4 PARADIGMA E SINTAGMA

Essa dicotomia diz respeito à forma como as unidades constitutivas do sistema linguístico estão relacionadas umas às outras. Há relações sintagmáticas e paradigmáticas.

As relações sintagmáticas estão associadas ao caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Nós vimos que uma das características do signo linguístico é a linearidade do significante e vimos também que uma frase é constituída por um número de signos que são apresentados em linha, no tempo, um depois do outro. Assim, quando combinamos unidades como “minha vida”; “re-ter”; “eu sou muito feliz”, estamos compondo sintagmas.

“O sintagma se compõe sempre de duas ou mais unidades consecutivas” (SAUSSURE, 1995, p. 142).

As relações sintagmáticas “dizem respeito às articulações entre os sintagmas e relacionam-se às diversas possibilidades de combinação entre essas unidades.” (COSTA, 2008, p. 121). Essas relações são estabelecidas entre dois ou mais termos que estão presentes (anteriores ou subsequentes) em um mesmo contexto sintático. Por isso são consideradas relações *in praesentia*.

De acordo com Saussure, um termo, colocado em um sintagma, só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos.

Além das relações sintagmáticas, as línguas também apresentam relações associativas ou paradigmáticas. Saussure (1995, p. 143) explica que, “fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas”.

Os elementos da língua são armazenados em nossa memória com base em alguns traços que os caracterizam, como estrutura, sentido, semelhança sonora etc. Assim esses elementos nunca estão isolados em nossa memória. Por exemplo, a palavra “ensino” ativa inconscientemente uma associação com outros termos como “educação”, “aprendizagem”, “escola”. “Todas têm algo de comum entre si.” (SAUSSURE, 1995, p. 143).

Diferentemente das sintagmáticas, que são relações *in praesentia*, as paradigmáticas são relações *in absentia*, “pois caracterizam a associação de um termo que está presente em um determinado contexto sintático com outros que estão ausentes desse contexto, mas que são importantes para a sua caracterização em termos opositivos” (COSTA, 2008, p. 120).

Essas relações sintagmáticas e paradigmáticas ou associativas ocorrem concomitantemente. Vejam uma ilustração dessa concomitância:

Na sequência “Eu queria muito comprar um biquíni”, a unidade “biquíni”, por exemplo, ao mesmo tempo em que se encontra em relação paradigmática/associativa com maiô, canga, chapéu, praia, clube, sol, bronzeador, piscina, mar, também mantém relação sintagmática com os elementos “Eu”, “queria”, “muito”, “comprar” e “um”.

Para Costa (2008, p. 122), “adotando uma perspectiva estruturalista, podemos afirmar, então, que o que permite o funcionamento da língua é o sistema de valores constituído pelas associações, combinações e exclusões verificadas entre as unidades linguísticas”.

11.1.5 SINCRONIA E DIACRONIA

Você deve se lembrar de que já fizemos referência a esse par conceitual. Essa dicotomia está relacionada ao método de investigação a ser adotado pelo linguista em suas pesquisas.

Como vimos, os linguistas do século XIX desenvolviam estudos diacrônicos. O estudo diacrônico (através do tempo) objetiva estabelecer uma comparação entre dois momentos da evolução histórica de uma língua. Já o estudo sincrônico de uma língua tem como fim a descrição de um determinado estado dessa língua em um determinado momento. “É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático de nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções.” (SAUSSURE, 1995, p. 96)

Vamos ilustrar esses dois tipos de estudos. Se realizamos um estudo das mudanças de uma língua – português, inglês ou espanhol, por exemplo – no tempo, estamos fazendo um estudo diacrônico. O que é estudar as mudanças de uma língua no tempo? É comparar, por exemplo, o português do século XVIII com o do século XXI, para identificar o que mudou ao longo do tempo.

E um estudo sincrônico?

Um exemplo de estudo sincrônico seria a análise da variação entre o uso de “ter” e “haver” no português contemporâneo no Brasil (COSTA, 2008).

Para Saussure, “o linguista deve estudar principalmente o sistema da língua, observando como se configuram as relações internas entre seus elementos em um determinado momento do tempo” (COSTA, 2008, p. 118).

Lopes (1980) acredita que essa grande dicotomia saussureana tem a maior importância, “uma vez que separa os fatores internos de um sistema *dos fatores externos, histórico-culturais*, que condicionam esse sistema” (p. 74)

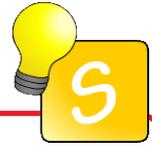
Até aqui nós apresentamos, brevemente, as principais idéias formuladas por Saussure. Elas constituem a base da linguística estrutural e representam a fundação da linguística moderna. Contudo, é importante destacar que o Estruturalismo não se limita à Europa e a Saussure.

De acordo com Borba (1991), em sua primeira fase o Estruturalismo tem dois focos: em Praga e outro em Copenhague. Eles se distinguem pelo que privilegiam dos estudos saussureanos. Borba afirma que o Círculo Linguístico de Praga centra-se na dicotomia sincronia e diacronia e na autonomia da língua. Desse grupo, fazem parte estudiosos como Trubetzkoi, Jakobson e Mathesius. Já o grupo de Copenhague tem como nome importante Hjelmslev. Este autor esboçou uma teoria conhecida como Glossemática, a qual apura alguns conceitos propostos por Saussure, especialmente os de forma e substância (da expressão e conteúdo).

É na linha do estruturalismo de Praga que está a corrente estruturalista norte-americana, conforme Borba (1991). No tópico 3, aprenderemos um pouco sobre a linguística descritiva americana.

11.2 O ESTRUTURALISMO NORTE-AMERICANO

Esse estruturalismo é representado pelas idéias de Leonard Bloomfield.



Leonard Bloomfield (1887-1949) é considerado o fundador da linguística estrutural norte-americana. Nasceu em Chicago e se formou como bacharel na Universidade de Harvard no ano de 1906, recebendo o doutorado na Universidade de Chicago em 1909. Em 1917 pesquisou o Tagalog e outros idiomas extensivamente, e na década de 1920 trabalhou no agrupamento dos idiomas Nativos americanos. Teve um papel fundamental ao fundar a Sociedade Linguística da América, em 1924. Bloomfield é mais conhecido pelo seu compromisso com a linguística como uma ciência independente, e sua insistência no uso de procedimentos científicos. No início de sua carreira foi influenciado pelo Behaviorismo, uma escola psicológica baseada no estudo objetivo do comportamento. Ele fundamentou seu trabalho, especialmente pela aproximação do significado com os princípios behavioristas. Seu trabalho principal, *Language (Linguagem)* (1933), é considerado por muitos como o texto clássico de linguística estrutural, também tida com o próprio estruturalismo. O livro sintetizou a teoria e prática de análise linguística. Na verdade, Bloomfield, junto com Edward Sapir foi um precursor do Estruturalismo Americano, seguido por seu discípulo Zellig Harris. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Leonard_Bloomfield)

Suas idéias foram “desenvolvidas e sistematizadas sob o rótulo de *distribucionalismo* ou *linguística distribucional*” (COSTA, 2008, p. 123). O método que caracteriza a vertente norte-americana da linguística estrutural é conhecido como análise distribucional. Ele foi apresentado por Bloomfield, por meio da publicação *Language*, em 1933. É um método descritivo e indutivo que parte da observação de um corpus para descrever seus elementos constituintes: frase, sintagmas, palavras, morfemas, fonemas.

Bloomfield queria elaborar um sistema coerente e único de conceitos descritivos que fosse aplicável à descrição sincrônica de qualquer língua. Para ele, a língua, como forma de comportamento, é uma entidade autônoma, que pode ser descrita por si mesma por meio de técnicas aplicáveis mecanicamente.

Roulet divide em três as propostas dos estruturalistas norte-americanos:

- (i) descrição da língua falada corrente de um indivíduo ou de uma comunidade; (ii) limitação do campo de descrição, deixando de lado a significação e levando em consideração a forma; (iii) emprego de um método rigoroso, sistemático e objetivo, que permite inferir, de um corpus de gravação, a gramática de uma língua (ROULET, 1978, p. 20)

Bloomfield adota uma postura mecanicista e se apóia na psicologia behaviorista. Skinner é um dos maiores teóricos dessa abordagem, segundo a qual “o comportamento humano é totalmente explicável e, portanto, previsível a partir das situações em que se manifesta independente de qualquer *fator interno*.” (COSTA, 2008, p. 124). Esse comportamento é compreendido como estímulos e respostas.

De acordo com o behaviorismo, um indivíduo aprende a dizer uma palavra como mesa, por exemplo, na presença de uma mesa ou de um objeto semelhante não porque apreende o significado de mesa, mas, sim, porque responde a um estímulo reforçador provido pela comunidade.

Nessa perspectiva, a linguagem humana é entendida como uma resposta que o homem produz mediante estímulos que recebe da e na interação social. Entende-se que, a partir da repetição constante e mecânica, essa resposta é convertida em hábitos, que caracterizam o comportamento linguístico do falante.

Assim, para um behaviorista, a linguagem humana é “um fenômeno externo ao indivíduo, um sistema de

hábitos gerado como resposta a estímulos e fixado pela repetição” (COSTA, 2008, p. 128).

Com relação ao método adotado de análise distribucional, ele é considerado bastante formal. No processo de descrição de uma língua, a tarefa do pesquisador é restringida à classificação dos segmentos que aparecem nos enunciados do *corpus* e à identificação das leis de combinação de tais segmentos. Em uma análise desse tipo, temos, por exemplo, a estrutura da frase “Minha mãe leu um livro” descrita como a combinação de dois constituintes: um sintagma nominal (“minha mãe”) e um sintagma verbal (“leu um livro”). Mas a análise não para por aí. São analisados ainda os constituintes de cada um desses sintagmas: o sintagma nominal é formado por um determinante (“minha”) e por um substantivo “mãe”; o verbal é constituído por um verbo (“leu”) e por um sintagma nominal (“um livro”). Essa frase pode ainda ser segmentada em outros constituintes: palavras, morfemas e fonemas.

Como afirma Costa (2008, p. 125), as formulações propostas por Bloomfield, inspirado pelo behaviorismo, “representaram uma oposição às ideias mentalistas que defendiam que a fala deveria ser explicada como um efeito dos pensamentos (intenções, crenças, sentimentos) do sujeito falante”.

Outro teórico importante da linguística norte-americana do século XX é Edward Sapir. Em seus postulados está uma perspectiva antropológica. Ele preconiza que os resultados da análise estrutural de uma língua devem ser confrontados com os resultados da análise estrutural de toda a cultura do povo que fala essa língua. Dessa forma, apresenta a hipótese do “relativismo linguístico” conhecida como hipótese Sapir-Whorf. Para Sapir, “a língua socialmente formada influencia [...] a maneira pela qual a sociedade concebe a realidade” (Sapir, 1947, p. 11). Ele acredita que a língua é

é um guia para a realidade social.[.....] Os seres humanos não vivem só no mundo objetivo, ou só no mundo da atividade social como normalmente se admite, mas vivem quase totalmente à mercê da língua específica que se tornou o meio de expressão para a sua sociedade. É ilusório imaginar que alguém possa fundamentalmente ajustar-se à realidade sem o uso da linguagem e que a língua seja apenas um recurso qualquer para resolver problemas específicos de comunicação ou reflexão. O fato é que “o mundo real” é, em grande parte, construído inconscientemente sobre a base dos hábitos linguísticos do grupo. Não existem duas línguas, por mais semelhantes que sejam, que possam ser consideradas como representantes da mesma realidade social. Os mundos em que vivem as diferentes sociedades humanas são mundos distintos e não um só e mesmo mundo, ao qual se teriam apostado etiquetas diferentes.” (SAPIR, 1947, p. 11)

Isso significa que as pessoas que falam diferentes línguas veem o mundo de forma diferente. Como se vê, os estudos de Sapir rompem os limites do estruturalismo saussureano (COSTA, 2008).

Comparando Bloomfield e Sapir, podemos dizer que o mecanicismo do primeiro apoia-se na psicologia behaviorista e que o segundo é um mentalista, “que vê na variedade do comportamento linguístico o efeito da ação de fatores psicológicos (vontade, emoção, reflexão, percepção etc.)” (BORBA, 1991, p. 313).

Conforme afirma Costa (2008, p. 126), “enquanto Sapir foi o pioneiro, Bloomfield foi o consolidador da linguística naquele país [Estados Unidos], criando uma teoria mais bem delimitada do que os linguistas anteriores.

Para ampliar nossos conhecimentos sobre o estruturalismo, vamos agora assistir a um vídeo.



ATIVIDADE 9: ASSISTINDO A UM VÍDEO

No vídeo “Saussure para todos”, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=evwIBQ9FBjA>, disponível no AVA, você verá uma síntese de tudo que leu no guia impresso.

Assista a ele com atenção e registre as informações mais relevantes.



ATIVIDADE 10: LEITURA COMPLEMENTAR



Os textos a seguir vão ajudar você a entender melhor o Estruturalismo e tudo que foi exposto neste módulo 2. Eles estão disponíveis no AVA.

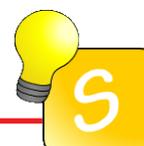
RODRIGUES, R. da S. V. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf

NASCIMENTO, E. M. F. dos S. Saussure: o estruturalista antes do termo. **Diálogos Pertinentes** – Revista Científica de Letras. Franca (SP), v. 4, n. 4, p. 259-276, jan./dez. 2008. Disponível em: <https://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/233>

MILANI, S. E. Historiografia de Saussure: o Curso de Linguística Geral. **Letras & Letras**, Uberlândia 25 (1) 55-71, jan./jun. 2009.

ATIVIDADE 11: PRODUÇÃO DE UMA SÍNTESE

Para finalizar o nosso módulo II, você produzirá um texto de no máximo duas páginas com uma síntese sobre o estruturalismo, com base no material lido e no vídeo a que assistiu. Não deixe de explicitar as principais contribuições do Estruturalismo, o principal nome associado à teoria e de falar sobre as dicotomias saussureanas. O tamanho de referência da página é A4, fonte Times New Roman, 12, espaçamento entre linhas de 1,5cm, margens esquerda e superior – 3 cm – e direita e inferior – 2 cm.



Para saber como fazer uma síntese, leia os arquivos:

VILARINHO, S. **Resumo de texto**. s/d. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/redacao/resumo-texto.htm>

ATIVIDADE 12: TEMÁTICA PCC - NORMA CULTA E NORMA-PADRÃO

Depois em texto corrente, fonte tamanho normal em cor preta com os dizeres: Neste módulo, você vai dar continuidade às atividades práticas (PCC). A temática para a análise do livro didático é «Norma culta e norma-padrão». Você lerá textos e assistirá vídeos sobre o tema. Depois observará o livro didático e selecionará trechos, atividades ou textos pertinentes. Para verificar as instruções completas para realizar a atividade, leia a seção 5.1.2 deste livro.

Ao terminar a atividade, poste a entrada de portfólio que você elaborou no AVA.



REFERÊNCIAS

Módulo 2

BORBA, F. da S. **Introdução aos estudos linguísticos**. 11ª ed. Campinas: Pontes, 1991.

COSTA, M. A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 113-126, 2008.

ILARI, R. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, F. BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004, p. 53-92.

LOPES, E. **Fundamentos da Linguística contemporânea**. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

LYONS, J. *Lingua(gem) e linguística: uma introdução*. Trad. Marilda W. Averborg e Clarisse S. de Souza. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987.

MILANI, S. E. Historiografia de Saussure: o Curso de Linguística Geral. **Letras & Letras**, Uberlândia 25 (1) 55-71, jan./jun. 2009.

NASCIMENTO, E. M. F. dos S. Saussure: o estruturalista antes do termo. **Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras**. Franca (SP), v. 4, n. 4, p. 259-276, jan./dez. 2008. Disponível em: <http://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/viewFile/233/187>

ROULET, Eddy. **Teorias Linguísticas, Gramáticas e Ensino de Línguas**. São Paulo: Pioneira, 1972

SAPIR, E. *Linguística como ciência*. Trad. J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1969. _____ **Selected writings of Edward Sapir**. Berkeley, University of California Press, 1947.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, D.L. G. da. Uma leitura da noção de valor linguístico em Ferdinand de Saussure. Disponível em: http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/10_Denise.htm

RODRIGUES, R. da S. V. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf

AGENDA DO MÓDULO 3

CONTEÚDO	DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO	AVALIAÇÕES
<p>14. O GERATIVISMO</p> <p>14.1 COMPETÊNCIA E DESEMPENHO</p> <p>14.2 A GRAMÁTICA TRANSFORMACIONAL</p> <p>14.3 A GRAMÁTICA UNIVERSAL: PRINCÍPIOS E PARÂMETROS</p>	<p>Atividade 13: Elaboração do plano de estudos</p> <p>Antes de iniciar a leitura do guia impresso, é importante que você faça um planejamento semanal dos seus estudos, como fez no início dos módulos anteriores. Organize-se para a semana em que o módulo será ministrado. Lembre-se de que você precisará dispor de 20 horas para concluí-lo. Portanto, planeje sua semana.</p> <p>Atividade 14: Lendo o módulo III e assistindo à videoaula</p> <p>Atividade 15: Leitura e estudo de texto</p> <p>Para saber mais sobre o gerativismo e para conhecer a teoria de princípios e parâmetros que sucedeu a proposição da gramática transformacional, você agora vai ler um artigo de Eduardo Kenedy (2008), disponível no AVA. Vá até lá!</p> <p>É importante que você o leia com muita atenção e destaque nele as informações mais importantes.</p> <p>No final do artigo, Kenedy apresenta oito questões relativas ao gerativismo. Delas, você deverá responder às questões de número 1, 2, 3, 5, 6 e 8 e encaminhar as respostas ao/à seu/sua tutora.</p> <p>Atividade 16: Leitura Complementar</p> <p>Atividade 17: Temática PCC: Variedade e variação linguística</p> <p>Conforme as orientações apresentadas nas seções 5.1.3, 5.1.3.1 deste livro, referente às 5 horas de prática do PCC, você deve postar o recorte 2 da seleção, descrição e análise sobre o livro didático.</p> <p>Releia todas as informações relacionadas à parte prática do PCC, referentes ao Módulo III, faça a atividade proposta e poste no AVA a descrição e a análise do livro didático selecionado, considerando o recorte proposto para o módulo</p>	<p>Parte teórica</p> <p>Atividade 15: Leitura e estudo de texto</p> <p>Valor: 4 pontos</p> <p>Parte prática</p> <p>Atividade 17: Temática PCC: Variedade e variação linguística</p> <p>Valor: 4 pontos</p>

Módulo 3 - Gerativismo

Conteúdos básicos

- Gramática Gerativa ou Gerativismo
- Competência e desempenho
- A gramática transformacional
- A gramática universal: princípios e parâmetros

Objetivos

- Apresentar os principais pressupostos teóricos do Gerativismo

Caro/a aluno/a:

Vamos iniciar agora o nosso terceiro módulo. Nele nos concentraremos no Gerativismo.

Neste módulo, apresentamos os principais pressupostos de uma das correntes mais produtivas do século XX na Linguística: o gerativismo ou gramática gerativa. Tratamos das contribuições de Noam Chomsky, de suas hipóteses fundamentais acerca da faculdade de linguagem.

Esperamos que seus estudos sejam bem produtivos.

Principais materiais

Neste módulo, além deste livro, você fará leituras de hipertextos e desenvolverá suas atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle.

Tempo de dedicação neste módulo

Para desenvolver as atividades deste módulo, recomendamos uma dedicação de, pelo menos, 15 horas, distribuídas entre: leitura do material didático, desenvolvimento de atividades práticas e de atividades avaliativas.

Principais formas de avaliação

Leitura e estudo de texto.



ATIVIDADE 13: ELABORAÇÃO DO PLANO DE ESTUDOS

Antes de iniciar a leitura do guia impresso, é importante que você faça um planejamento dos seus estudos, como fez no início dos módulos anteriores. Organize-se para a semana em que o módulo será ministrado. Lembre-se de que você precisará dispor de 20 horas, sendo 15h teóricas e 5h práticas (PCC), para concluí-lo. Portanto, planeje sua semana.



ATIVIDADE 14: LENDO O MÓDULO III E ASSISTINDO À VIDEOAULA

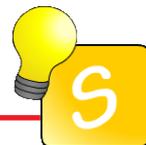


Você acha que nós, humanos, temos uma capacidade inata de usar a linguagem? Escreva, neste espaço da versão impressa deste livro, sua opinião sobre o assunto.



14 O GERATIVISMO

Como vimos no módulo anterior, até aproximadamente 1950, a teoria da linguagem proposta por Bloomfield dominou nos Estados Unidos. Com os avanços nos estudos linguísticos, teve início, nesse mesmo país, no final da década de 1950, a Linguística Gerativa ou Gerativismo, ou, ainda Gramática Gerativa.



“A gramática é gerativa, porque de um número limitado de regras permite gerar um número infinito de sentenças. Reflete o comportamento do locutor que, a partir de uma experiência finita e acidental da língua, pode produzir e compreender um número infinito de frases novas.” (PETER, 2002, p. 22)

Essa corrente de estudos teve origem nos trabalhos do linguista Noam Chomsky. Em 1957, ele publicou seu primeiro livro, “Estruturas sintáticas” e, em função disso, considera-se esse ano como o do nascimento do Gerativismo. Essa abordagem surgiu como uma resposta e também como uma reação ao estruturalismo tradicional, centrado nos dados observáveis, e ao modelo behaviorista de descrição dos fatos da linguagem dominante durante toda a metade do século XX.

Chomsky não concordava com a visão comportamentalista da linguagem sustentada pelos behavioristas. Para ele, o ser humano sempre age criativamente no uso da linguagem, pois, a todo momento, constrói frases novas e inéditas. Já no behaviorismo, não há espaço para essa criatividade.

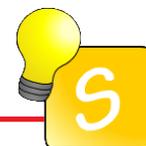
Para Chomsky, a criatividade é uma qualidade peculiar ao homem, a qual o distingue das máquinas e de outros animais. Contudo, ele se refere a uma criatividade regida por regras, uma vez as frases novas e inéditas que os falantes são capazes de produzir são construídas com base nas regras de boa formação identificáveis em uma língua.

Chomsky procura construir uma teoria que, na sua opinião, seria capaz de superar as deficiências do Estruturalismo e tentar explicar quais são os mecanismos subjacentes responsáveis por essa criatividade na linguagem.

Segundo Borba (1991), essa fase da Linguística é “marcada pela preocupação de grandes sínteses em busca de uma teoria geral e operatória que determine as propriedades imanentes das línguas, isto é, as características próprias e imutáveis da linguagem humana: os universais.

O Gerativismo ou Linguística Gerativa é uma ciência de natureza formal, que se baseia na Lógica Simbólica e na Matemática e cuja orientação é racionalista.

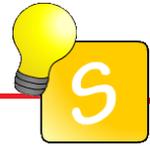
O Gerativismo usa o método dedutivo e opera, dessa forma, com hipóteses acerca da natureza da estrutura e do funcionamento da linguagem.



As ciências formais são um ramo das ciências que estuda os sistemas formais, como por exemplo, a lógica, matemática, teoria dos sistemas e os aspectos teóricos da ciência computacional, teoria da informação, microeconomia, teoria da decisão, estatística e linguística.



Segundo a perspectiva do racionalismo, a fonte e origem do conhecimento é a razão e não a experiência como se concebe no empirismo. Acredita nas ideias inatas e no raciocínio lógico. Ao contrário dessa concepção, temos a empirista que refuta a existência das ideias inatas e postula “que a mente é uma tabula rasa ou página em branco, cujo material provém da experiência”. ([HTTP://www.philosophy.pro.br/racionalismo_empirismo_02htm.htm](http://www.philosophy.pro.br/racionalismo_empirismo_02htm.htm))



A dedução é o caminho das conseqüências, pois uma cadeia de raciocínios em conexão descendente, ou seja, do geral para o particular, leva à conclusão. Segundo esse método, partindo-se de teorias e leis gerais, pode-se chegar à determinação ou previsão de fenômeno ou fatos particulares.

Exemplo clássico de raciocínio dedutivo:

Todo homem é mortal: universal, geral;
João é homem: particular;
Logo, João é mortal: conclusão.

A indução percorre o caminho inverso ao da dedução, isto é, a cadeia de raciocínios estabelece a conexão ascendente, ou seja, do particular para o geral. Neste caso, as constatações particulares é que levam às leis gerais.

Exemplo de raciocínio indutivo:

O calor dilata o ferro: particular;
O calor dilata o cobre: particular;
O calor dilata o bronze: particular;
O ferro, o cobre e o bronze são metais
Logo, o calor dilata os metais: universal, geral.

(http://www.iesambi.org.br/apostila_2007/metodos_pesquisa.htm)

Segundo a proposta de Chomsky, a Linguística deixa de ser apenas descritiva e passa a ser explicativa. Para ele, não basta apenas observar e classificar os dados; é preciso ter uma teoria explicativa que preceda os dados e que possa explicar não só as frases realizadas como também as que poderiam ser produzidas pelo falante. Essa teoria é denominada “gramática” (PETTER, 2002). “A teoria da gramática, como é conhecida, trata de todas as frases gramaticais, isto é todas as frases que pertencem à língua” (PETER, 2002, p. 22).

Como dissemos, o método adotado é o dedutivo, pois Chomsky e seus seguidores acreditam que um fenômeno só é explicado quando se pode deduzi-lo de leis gerais.

Para Chomsky, o ser humano tem uma capacidade inata, genética de falar e entender uma língua. Assim, parte do princípio de que a capacidade de linguagem é inata ao homem. Ao contrário dos behavioristas que entendiam que essa capacidade era completamente determinada pelo mundo exterior, Chomsky defende que ela é interna ao organismo humano.

Ele acredita que ela constitui a competência linguística de um falante. “Essa disposição inata para a competência linguística é o que ficou conhecido como faculdade da linguagem” (KENEDY, 2008, p. 129).

Chomsky denomina de competência linguística o conhecimento inconsciente que o falante possui sobre a sua língua. É a capacidade que todo falante tem de produzir e compreender as frases da língua. Ela também

engloba um saber que o falante tem a respeito das frases. É com base nesse saber que ele consegue comparar estruturas sintáticas semelhantes, separar frases que fazem parte da língua das que não fazem.

A língua é definida por Chomsky como um conjunto infinito de frases e a linguagem é considerada uma faculdade natural da espécie humana.

O gerativismo volta-se para a constituição de um modelo teórico capaz de descrever e explicar essa faculdade. Os gerativistas se preocupam com o funcionamento dessa faculdade na mente humana.

Segundo Petter (2002, p. 22),

Os gerativistas estão preocupados em apreender na análise das línguas propriedades comuns, universais da linguagem, que constituem a gramática universal (GU). As propriedades formais das línguas e a natureza das regras exigidas para descrevê-las são consideradas mais importantes do que a investigação das relações entre linguagem e o mundo.

14.1 COMPETÊNCIA E DESEMPENHO

Se a dicotomia *langue* e *parole* é marcante no Estruturalismo, igualmente o é a dicotomia competência e desempenho no Gerativismo.

Chomsky faz uma distinção entre competência e desempenho. O primeiro conceito diz respeito ao plano universal, ideal e próprio da espécie humana – inato. Já o segundo refere-se ao plano individual, particular e exteriorizado.

A competência linguística de um falante é, conforme Lyons (1987), a porção do seu conhecimento do sistema linguístico, por meio da qual ele é capaz de produzir um conjunto infinitamente grande de sentenças que constitui a sua língua. Ela tem sido definida como o saber linguístico implícito dos sujeitos falantes.

Petter (2002) afirma que é a competência do falante a responsável pela organização dos elementos linguísticos que constituem uma sentença, conferindo-lhes *gramaticalidade*.



Você sabe o que é uma frase gramatical e uma agramatical?

Vamos tecer algumas considerações sobre esse conceito “**gramaticalidade**”.

Para a descrição e explicação da faculdade da linguagem, recorre-se à intuição linguística dos falantes para a identificação da gramaticalidade ou agramaticalidade de uma frase.

Os falantes são capazes de julgar se uma frase pertence ou não à sua língua. Se é possível de ser realizada em uma língua, é gramatical; se não, é agramatical.

Para assinalar a agramaticalidade, usa-se o asterisco como em:

(*) Tarefa esta muito sua complicada é.

Pode-se dizer, então, que uma “sequência de palavras é agramatical (*) quando não respeita as regras gramaticais do sistema linguístico, do conhecimento internalizado de que dispõe o falante” (PETTER, 2002, p. 22).

No que diz respeito ao desempenho, ele é entendido como uma manifestação exterior e atualizada, num dado momento, desse saber implícito que tem os falantes. É, segundo Lyons (1987, p. 173),

o comportamento linguístico; e é determinado não apenas pela competência linguística do falante, mas também por uma variedade de fatores não linguísticos que incluem, por um lado, convenções sociais, crenças acerca do mundo, as atitudes emocionais do falante em relação ao que está dizendo, seus pressupostos sobre as atitudes de seu interlocutor, etc. e, por outro lado, o funcionamento dos mecanismos psicológicos e fisiológicos envolvidos na produção dos enunciados.

Como exemplifica Kenedy (2008), se você queria pronunciar a frase “Vou tentar a sorte”, mas acabou dizendo “Vou tentar a torte”, o que aconteceu foi um problema de desempenho e não de falta de conhecimento do sistema linguístico. E esse problema pode ter ocorrido pelo fato de você estar muito emocionado, estressado, desatento ou por outras razões. Isso porque o desempenho envolve diversos tipos de habilidade que não são linguísticas.

Essa distinção competência e desempenho é central no gerativismo.

De acordo com Lopes (1980) e com Lyons (1987), os conceitos de competência e de desempenho podem ser aproximados, respectivamente, dos conceitos saussureanos de *langue*, com a ressalva de que Saussure não enfatizou o aspecto criador da *langue*, e de *parole*.

Para Chomsky, o linguista tem como tarefa descrever a competência do falante e não o desempenho. Assim, defende que o objeto da ciência é a competência, assim como a *langue* para Saussure.

14.2 A GRAMÁTICA TRANSFORMACIONAL

A gramática transformacional constitui a primeira elaboração do modelo gerativista.

O próprio nome leva-nos a estabelecer uma relação com transformação, certo? É isso mesmo! Os gerativistas estavam preocupados em descrever como os constituintes das sentenças eram formados e como eles se transformavam em outros por meio da aplicação de regras.

Vamos exemplificar isso.

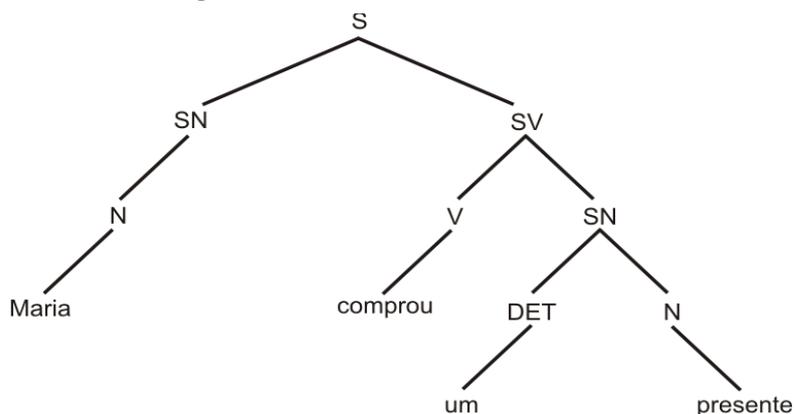
A frase “Maria comprou um presente” possui quatro itens lexicais e constitui uma declaração. A partir dela, outras frases podem ser formadas como “Um presente foi comprado por Maria”, “O que Maria comprou?”, “Quem comprou um presente?”

Considerando essas possibilidades, “os gerativistas perceberam que as infinitas sentenças de uma língua eram formadas a partir da aplicação de um finito sistema de regras (a gramática) que transformava uma estrutura em outra (sentença ativa em passiva, declarativa em interrogativa, afirmativa em negativa, etc.)” (KENEDY, 2008, p. 131).

Esse sistema de regras que se assumia como o conhecimento linguístico existente na mente do falante de uma língua e que deveria ser descrito e explicado pelo gerativista.

Para representar estruturas sintáticas, os gerativistas usam um esquema, como o apresentado abaixo, denominado de *diagrama arbóreo* ou *árvore*.

Figura 7: Diarama arbóreo ou árvore



Nessa árvore, S corresponde à sentença; SN, à sintagma nominal; SV, à sintagma verbal; N, a nome; V, a verbo; DET, a determinante.

Por meio dessas regras de composição sintagmática, é possível explicar como uma estrutura simples como a exemplificada é gerada, mas como explicar a formação de uma estrutura passiva relacionada a essa estrutura ativa?

Para dar conta disso, os gerativistas elaboraram as regras transformacionais. Considerando que uma transformação forma uma estrutura a partir de uma já existente, os gerativistas chamaram a primeiramente construída de *estrutura profunda*, e a que dela originou de *estrutura superficial*.

Assim, a frase “Maria comprou um presente” é a estrutura profunda e a frase “Um presente foi comprado por Maria” é a estrutura superficial. Nesse processo de transformação, inseriu-se o verbo “ser” no pretérito perfeito, o verbo comprar passou para o particípio, o que era objeto na 1ª frase passou para a posição de sujeito na 2ª, e o agente da ação (“Maria”) foi manifesto como um sintagma preposicionado (“por Maria”).

Conforme Kenedy (2008, p. 13), houve uma mudança na década de 90:

A ideia da transformação de uma estrutura profunda numa estrutura superficial seria abandonada em favor de uma visão que não mais representava estruturas, e sim as derivava – mostrando os passos pelos quais uma estrutura é formada (derivada), sem que ela tenha de ser comparada com uma outra estrutura independente. Não obstante, a ideia das transformações como operações computacionais (fenômenos sintáticos) que derivam sentenças é o tópico central da pesquisa gerativista até o presente.

14.3 A GRAMÁTICA UNIVERSAL: PRINCÍPIOS E PARÂMETROS

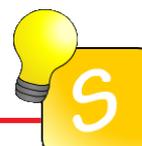
No início dos anos 80, a linguística gerativa chega à hipótese da Gramática Universal (GU). Partindo da consideração de que a linguagem está associada a mecanismos inatos da espécie humana e comuns aos membros dessa espécie, entende-se que há algo de comum a todos esses membros; há algo universal. Tendo em vista isso, Chomsky postula a existência de universais linguísticos. Nessa perspectiva, considera-se que o ser humano já nasce com uma GU, que é dotada de princípios universais invariáveis, aplicáveis do mesmo modo para todas as línguas, e de “parâmetros de variação, responsáveis por especificar propriedades variáveis de línguas particulares.” (BERLINCK, AUGUSTO e SCHER, 2001, p. 214). A GU é o “conjunto das propriedades gramaticais comuns compartilhadas por todas as línguas naturais, bem como as diferenças entre elas que são previsíveis segundo o leque de opções disponíveis na própria GU” (KENEDY, 2008, P. 136).

De acordo com essa concepção, então, a criança nasce pré-programada com princípios universais e um conjunto de parâmetros. E tais parâmetros são fixados de acordo com os dados de língua aos quais a criança é exposta.

Kenedy (2008, p. 136) explica que

A hipótese da GU representa um refinamento da noção de Faculdade da Linguagem, sustentada pelo gerativismo desde o seu início: a Faculdade da Linguagem é o dispositivo inato presente em todos os seres humanos, como herança biológica, que nos fornece um algoritmo, isto é, um sistema gerativo, um conjunto de instruções passo a passo, como as inscritas num programa de computador, o qual nos torna aptos para desenvolver (ou adquirir) a gramática de uma língua. Esse algoritmo é a GU.

E como descrever a natureza e o funcionamento da GU? Para dar conta disso, os gerativistas elaboraram a teoria de Princípios e Parâmetros.



Para conhecer as bases dessa teoria, convidamos você, aluno/a, a assistir ao vídeo disponível neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=pDLJShHZUIk>, no qual o professor Aquiles Tescari Neto discorre sobre a teoria.

Cabe destacar que, com o objetivo de entender e explicar a capacidade humana inata para a linguagem, os gerativistas têm comparado as diversas línguas e descrito os princípios e parâmetros da GU.



ATIVIDADE 15: LEITURA E ESTUDO DE TEXTO

Para saber mais sobre o gerativismo, propomos a você, discente, a leitura de um capítulo de Eduardo Kenedy (2008), disponível no AVA.

É importante que você o leia com muita atenção e destaque nele as informações mais importantes.

No final do artigo, Kenedy apresenta oito questões relativas ao gerativismo. Delas, você deverá responder às questões de número 1, 2, 3, 5, 6 e 8 e encaminhar as respostas ao/a seu/sua tutor/a.

Para encaminhá-las, você deverá digitá-las. Para isso, deve usar fonte 12, Times New Roman ou Arial, espaço entre linhas 1,5 cm. As questões devem estar devidamente numeradas. No topo da página, é importante que você coloque um cabeçalho, contendo: nome da universidade, do curso, da disciplina, do professor e o seu nome.



ATIVIDADE 16: LEITURA COMPLEMENTAR



Para complementar seus estudos sobre o Gerativismo , sugerimos que assista à vídeoaula disponível em:

<https://youtu.be/OUHW-rxtS5E>

Sugerimos também a leitura do material disponível no site a seguir, que possibilita também uma análise comparativa entre o Estruturalismo e Gerativismo:

<http://sites.google.com/site/linguaelinguistica/correntes-teoricas/gerativismo>



ATIVIDADE 17: TEMÁTICA PCC: VARIEDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Conforme as orientações apresentadas nas seções 5.1.3, 5.1.3.1 deste livro, referente às 5 horas de prática do PCC, você deve postar o recorte 2 da seleção, descrição e análise sobre o livro didático.

Releia todas as informações relacionadas à parte prática do PCC, referentes ao Módulo III, faça a atividade proposta e poste no AVA a descrição e a análise do livro didático selecionado, considerando o recorte proposto para o módulo.



REFERÊNCIAS

Módulo 3

BORBA, F. da S. **Introdução aos estudos linguísticos**. 11ª ed. Campinas: Pontes, 1991.

KENEDY, E. Gerativismo. In: Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). In.: Manual de lingüística. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 127-140. Disponível em: http://www.professores.uff.br/eduardo/artigos_arquivos/manualdelinguistica_2008.pdf

LOPES, E. **Fundamentos da Linguística contemporânea**. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

LYONS, J. **Lingua(gem) e linguística: uma introdução**. Trad. Marilda W. Averborg e Clarisse S. de Souza. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos**. São Paulo, Contexto, 2002, p. 11-24.

http://www.iesambi.org.br/apostila_2007/metodos_pesquisa.htm

http://www.philosophy.pro.br/racionalismo_empirismo_02htm.htm

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ci%C3%A0ncias_formais

<https://youtu.be/OUHW-rxtS5E>

<http://sites.google.com/site/linguaelinguistica/correntes-teoricas/gerativismo>

AGENDA DO MÓDULO 4

CONTEÚDO	DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO	AVALIAÇÕES
<p>17. O FUNCIONALISMO EM LINGUÍSTICA</p> <p>17.1 O FUNCIONALISMO EUROPEU: A ESCOLA DE PRAGA, A ESCOLA DE LONDRES E O GRUPO HOLANDÊS</p> <p>17.2. O FUNCIONALISMO NORTE-AMERICANO</p>	<p>Atividade 18: Elaboração do plano de estudos</p> <p>Atividade 19: Lendo o módulo IV e assistindo à videoaula</p> <p>Atividade 20: Gravando e compartilhando suas impressões no Flipgrid</p> <p>Você agora vai ler um artigo, intitulado “Representações para vítimas, familiares e Poder Público na tragédia da boate Kiss sob a perspectiva Sistêmico-funcional”, de Cristiane Fuzer e Lucas Saldanha da Cruz, no qual eles apresentam uma análise de vários textos sobre a tragédia ocorrida na boate Kiss em Santa Maria, RS, em 27 de janeiro de 2013.</p> <p>Após a leitura, você vai compartilhar suas impressões sobre o texto, por meio do Flipgrid, conforme orientações para a realização da atividade apresentadas neste módulo</p> <p>Atividade 21: Leitura complementar</p> <p>Para saber mais sobre o funcionalismo, sugerimos que assista ao vídeo disponível neste link:</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=woq2QooFRsc</p> <p>Atividade 22: Leitura Complementar</p> <p>Para complementar o que foi lido até aqui, acesse o arquivo “Introdução ao funcionalismo”, disponível no AVA. Ele contém uma síntese do artigo “Funcionalismo” de Angélica Furtado da Cunha, publicado no livro organizado por Martelotta (2008), intitulado Manual de Linguística.</p> <p>Atividade 23: Participando de um Fórum de Discussão</p> <p>Você agora vai ler um artigo em que se faz uma importante discussão sobre o formalismo e o funcionalismo e se destaca a necessidade de vê-las como não mutuamente excludentes.</p> <p>O artigo é de Luciano Amaral Oliveira, tem como título Formalismo e Funcionalismo: fatias da mesma torta e foi publicado em 2003.</p> <p>Com base no que leu neste módulo e nas atividades realizadas, escreva neste Fórum de Discussão pelo menos três diferenças entre as duas correntes teóricas e se posicione sobre a seguinte questão: o formalismo e o funcionalismo são posições teóricas excludentes? É importante você justificar seu posicionamento.</p>	<p>Parte teórica</p> <p>Atividade 20: Gravando e compartilhando suas impressões no Flipgrid</p> <p>Valor: 5 pontos</p> <p>Atividade 23: Fórum de discussão</p> <p>Valor: 5 pontos</p> <p>Parte prática</p> <p>Atividade 25: Temática PCC: Preconceito linguístico</p> <p>Valor: 4,0 pontos</p>

No decorrer das discussões, tente comparar a sua resposta com a dos/as colegas e comente a resposta de pelo menos dois colegas

Atividade 24: Leitura complementar

Como leitura complementar, sugerimos os textos a seguir:

NEVES, M. H. de M. Estudos Funcionalistas no Brasil. D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º ESPECIAL, 1999, p. 70-104. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/VVfY8GmpxHn7V9xk7Khdfkf/?lang=pt>

OLIVEIRA, M. R. de; CEZARIO, M. M. PCN à luz do funcionalismo linguístico. Linguagem & Ensino. ,v.10, n.1,p.87-108,jan./jun.2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15651>

O primeiro focaliza o Funcionalismo no Brasil e o segundo trata das contribuições que essa teoria pode fornecer ao ensino de línguas

ATIVIDADE 25- Temática PCC: Preconceito linguístico

Conforme as orientações apresentadas nas seções 5.1.4, 5.1.4.1 deste livro, referente às 5 horas de prática do PCC, você deve postar o recorte 3 da seleção, descrição e análise sobre o livro didático.

Releia todas as informações relacionadas à parte prática do PCC, referentes ao Módulo IV, faça a atividade proposta e poste no AVA a descrição e a análise do livro didático selecionado, considerando o recorte proposto para o módulo

Módulo 4 - Funcionalismo

Conteúdos básicos

- O funcionalismo em Linguística
- O funcionalismo europeu: a Escola de Praga, a Escola de Londres e o Grupo Holandês
- O funcionalismo norte-americano

Objetivos

- Apresentar os principais pressupostos teóricos do Funcionalismo

Caro/a aluno/a:

Vamos iniciar agora o penúltimo módulo da disciplina “Introdução aos Estudos da Linguagem” do Curso de Letras - Licenciatura em Inglês e Literaturas de Língua Inglesa.

Este módulo é destinado ao estudo do Funcionalismo em Linguística. Nele, procuramos explicitar o postulado central do paradigma funcionalista, segundo o qual as línguas são instrumentos de interação social e como tal as análises desse objeto devem levar em conta o contexto e as especificidades da situação de interação.

Desejamos a você sucesso em seus estudos!

Principais materiais

Neste módulo, além do guia de estudos impresso, você fará leituras de hipertextos e desenvolverá suas atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle.

Tempo de dedicação neste módulo

Para desenvolver as atividades deste módulo, recomendamos uma dedicação de, pelo menos, 20 horas, distribuídas entre: leitura do material didático e desenvolvimento de atividades avaliativas e não avaliativas.

Principais formas de avaliação

Fórum de discussão.

ATIVIDADE 18: ELABORAÇÃO DO PLANO DE ESTUDOS

Antes de iniciar a leitura do guia impresso, é importante que você faça um planejamento dos seus estudos, como fez no início dos módulos anteriores. Organize-se para a semana em que o módulo será ministrado. Lembre-se de que você precisará dispor de 20 horas, sendo 15h teóricas e 5h práticas (PCC) para concluí-lo. Portanto, planeje sua semana.

ATIVIDADE 19: LENDO O MÓDULO IV E ASSISTINDO À VIDEOAULA

Como você já viu, em linhas bem gerais, a corrente estruturalista está ligada ao conceito de estrutura e a gerativista está relacionada à capacidade do falante de gerar inúmeras frases novas e inéditas. Considerando a relação entre os nomes dessas correntes e o que elas significam, escreva abaixo o que você imagina que pode ser o funcionalismo em Linguística.

17 O FUNCIONALISMO EM LINGUÍSTICA

Os funcionalistas consideram que há uma relação estreita entre linguagem e sociedade e, nessa perspectiva, concebem a linguagem como um instrumento de interação social. Eles não separam o sistema linguístico das funções que seus elementos preenchem.

O funcionalismo preocupa-se em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas. O interesse de investigação linguística dos funcionalistas não se restringe à estrutura gramatical, mas busca na situação de comunicação a motivação para os fatos da língua. Ao fazer isso, leva em conta tudo que está envolvido nessa situação: os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo.

Como afirma Cunha (2008, p. 157), “A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso”. Isso significa que, para explicar por que um falante utilizaria a frase (a) abaixo em lugar da (b), não observa apenas seus constituintes, a ordem em que aparecem, por exemplo, mas analisa as condições em que cada uma ocorre.

- a) Você é gentil.
- b) Gentil é você.

Como explica Cunha (2008), ao apresentar exemplos semelhantes a esses, a frase (b) pressupõe que algo foi dito e só faz sentido em um contexto em que o interlocutor tenha feito o mesmo elogio; ela “está relacionada a uma situação comunicativa típica de réplica, marcada pela inversão do predicado (...) [gentil], que vai para o início da frase” (p. 157).

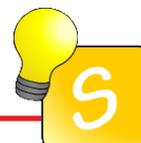
Essa breve exemplificação ilustra como a abordagem funcionalista considera que a estrutura dos enunciados é determinada pelo uso e pelo contexto comunicativo em que ocorrem. Para isso, os funcionalistas procuram trabalhar com dados reais de fala ou escrita coletados de contextos efetivos de comunicação.

Cunha aponta como importante característica do funcionalismo “a visão de que a linguagem não constitui um conhecimento específico, como propõem os gerativistas, mas um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas integradas ao resto da psicologia humana” (p. 158).

A abordagem funcionalista não se limita a uma teoria particular, mas corresponde a vários modelos teóricos. Eles têm diferenças em certos aspectos, mas apresentam pontos essenciais em comum. Dentre eles, a base comum de que uma análise linguística deve levar em conta a interação social, isto é, a consideração de que o componente discursivo desempenha um papel preponderante na gramática de uma língua” (PEZZATTI, 2004). Vamos apresentar agora alguns dos diferentes modelos funcionalistas.

17.1 O FUNCIONALISMO EUROPEU: A ESCOLA DE PRAGA, A ESCOLA DE LONDRES E O GRUPO HOLANDÊS

As primeiras análises funcionalistas são atribuídas aos membros da Escola de Praga, oriunda do Círculo Linguístico de Praga.



Saiba mais sobre o Círculo Linguístico de Praga, acessando o seguinte endereço eletrônico: <http://claudetelima.webnode.com.br/products/circulo-linguistico-de-praga/>

Esses membros opunham-se a algumas ideias saussureanas, a saber: a distinção entre sincronia e diacronia e a noção de homogeneidade do sistema linguístico. Contudo, apesar de o funcionalismo europeu ser constantemente contrastado ao estruturalismo, é importante destacar que ele “surge como um movimento particular dentro do estruturalismo, enfatizando a função das unidades linguísticas” (CUNHA, 2008, p. 159).

Entre os principais representantes da Escola de Praga estão, como já dissemos, Nikolaj Trubetzkoy e Roman Jakobson. Segundo Cunha (2008), a principal contribuição dos membros dessa escola foi o uso dos termos função/funcional, o estabelecimento dos fundamentos teóricos básicos do funcionalismo e as análises que levam em conta parâmetros pragmáticos e discursivos.

Os funcionalistas de Praga, em oposição à corrente da Linguística que concebia o estudo da linguagem como expressão do pensamento, destacaram a multifuncionalidade da linguagem. Considerando que a linguagem possui diferentes funções, associadas a comportamentos comuns na vida social, alguns cientistas procuraram delimitar as funções que a linguagem desempenha. Dentre eles, destacam-se Roman Jakobson e M. A. K. Halliday¹.

Jakobson parte do pressuposto de que uma mensagem eficaz requer: um remetente; um destinatário; uma mensagem; um contexto apreensível pelo destinatário; um código que seja reconhecido pelo remetente e destinatário; um contato ou canal físico. Com base nesses elementos constitutivos do ato da comunicação, ele postulou seis funções da linguagem, sendo cada uma centrada em um desses elementos:

FUNÇÃO	ELEMENTO DO ATO DE COMUNICAÇÃO
REFERENCIAL	CONTEXTO
EMOTIVA	REMETENTE
CONATIVA	DESTINATÁRIO
FÁTICA	CANAL
METALINGUÍSTICA	CÓDIGO
POÉTICA	MENSAGEM



[http://](http://educacao.uol.com.br/portugues/funcoes_linguagem.jhtm)

Você deve ter estudado essas funções no Ensino Médio. Para relembrar o que significa cada função, vá a internet e visite o site: http://educacao.uol.com.br/portugues/funcoes_linguagem.jhtm

Contudo, esse modelo tem sido criticado por vários estudiosos, especialmente por não levar em conta a dinâmica da interação verbal, uma vez que representa a comunicação verbal como linear. Nesse modelo, concebe-se que os papéis são fixos, de emissor e de receptor, e que o receptor é um sujeito passivo. Assim,

1 No chamado Grupo Holandês, também se vê presente a tendência de analisar a língua de um ponto de vista funcional. Deste grupo, destaca-se o linguista holandês Simon Dik. Ele trabalha com uma concepção teleológica de linguagem, ou seja, a linguagem é usada para determinado fim.

desconsideram-se a atitude responsiva ativa (Bakhtin, 2000), a troca de papéis que pode ocorrer em uma situação de comunicação e a influência do contexto.

Diferentemente da proposta de Jakobson, Michael K. Halliday propôs uma teoria designada Linguística Sistêmico Funcional (LSF). Para lhes apresentar a LSF, recorreremos a Ottoni (2007, p. 29-33), cujas considerações reproduzimos a seguir, com algumas alterações:

A Linguística Sistêmico-Funcional vem sendo desenvolvida desde os anos 60 por M. A. K. Halliday e tem sido ampliada por ele (Halliday e Matthiessen, 2004) e por seus seguidores. O seu conceito organizador é o de 'sistema', desenvolvido dentro do construto formal de uma 'rede de sistema'. Cada sistema na rede representa uma escolha que pode ser feita em diferente nível no sistema linguístico (semântico, lexicogramatical, fonológico, fonético).

A LSF, então, é considerada uma teoria do significado como escolha, pela qual uma língua, ou qualquer outro sistema semiótico, é interpretada como redes de opções: 'ou isso, ou aquilo, ou aquilo outro', etc. (Halliday, 1994). As escolhas, na perspectiva da LSF, são significativas e determinam a criação de diferentes significados, na medida em que determinam diferentes interpretações da realidade e criam diferentes visões de mundo. O principal foco dessa teoria é estudar como a linguagem atua no contexto social e como o mesmo a influencia. Ela é, portanto, preocupada em mostrar como a organização da linguagem é relacionada ao seu uso.

A LSF vê a linguagem como um sistema sociosemiótico que constrói nossa realidade social por meio de estruturas lexicogramaticais que são, de acordo com Halliday, recursos de uma cultura para produzir significado. Nas palavras deste pesquisador, dizer que "a linguagem é uma semiótica social" significa que "A linguagem surge na vida do indivíduo por meio de uma constante troca de significados com outros significantes. Uma criança cria, primeiro a sua língua infantil, depois a sua língua materna, em interação com o pequeno círculo de pessoas que constitui seu grupo de significado. Nesse sentido, a linguagem é um produto do processo social" (HALLIDAY, 1978, p. 1).

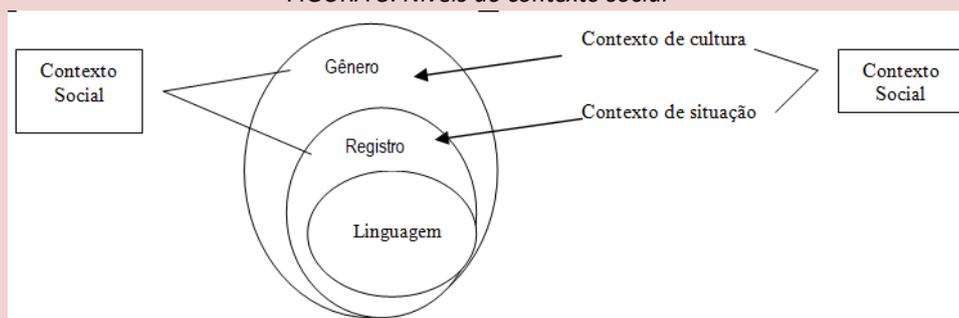
Para Halliday, 'social' no termo 'semiótica social' é sinônimo de cultura. Quando ele diz 'semiótica social' (ou sociosemiótico), ele está se referindo

à definição de um sistema social, ou uma cultura, como um sistema de significados. Mas eu também pretendo uma interpretação mais específica da palavra 'social' para indicar que nós estamos particularmente preocupados com as relações entre a linguagem e a estrutura social, considerando a estrutura social como um aspecto do sistema social. (HALLIDAY, 1989, p 4-5).

Definir a linguagem como uma 'semiótica social' implica, portanto, que uma 'comunidade' de falantes partilha conhecimento sobre o sistema da língua, significados e situações. A linguagem, dessa forma, pode ser considerada, de uma perspectiva lingüística funcional, como um "sistema multi-níveis em que falantes e escritores fazem escolhas motivadas pelos significados apropriados a um dado contexto, e então expressam essas escolhas lexicogramaticais em sons ou por escrito" (BUTT et et al., 2000, p. 11). A linguagem é, portanto, condicionada pelo contexto social. Os dois - linguagem e contexto social – são tratados, na LSF, como níveis semióticos complementares que estabelecem entre si uma relação de realização um com o outro. Essa realização implica que a linguagem constrói o contexto social, é por ele construída e o reconstrói, numa relação dialética.

O contexto social é tratado como um sistema estratificado que compreende o nível de gênero (contexto de cultura) e o nível de registro (contexto de situação) (MARTIN, 1992; EGGINS; MARTIN, 1996), como na figura a seguir:

FIGURA 8: Níveis do contexto social



Fonte: Ottoni (2007, p. 30)

Contexto de cultura e contexto de situação são dois termos cunhados pelo antropólogo Malinowski. De acordo com a LSF, cada texto ocorre sempre nesses dois contextos, ou seja, cada texto desenrola-se em algum contexto de uso (HALLIDAY, 1994, p. xiii) ou, nos termos de Malinowski (1922, 1935), cada texto tem seu contexto de situação e, da mesma forma, cada texto desenrola-se dentro de um contexto maior, o de cultura.

O texto é entendido por Halliday (1978) e Halliday e Hasan (1989) como um processo sociosemiótico; ele é o meio de troca, uma troca social de significados. Halliday (1978, p. 141) parte do ponto de que os significados são criados pelo sistema social, são sistemas integrados de significado potencial e são trocados pelos membros de uma comunidade na forma de texto. Assim, a permanência e a transformação no sistema social são tanto refletidas no texto quanto acarretadas por meio deste. O texto é, então, o canal principal da transmissão da cultura; e é este aspecto – texto como o processo semântico da dinâmica social – que mais que qualquer outra coisa tem moldado o sistema semântico. A relação entre os dois - texto e contexto – “é dinâmica e reversível, em que os contextos são realizados nos textos e estes revelam os contextos. Isso significa que o conhecimento do contexto permite-nos fazer previsões sobre a lexicogramática de um texto. Inversamente, a análise gramatical de um texto permite-nos entender o contexto de produção» (BUTT et al., 2000, p. 182). Isso significa que podemos ir do contexto ao texto e do texto ao contexto.

Na configuração do contexto social, o contexto de situação é o contexto particular em que um texto é produzido; é “o meio imediato em que um texto está realmente funcionando” (HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 46). Já o contexto de cultura diz respeito à história subjacente a um evento discursivo; ele se relaciona aos valores e normas de uma comunidade, à história cultural dos participantes, ao tipo de práticas em que eles estão engajados, determinando sua significação para a cultura, se prática ou ritual, os quais estão envolvidos em qualquer tipo de interação.

De acordo com Halliday (1978, p. 143-145) e Halliday e Hasan (1989, p. 12), o contexto de situação (registro) é constituído por três variáveis: campo, relações e modo. Assim, ele é estruturado como um campo da ação social significativa (atividade; o que está acontecendo), como as relações dos participantes sociais (a natureza dos participantes, seus status e papéis; relações pessoais; tipo de troca que está ocorrendo), e como um modo de organização simbólica (seleção das opções dos sistemas textuais como tema, informação, voz, modelos coesivos; o status que o texto tem e sua função no contexto; o canal: falado, escrito, ou uma combinação dos dois; e também o modo retórico: narrativo, descritivo, expositivo, etc.).

Textos com características comuns no campo, relações e modo do discurso, ou seja, que partilham o mesmo contexto de situação em uma maior ou menor extensão, partilham também os mesmos significados experiencial, interpessoal e textual e, por isso, são considerados pertencentes ao mesmo registro. Halliday (1978, p. 145) explica que o registro define a variedade da qual o texto em particular é um exemplo; ele “pode ser definido como o modo como os significados variam consistentemente com o contexto de situação ou de acordo com o uso” (BUTT et al., 2000, p. 203).

Voltando à figura 5, apresentada anteriormente, o nível da linguagem, denominado também de sistema sociosemiótico, é estruturado em três estratos: o estrato semântico (significados); o estrato da fonologia e grafologia (sons e letras); e um terceiro, o estrato da lexicogramática (palavras e estruturas) que faz a mediação entre os dois primeiros. O círculo correspondente à linguagem, na figura 5, é então dividido nesses três estratos, como se pode ver na figura 6 mais à frente.

Ainda sobre as as variáveis de registro mencionadas, cada uma tende a determinar a seleção de opções em um componente correspondente do estrato semântico, ou seja, nas macrofunções (ver figura 2): ideacional, interpessoal e textual. Desse modo, o campo determina a seleção de significados ideacionais; relações determina a seleção de significados interpessoais, e o modo determina a seleção de significados textuais (HALLIDAY, 1989, p. 25).

No quadro a seguir, resumimos informações sobre as macrofunções (estrato da semântica discursiva), propostas por Halliday, as variáveis de registro (estrato do contexto de situação) e os sistemas lexicogramaticais (estrato da lexicogramática) relacionados a cada macrofunção:

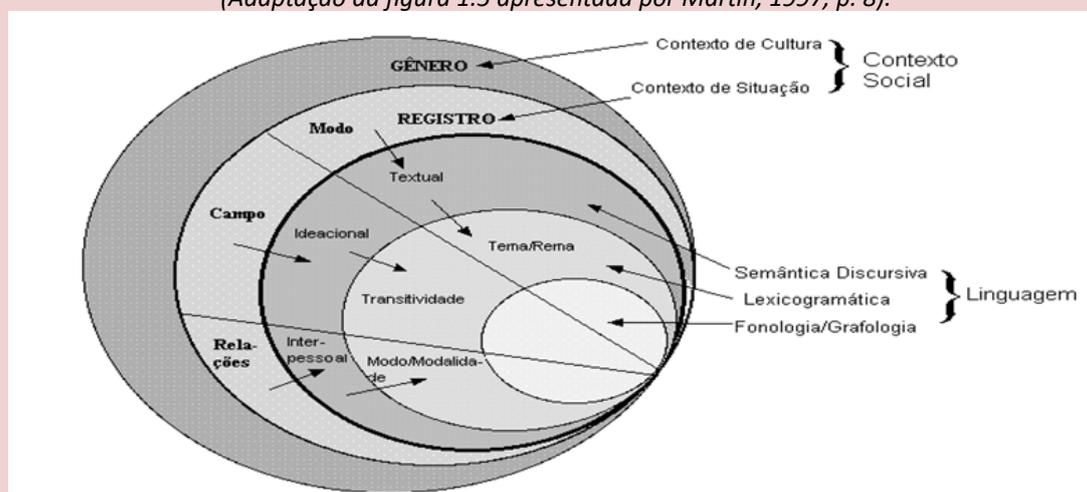
MACROFUNÇÕES		VARIÁVEIS DE CONTEXTO OU DE REGISTRO	SISTEMAS LEXICOGRAMATICAIIS POR MEIO DOS (E NOS) QUAIS AS MACROFUNÇÕES SÃO REALIZADAS NA ORAÇÃO
IDEACIONAL	refere-se ao uso da linguagem para representar a nossa experiência do mundo; ela está relacionada à representação da realidade	campo: determina a seleção de significados ideacionais	<i>Transitividade,</i>
INTERPESSOAL	diz respeito ao uso da linguagem para codificar a interação, para codificar idéias sobre obrigação e inclinação e para expressar nossas atitudes. Ela inclui “tudo que pode ser entendido como a expressão de nossas próprias personalidades e sentimentos pessoais, por um lado; e formas de interação e ação social com outros participantes na situação de comunicação, por outro lado” (Halliday, 1997, p. 36). Portanto, está associada à representação e negociação de relações sociais e identidades.	relações determina a seleção de significados <i>interpessoais,</i>	<i>modo/modalidade</i>

TEXTUAL	relacionada ao uso da linguagem para organizar nossos significados experienciais (ideacionais) e interpessoais dentro de um todo coerente e linear. Ela está ligada à construção do texto.	modo determina a seleção de significados <i>textuais</i>	<i>informação (tema/rema).</i>
----------------	--	--	--------------------------------

Fonte: elaborado com base em Halliday (1989) e Butt et al (2000)

Ampliando a figura anterior, essa relação de realização, incluindo as variáveis de registro, as macrofunções (nível semântico) e esses sistemas lexicogramaticais, pode ser ilustrada como na figura 6:

FIGURA 9: A estratificação da linguagem metarredundando com registro, metarredundando, por sua vez, com gênero (Adaptação da figura 1.5 apresentada por Martin, 1997, p. 8).



Nessa figura, vemos que o nível de registro faz a interface da análise do contexto social com a organização metafuncionalmente diversificada dos recursos da língua. Assim, o registro contextualiza a linguagem (estratos da semântica discursiva, lexicogramática e fonologia/grafologia) e é, por sua vez, contextualizado pelo gênero. Este é estabelecido além das metafunções para representar as relações entre os processos sociais em termos mais holísticos, com um foco especial nos estágios por meio dos quais o texto se desenvolve (cf. Martin, 1997).

Como se pode ver na figura 6 ainda, e no quadro 1, os sistemas da lexicogramática são associados às metafunções da linguagem e às variáveis de registro. Tanto essas macrofunções quanto esses três sistemas lexicogramaticais e as variáveis de registro estão presentes simultaneamente nos textos. Essa multifuncionalidade dos textos é enfatizada nas abordagens 'funcionais' da linguagem.

Fonte: Ottoni (2007, p. 29-34) com adaptações.



ATIVIDADE 20: GRAVANDO E COMPARTILHANDO SUAS IMPRESSÕES NO FLIPGRID

Você agora vai ler um artigo, intitulado “Representações para vítimas, familiares e Poder Público na tragédia da boate Kiss sob a perspectiva Sistêmico-funcional”, de Cristiane Fuzer e Lucas Saldanha da Cruz, no qual eles apresentam uma análise de vários textos sobre a tragédia ocorrida na boate Kiss em Santa Maria, RS, em 27 de janeiro de 2013.

O artigo está disponível no AVA e no seguinte endereço eletrônico:

CRUZ, L. S. da.; FUZER, C. Representações para vítimas, familiares e poder público na tragédia da Boate Kiss sob a perspectiva sistêmico-funcional. *Signótica*, v. 27, n. 2,, p. 461–484, 2015. Disponível em: . <https://doi.org/10.5216/sig.v27i2.30875>

Após a leitura, você vai compartilhar suas impressões sobre o texto, conforme orientações para a realização da atividade a seguir:

Esta atividade propõe que você registre, em áudio, as suas impressões sobre o artigo lido (o que compreendeu, aspectos positivos e negativos), evidenciando se a leitura lhe possibilitou compreender melhor as contribuições da LSF para a análise de textos.

A proposta inclui também o comentário escrito sobre o registro em áudio de um/a colega.

Depois de gravar o seu áudio, você vai socializá-lo no mural digital criado no **FLIPGRID**. Por meio desse mural, você poderá ouvir os registros dos/as colegas e comentar a produção de um deles/as.. Seus comentários escritos também serão compartilhados no mural digital.

Seguem algumas orientações para você realizar essa atividade:

1º Leia o artigo com bastante atenção e destaque as informações principais

2º Faça uma relação dos aspectos que contemplará no seu áudio. É importante que você se apresente, que diga o que compreendeu do artigo lido, se a leitura dele lhe possibilitou ou não compreender melhor as contribuições da LSF para a análise de textos, justificando.

3º Grave seu áudio, utilizando o seu celular.

4º Acesse este link do FLIPGRID criado para sua turma e compartilhe seu áudio até o dia 10/04/2022.

Clique no + para responder ao desafio e complete a atividade .

5º Ouça alguns áudios dos/as colegas e escreva um comentário sobre o áudio de pelo menos um deles.

6º Compartilhe seu comentário no Flipgrid até o dia 15/04/2022.



Para auxiliá-lo/a, listamos alguns links com tutoriais para utilização do Flipgrid:

<https://www.youtube.com/watch?v=tg4t3XkLHYA>

<https://www.youtube.com/watch?v=eAH6IFZIDyM>

<http://professus21.com.br/o-que-e-e-como-usar-o-flipgrid/>



ATIVIDADE 21: LEITURA COMPLEMENTAR



Para saber mais sobre o funcionalismo, sugerimos que assista ao vídeo disponível neste link:

<https://www.youtube.com/watch?v=woq2QooFRsc>

17.2 - O FUNCIONALISMO NORTE-AMERICANO

De acordo com Cunha (2008, p. 163),

É por volta de 1975 que as análises linguísticas explicitamente classificadas como funcionalistas começam a proliferar na literatura norte-americana. Essa corrente surge como reação às impropriedades constatadas nos estudos de cunho estritamente formal, ou seja, nas pesquisas estruturalistas e gerativistas. Os funcionalistas norte-americanos advogam que uma dada estrutura da língua não pode ser proveitosamente estudada, descrita ou explicada sem referência à sua função comunicativa, o que, aliás, caracteriza todos os funcionalismos até aqui mencionados. Diferentemente das teorias formais, o funcionalismo pretende explicar a língua com base no contexto linguístico e na situação extralinguística.

Um dos precursores dessa abordagem norte-americana é Dwight Bolinger e o texto considerado pioneiro no desenvolvimento dessa abordagem é *The Origins of Syntax in Discourse*, publicado em 1976 por Gillian Sankoff e Penelope Brown. Linguistas norte-americanos como Givón, Sandra Thompson e Paul Hopper têm trabalhos importantes nessa perspectiva teórica.

A informatividade, a iconicidade, a marcação, a transitividade e plano discursivo e a gramaticalização estão entre os princípios e categorias centrais dessa corrente funcionalista.

A *informatividade* refere-se ao conhecimento que os interlocutores partilham, ou supõem partilhar, numa situação de interação. Na interação, nós temos as informações consideradas “dadas” ou já conhecidas – as que já ocorreram no texto ou estão disponíveis na situação de fala -, as “novas” – introduzidas pela primeira vez no discurso - e as que são “inferíveis” – identificadas por meio de um processo de inferência, a partir de outras informações dadas.

A *iconicidade* é definida como “a correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo)” (CUNHA, 2008, p. 167).

A *marcação* é uma particularidade que distingue por oposição binária um termo (marcado) de outro (não-marcado). Nessa oposição, um termo é considerado marcado quando exibe uma propriedade ausente no outro – o não-marcado. Esses termos podem ser da categoria fonológica, morfológica ou sintática.

Vamos ver um exemplo?

Na categoria morfológica, se observarmos a categoria de número (singular e plural), diremos que “livros” [+plural] é marcada em oposição a “livro” [-plural], forma não-marcada.

A *transitividade e plano discursivo* – Ao longo de sua vida escolar, você deve ter trabalhado com a noção

de transitividade quando classificava verbos em transitivos, transitivos diretos, indiretos. A proposta de Hopper e Thompson (1980) não é essa. Eles tratam “a transitividade como uma propriedade escalar que focaliza diferentes ângulos da transferência da ação de um agente para um paciente em diferentes porções da oração” (CUNHA, 2008, p. 171).

Os dois autores associam a transitividade a uma função pragmática. Eles estabelecem uma relação segundo a qual as orações com alta transitividade – em geral formadas com verbos de ação – marcam porções centrais de um texto e as com baixa transitividade – em geral formadas com verbos estáticos “ser” e “estar” – marcam as porções periféricas.

A *gramaticalização* é um fenômeno relacionado ao contínuo fazer-se e refazer-se da gramática. Na perspectiva funcionalista, a gramática de qualquer língua é vista como um organismo maleável e exibe mecanismos de codificação emergentes. Como exemplo de gramaticalização, Cunha (2008) cita a trajetória de substantivos e verbos para conjunções como: o verbo “querer”, que passou a ser usado como conjunção alternativa em “Quer chova quer faça sol, estarei lá”, ou o elemento “logo”, que no português arcaico tinha valor de substantivo e que atualmente pode ser empregado como conjunção conclusiva “Penso, logo existo”.



ATIVIDADE 22: LEITURA COMPLEMENTAR



Para complementar o que foi lido até aqui, acesse o arquivo “Introdução ao funcionalismo”, disponível no AVA. Ele contém uma síntese do artigo “Funcionalismo” de Angélica Furtado da Cunha, publicado no livro organizado por Martelotta (2008), intitulado Manual de Linguística.

Veja ainda neste vídeo uma explicação sobre a gramaticalização do verbo ter:

https://youtu.be/qyLB_F6isao



ATIVIDADE 23: PARTICIPANDO DE UM FÓRUM DE DISCUSSÃO

O ponto central deste módulo foi o Funcionalismo. Além de explicitarmos o que caracteriza essa perspectiva teórica, nós também tecemos considerações acerca dos pontos em que ela se distancia ou não do Formalismo.

Para um/a estudante do curso de Letras, é importante ter clareza sobre essas duas correntes teóricas. Por isso, você agora vai ler um artigo em que se faz uma importante discussão sobre as duas abordagens e se destaca a necessidade de vê-las como não mutuamente excludentes.

O artigo é de Luciano Amaral Oliveira, tem como título Formalismo e Funcionalismo: fatias da mesma torta, foi publicado em 2003 e está disponível em:

OLIVEIRA, L. A. Formalismo e Funcionalismo: fatias da mesma torta. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 29, p. 95-104, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/294518541/Formalismo-e-Funcionalismo-Fatias-Da-Mesma-Torta>

Caso você julgue importante, acesse também o site: <http://sites.google.com/site/linguaelinguistica/correntes-teoricas>.

Com base no que leu em seu guia de estudos e nos textos indicados, escreva neste Fórum de Discussão pelo menos três diferenças entre as duas correntes teóricas e se posicione sobre a seguinte questão: o formalismo e o funcionalismo são posições teóricas excludentes? É importante você justificar seu posicionamento.

No decorrer das discussões, tente comparar a sua resposta com a dos/as colegas e comente a resposta de pelo menos dois colegas.



ATIVIDADE 24: LEITURA COMPLEMENTAR



Como leitura complementar, sugiro os textos a seguir:

NEVES, M. H. de M. Estudos Funcionalistas no Brasil. **D.E.L.T.A.**, Vol. 15, N.º ESPECIAL, 1999, p. 70-104. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/VVfy8GmpxHn7V9xk7Khdfkf/?lang=pt>

OLIVEIRA, M. R. de; CEZARIO, M. M. PCN à luz do funcionalismo linguístico. **Linguagem & Ensino.** ,v.10, n.1,p.87-108,jan./jun.2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15651>

O primeiro focaliza o Funcionalismo no Brasil e o segundo trata das contribuições que essa teoria pode fornecer ao ensino de línguas.



ATIVIDADE 25: TEMÁTICA PCC: PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Conforme as orientações apresentadas nas seções 5.1.4, 5.1.4.1 deste livro, referente às 5 horas de prática do PCC, você deve postar o recorte 3 da seleção, descrição e análise sobre o livro didático.

Releia todas as informações relacionadas à parte prática do PCC, referentes ao Módulo IV, faça a atividade proposta e poste no AVA a descrição e a análise do livro didático selecionado, considerando o recorte proposto para o módulo.



REFERÊNCIAS

Módulo 4

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BUTT, D. et al. **Using functional grammar: an explorer's guide**. 2 ed. Sidney: NCELTR, 2000.

CRUZ, L. S. da.; FUZER, C. Representações para vítimas, familiares e poder público na tragédia da Boate Kiss sob a perspectiva sistêmico-funcional. **Signótica**, v. 27, n. 2,, p. 461–484, 2015. Disponível em: .

<https://doi.org/10.5216/sig.v27i2.30875>

CUNHA, A. F. da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 157-176.

EGGINS, S.; MARTIN, J. R. Genres and registers of discourse. In: VAN DIJK, T. A. (ed.). **Discourse: a multidisciplinary introduction**. Londres: Sage, 1996.

HALLIDAY, M. A. K. **Halliday: system and function in language**. Seleção e org. G. Kress. Oxford: Oxford University Press, 1976.

HALLIDAY, M. A. K.. **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning**. Londres, Nova York, Melbourne, Auckland: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K.. Part A. In: HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1989. p. 1-49.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2 ed. Londres, Melbourne, Auckland: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K... **Language in a social perspective**. In: COUPLAND, N.; JAWORKSY, A. **Sociolinguistics: A reader and course-book**. Nova York: St. Martin's Press, 1997, p. 31-39.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C.M.I.M.. **An Introduction to Functional Grammar**. 3 ed. Londres: Edward Arnold, 2004.

MALINOWSKI, B. **Argonauts of the western pacific**. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1922.

MALINOWSKI, B. **Coral gardens and their magic**. Vol. II. The Language of Magic and Gardening. Londres: Boomington; Nova York: American Books, 1935/1966.

MARTIN, J. R. **English text: system and structure**. Filadélfia/Amsterdã: John Benjamins, 1992.

MARTIN, J. R. Analysing genre: functional parameters. In: CHRISTIE, F.; MARTIN, J.R. (org.). **Genre and institutions**. Londres; Nova York: Continuum, 1997. p. 3-39.

MARTINS, A. P. P. Funcionalismo linguístico: um breve percurso histórico da Europa aos Estados Unidos. **Domínios de Linguagem**, ano 3, no. 2, 2º sem. de 2009, p. 18-35. Disponível em: www.dominiosdelinguagem.org.br/pdf/dl6/DL%206%20-%203.pdf

NEVES, M. H. de M. Estudos Funcionalistas no Brasil. **D.E.L.T.A.**, Vol. 15, N.º ESPECIAL, 1999, p. 70-104. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/VVfY8GmpxHn7V9xk7Khdfkf/?lang=pt>

OLIVEIRA, L. A. Formalismo e Funcionalismo: fatias da mesma torta. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 29, p. 95-104, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/294518541/Formalismo-e-Funcionalismo-Fatias-Da-Mesma-Torta>

OLIVEIRA, M. R. de; CEZARIO, M. M. PCN à luz do funcionalismo linguístico. **Linguagem & Ensino**, v.10, n.1, p.87-108, jan./jun.2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15651>

OTTONI, M. A. R.. **Os gêneros do humor no ensino da língua portuguesa**: uma abordagem discursiva crítica. 2007. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, 2007, 399 f.

PEZATTI, E. G. O Funcionalismo em Linguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à Linguística: fundamentos** epistemológicos. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004, p. 165-218.

<https://www.youtube.com/watch?v=woq2QooFRsc>

https://www.youtube.com/watch?v=qyLB_F6isao

AGENDA DO MÓDULO 5

CONTEÚDO	DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO	AVALIAÇÕES
<p>20. TEORIAS DA ENUNCIACÃO</p> <p>20.1 A ORIGEM DA NOÇÃO DE ENUNCIACÃO E OS ESTUDOS DE EMILE BENVENISTE</p> <p>20.2 ALGUNS REPRESENTANTES DA TEORIA DA ENUNCIACÃO</p>	<p>Atividade 26: Elaboração do plano de estudos</p> <p>Antes de iniciar a leitura do módulo, é importante que você faça um planejamento semanal dos seus estudos, como fez no início dos módulos anteriores. Neste último módulo, além de aprender sobre mais um campo de abordagem dentro da Linguística, você irá concluir o seu portfólio referente às 30 horas de PPC. Portanto, você precisa se organizar bem para as semanas em que o módulo será ministrado. Lembre-se de que você precisará dispor de 25 horas para concluí-lo. Portanto, planeje bem suas semanas.</p> <p>Atividade 27: Lendo o módulo V e assistindo à videoaula</p> <p>Atividade 28: Leitura Complementar</p> <p>No texto a seguir, disponível no AVA, você encontrará uma comparação entre a concepção de enunciação em Benveniste e em Ducrot.</p> <p>BARBISAN, L.B. O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot. Letras, n° 33 - Émile Benveniste: Interfaces Enunciação & Discursos, 2007, p. 23-35.</p> <p>Atividade 29: Leitura complementar</p> <p>Para conhecer mais sobre o trabalho desses teóricos da enunciação e para participar da atividade 30, é importante que você leia os seguintes textos que estão disponíveis no AVA e na internet:</p> <p>FLORES, V. do N. et al. A perspectiva enunciativa de estudo da linguagem. In: FLORES, V. do N. et al. Enunciação e gramática. São Paulo: Contexto, 2008. Disponível no AVA e em: seeds10.com/pdf/livros/cultura/2603187.pdf</p> <p>WERNER, K. C. G. Os estudos da enunciação e a formação do professor de línguas. Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/42318392/OS-ESTUDOS-DA-ENUNCIACAO-E-A-FORMACAO-DO-PROFESSOR-DE-LINGUAS</p> <p>Atividade 30 – Wiki – Teorias da enunciação</p> <p>Neste último módulo, você vai realizar uma atividade avaliativa, diferente das realizadas nos módulos anteriores, chamada de wiki. Ela é uma atividade assíncrona de construção coletiva de um texto. Os participantes do curso criam e editam o texto em conjunto, porém todos têm o direito de modificá-lo livremente. Para isso, é importante haver um bom entrosamento dos participantes uma vez que todos devem estar comprometidos com a produção de um texto de autoria coletiva.</p> <p>Veja todas as orientações neste módulo.</p>	<p>Parte teórica</p> <p>Atividade 30: Wiki</p> <p>Valor: 5 pontos</p> <p>Parte prática</p> <p>Atividade 31: PCC - Finalizando o portfólio</p> <p>Valor: 10 pontos</p> <p>Atividade 32: PCC - Compartilhando o resultado da parte prática</p> <p>Valor: 5 pontos</p>

<p>Atividade 31: PCC - Finalizando o portfólio</p> <p>Chegou a hora de você encaminhar para seu/sua tutor/a o portfólio que produziu como resultado das atividades, relativas às 30 horas de prática, desenvolvidas ao longo do período de oferta da disciplina, seguindo as orientações apresentadas nas seções 5.1.5, 5.1.5.1 E 5.2 deste livro.</p> <p>Releia com bastante atenção o capítulo 5 deste livro, onde estão todas as orientações sobre a Prática como Componente Curricular (PCC) e sobre o portfólio, para esclarecer suas dúvidas e para se certificar de que fez seu trabalho em conformidade com a proposta.</p> <p>Atividade 32: PCC - Compartilhando o resultado da parte prática</p> <p>Após terminar seu portfólio, você poderá compartilhar os resultados de sua investigação com seus/suas colegas. Prepare um vídeo para ser compartilhado em um mural virtual (PADLET), seguindo as orientações apresentadas na seção 5.3 deste livro. Releia todas com atenção antes de iniciar a atividade.</p>	
--	--

Módulo 5 - Teorias da Enunciação

Conteúdos básicos

- Teorias da enunciação: noções introdutórias
- A origem da noção de enunciação e os estudos de Émile Benveniste
- Alguns representantes das teorias da enunciação

Objetivos

- Apresentar o campo das Teorias da Enunciação, seus principais autores e os fundamentos epistemológicos.

Caro/a aluno/a:

Vamos iniciar agora o último módulo da disciplina “Introdução aos Estudos da Linguagem integrada à prática educativa (PIPE 1)” do Curso de Letras - Licenciatura em Inglês e Literaturas de Língua Inglesa.

Este módulo é destinado ao estudo das Teorias da Enunciação. Nele, apresentamos noções introdutórias dessas teorias, que tratam do fenômeno da enunciação.

É importante lembrar que, durante as duas semanas deste módulo, você deverá concluir a produção de seu portfólio e encaminhá-lo ao seu tutor. Bom trabalho!

Esperamos que você conclua este módulo com muito êxito!

Principais materiais

Neste módulo, além do guia de estudos impresso, fará leituras de hipertextos e desenvolverá suas atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle.

Tempo de dedicação neste módulo

Para desenvolver as atividades deste módulo, recomendamos uma dedicação de, pelo menos, 25 horas, sendo 15h para as atividades teóricas e 10 para as práticas distribuídas entre: leitura do material didático e desenvolvimento de atividades avaliativas e não avaliativas..

Principais formas de avaliação

Wiki.

Portfólio.

OBS: O portfólio que será enviado ao/à tutor/a, ao final do módulo, corresponde a uma avaliação de tudo que foi realizado ao longo do desenvolvimento da disciplina, no tocante à parte prática, e não só do módulo 5.

ATIVIDADE 26: ELABORAÇÃO DO PLANO DE ESTUDOS

Antes de iniciar a leitura do módulo 5, é importante que você faça um planejamento semanal dos seus estudos, como fez no início dos módulos anteriores. Neste último módulo, além de aprender sobre mais um campo de abordagem dentro da Linguística, você irá concluir o seu portfólio referente ao PCC. Portanto, você precisa se organizar bem para as duas semanas em que o módulo será ministrado. Lembre-se de que você precisará dispor de pelo menos 25 horas para concluí-lo. Portanto, planeje bem suas duas semanas.

ATIVIDADE 27: LENDO O MÓDULO V E ASSISTINDO À VIDEOAULA

20 TEORIAS DA ENUNCIÇÃO

Uma variedade de correntes e teorias é abrigada sob o rótulo *teorias da enunciação*, uma vez que tratam do fenômeno enunciação. Elas recebem denominações diferentes, em conformidade com o modo como tratam a enunciação – seu objeto. Em todas elas, encontra-se referência a enunciado/enunciação.

Fazem parte dessa variedade a semântica, a pragmática, a teoria dos atos de fala, a análise da conversação, a linguística textual, a análise de discurso, nas suas mais diversas formas.

Assim, pode-se dizer que não existe uma Teoria da Enunciação, mas Teorias da Enunciação. Nesse mesmo sentido, Paveau e Sarfati (2006) falam em Linguísticas Enunciativas. Já Flores e Teixeira (2005) usam o termo no singular, Linguística da Enunciação, e explicam que ela foi desenvolvida especialmente na França e compreende várias teorias. Falam, então, em teorias da enunciação (no plural) e em Linguística da Enunciação (no singular). Por perceberem uma unidade nessas teorias, postulam uma Linguística da Enunciação. Segundo estes dois autores, essas teorias são representadas pelos trabalhos (totais ou parciais) de Charles Bally, Roman Jakobson, Émile Benveniste, Oswald Ducrot, Jacqueline Authier-Revuz, Antoine Culioli, Kerbrat-Orecchioni, entre outros.

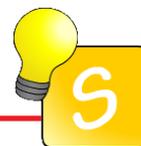
Todas essas teorias têm princípios “vinculados, principalmente, aos conceitos saussureanos de *relação*, de *língua e fala* e à importância da prioridade da ordem” (BARBISAN; FLORES, 2009, p. 5). Elas têm como fundamento comum uma crítica à linguística da língua e um desejo de estudar os fatos de ‘fala’: a produção de enunciados por locutores na situação real de comunicação. Contudo, como afirmam Paveau e Sarfati (2006), elas não devem ser vistas como radicalmente opostas à linguística da língua, porque se fundamentam em uma parte de suas origens: “Bally, Benveniste e Culioli, por exemplo, são gramáticos formados no campo estruturalista.” (p. 174).



ATIVIDADE 28: LEITURA COMPLEMENTAR



Para saber mais um pouco sobre a linguística da língua, indico a leitura do capítulo IV – Linguística da língua e linguística da fala – do livro Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure. No AVA, você encontra arquivo em pdf com esse capítulo.



Os postulados da linguística da língua – criticada pelas teorias da enunciação – são resumidos por Kerbrat-Orecchioni (1980, p. 6-8) em cinco pontos:

- a) Trata-se de uma linguística do código, ao qual devem ser relacionados todos os fatos da fala;
- b) A frase é a unidade superior a que a análise chega;
- c) O mecanismo de produção dos sentidos é relativamente simples; tem apenas um duplo suporte: o significante lexical e certas construções sintáticas;
- d) O problema da ‘fala’, quando é considerado, é limitado ao esquema da comunicação de Roman Jakobson (veja no módulo 4). Nele, a comunicação é tida como transparente e sempre bem sucedida e a fala aparece como um colóquio ideal;
- e) O postulado da imanência, que afirma o estudo da língua nela e por ela mesma, desconsiderando totalmente o que está fora da língua – o extralinguístico.

Dada a diversidade de teorias da enunciação, Flores e Teixeira (2005, p. 104) asseveram que não há um método único de análise utilizado: “O método é o ponto de vista com base no qual esse objeto [a enunciação] será examinado e isso depende das relações epistemológicas que cada teoria instaura com as demais teorias de seu campo, com os outros campos da linguística e mesmo com outras ares do conhecimento”.

20.1 A ORIGEM DA NOÇÃO DE ENUNCIÇÃO E OS ESTUDOS DE ÉMILE BENVENISTE

Já nos anos de 1910 e 1920, alguns linguistas na Europa e na Rússia apresentavam interesse pelos problemas enunciativos. Dois exemplos são Charles Bally e Mikhail Bakhtin. Bakhtin (1895-1975) explicita sua concepção de linguagem como interativa e como isso implica necessariamente considerar a enunciação.

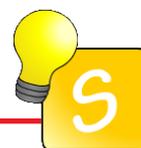
Apesar desses estudos realizados nesse período, é em Émile Benveniste (anos 1950 e 1960) que se tem o marco da teoria da iniciação. Ele é tradicionalmente considerado como o “pai”, como o linguista da enunciação e, como tal, é o principal representante dessa perspectiva teórica.

Conforme Flores e Teixeira (2005), Benveniste é um estruturalista, conserva concepções caras ao saussurianismo como estrutura, relação, signo, mas não é um continuador *stricto sensu* de Saussure. Ele supõe, ao contrário de Saussure, sujeito e língua articulados. Assim, a teoria da enunciação instaura um pensamento diferenciado a respeito da linguagem.

Diferentemente de Saussure, Benveniste considera a língua como essencialmente social. Para ele, somente a língua torna possível a sociedade. E, com relação à linguagem, Benveniste não a concebe como um instrumento de comunicação. Para ele, ela é o lugar onde o indivíduo se constitui como falante e como sujeito.

Para Benveniste (1989, p. 82), a enunciação é o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Ao definir assim a enunciação

Separa-se ao mesmo tempo o ato – objeto de estudo da linguística da enunciação – do produto, isto é, o discurso. Esse ato é o próprio fato de o locutor relacionar-se com a língua com base em determinadas formas linguísticas da enunciação que marcam essa relação. Enunciar é transformar individualmente a língua – mera virtualidade – em discurso. (...) A enunciação, vista desse prisma, é produto de um ato de apropriação da língua pelo locutor, que, a partir do aparelho formal da enunciação, tem como parâmetro um locutor e um alocutário. É a alocação que instaura o outro no emprego da língua (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 35)



Em pragmática e análise do discurso, o termo *alocutário* designa a pessoa a quem o locutor dirige um ato de fala numa situação de comunicação oral ([http://www.infopedia.pt/\\$alocutario](http://www.infopedia.pt/$alocutario))

O conceito de enunciação “é sem dúvida a tentativa mais importante para ultrapassar os limites da linguística da língua” (MALDIDIER; NORMAND; ROBIN, 1994, p. 72). A partir desse conceito, há uma consolidação do estudo que busca evidenciar as relações da língua como linguagem assumida por um sujeito.

Os estudos da enunciação, principalmente a teoria da enunciação proposta por Benveniste, trazem para o foco a subjetividade. Segundo Benveniste (1991, p.288), a subjetividade é entendida como “a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’”. Essa proposição como sujeito se dá por meio da linguagem, pois

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego”. (...)A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade – que eu me torne tu na alocução daquele que por sua vez se designa por eu. (BENVENISTE, 1991, p. 286).

Assim, as teorias da enunciação incluem no objeto da linguística, além da subjetividade, questões que antes não eram consideradas, tais como: referência, dêixis, contexto, modalização. Isso significa que elas concebem esse objeto como heterogeneamente constituído e as distingue das abordagens que não consideram o sujeito da interação. A exclusão da subjetividade nestas abordagens permite, segundo Flores e Teixeira (2005, p. 100), “a apreensão do fenômeno da linguagem no quadro da repetibilidade. (...) é objeto de estudo aquilo que se repete, seja aspectos universais, funcionais, contextuais etc.”.

Ao contrário disso, na linguística da enunciação, tem-se a abordagem de um objeto no qual se inclui o sujeito. Assim, é algo do campo da irrepetibilidade. Por que é irrepetível? Porque a enunciação é sempre única e irrepetível. Nós nunca conseguiremos reproduzir uma enunciação tal como ela se deu, porque “a cada vez que a língua é enunciada tem-se condições de tempo (agora), espaço (aqui) e pessoa (eu/tu) singulares” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 100). Dessa forma, cada análise da linguagem é também única. Somente a organização do sistema da língua é repetível.

O enunciado “Hoje eu estou muito feliz com você neste lugar” pode ser repetido por vários sujeitos, mas não teremos uma mesma enunciação. Você sabe por quê? É porque a situação de enunciação - a qual é constituída pelo conjunto dos parâmetros que permitem a comunicação: o locutor, o alocutário, o lugar e o momento da interlocução – não será a mesma. As referências do “eu” – que designa sempre aquele que fala – e do “você” – aquele para quem se fala – serão sempre diferentes a cada instância em que são enunciados; a marca de tempo “Hoje” e o presente do indicativo “estou” designarão sempre um tempo presente, mas será sempre um tempo novo a cada enunciação; e referência de “neste lugar” – indicador do espaço – também será sempre diferente a cada instância em que é enunciado.

De acordo com Orlandi (1995), o que caracteriza a teoria da enunciação é a colocação no centro da reflexão do sujeito da linguagem, ou seja, do locutor em sua relação com o alocutário. Ela é uma teoria que parte da distinção entre o enunciado - já realizado, o dito -, e a *enunciação* – a ação de produzir o enunciado. O que interessa à teoria da enunciação é “o processo de enunciação: a forma pela qual o sujeito se marca naquilo que diz” (ORLANDI, 1995, p. 59).

O uso de palavras como: eu, aqui, talvez, juro, devo, etc mostra como o locutor se relaciona com o que diz e com a situação de que participa. Orlandi explica que estudos feitos sobre essas marcas de enunciação mostram que há formas na língua que só podem ser definidas a partir de seu uso pelo sujeito.

Sobre o sujeito, Flores e Teixeira (2005) argumentam que o objeto de estudo de uma teoria linguística é a representação que a enunciação dá ao sujeito e não o sujeito. “A linguística da enunciação estuda a enunciação do sujeito e não o sujeito em si” (p. 108).

Segundo estes dois autores, os estudos da enunciação têm uma marca que os diferencia dos demais estudos linguísticos:

em todas as versões, a enunciação apresenta-se como uma reflexão sobre o dizer e não propriamente sobre o dito. Estudar a enunciação é dirigir o olhar para o fato de o locutor ter dito o que disse e não para o dito em si. O estudo do dito, do enunciado, é relevante para que por intermédio dele se chegue ao dizer, à enunciação.” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 110).

Aqui nós nos centramos especialmente nas contribuições de Benveniste, mas, como dissemos, há outros teóricos vinculados aos estudos da enunciação. Vamos conhecer um pouco sobre cada um.

20.2 - ALGUNS REPRESENTANTES DAS TEORIAS DA ENUNCIÇÃO

Charles Bally

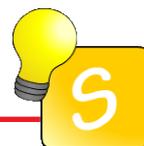
No prefácio que Bally e Albert Sechehaye fazem ao Curso de Linguística Geral, de Saussure, está registrado o seu interesse pelos estudos da enunciação. Ele é considerado por muitos como discípulo de Saussure. Segundo Flores e Teixeira (2005, p. 16), Bally desenvolveu uma linguística da fala. Ele parte do princípio de que “a linguagem é apta a expressão dos sentimentos. Isso significa que a estilística deve se preocupar com a presença da enunciação no enunciado e não apenas com o enunciado propriamente dito”.

Bally assume as distinções saussureanas língua/fala, sincronia/diacronia e paradigma/sintagma, mas, diferentemente de Saussure, ele se volta para uma abordagem da língua viva, no seu uso cotidiano e oral.

Roman Jakobson

De acordo com Flores e Teixeira (2005), a teoria das funções da linguagem de Jakobson e seu trabalho sobre *shifters* são algumas das primeiras sistematizações que se têm em linguística sobre o lugar do sujeito na língua. Por isso, Jakobson pode ser considerado um dos primeiros linguistas a pensar sobre as questões de enunciação.

A teoria das funções da linguagem, brevemente apresentada no módulo 4, supõe um sujeito: o sujeito falante, conforme Flores e Teixeira. Eles destacam que é com o estudo dos *shifters* que realmente Jakobson sistematiza um trabalho enunciativo da linguagem. Para ele, os *shifters* são os elementos do código que remetem à mensagem como os pronomes pessoais, por exemplo.



Jakobson (1957), no artigo intitulado “Shifters and Verbal Categories”, reconhece, na língua, a existência de unidades gramaticais que desempenham um papel importante dentro do processo de comunicação verbal. Essas unidades gramaticais destacam-se no seu estudo por duas razões:

(a) por definirem uma “classe de unidades gramaticais”; (b) por fornecerem subsídios para uma “classificação universal das categorias verbais”.

A essas unidades gramaticais, cuja função é “fazer referência à mensagem na qual é utilizada”, Jakobson denominou **SHIFTERS**. (...) Na categoria de “shifter”, estariam os pronomes pessoais (eu/tu, nós/vós e as formas possessivas equivalentes), as desinências verbais e, como coadjuvantes dos verbos, os modalizadores temporais (hoje/agora, etc..) e espaciais (aqui/lá). (MAGALHÃES, 1998, p. 71-2). Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_MagalhaesEM_1.pdf

Mikhail Bakhtin

Flores e Teixeira (2005, p. 45) mostram que as ideias de Bakhtin sobre a linguagem “anunciam a fundação de uma linguística que promoverá a enunciação como centro de referência do sentido dos fenômenos linguísticos, vendo-a como evento, sempre renovado, pelo qual o locutor se institui na interação viva com vozes sociais”.

Bakhtin concebe a enunciação como forma de interação verbal, cujo caráter principal é o dialógico. Nessa interação, sempre há um eu e um outro.

Enquanto um todo, a enunciação só se realiza no curso da comunicação verbal, pois o todo é determinado pelos seus limites, que se configuram pelos pontos de contato de uma determinada enunciação com o meio extraverbal e verbal (isto é, outras enunciações) (...) A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu auditório. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação (BAKHTIN, 1997, p. 125).

Para ele, o dialogismo é constitutivo da linguagem e condição de sentido do discurso.



Por meio do vídeo disponível neste link: <https://youtu.be/JOXDzwAIY20>, você obterá informações importantes sobre o interacionismo no Círculo de Bakhtin.

Também sugerimos que você acesse o material disponível em <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/enunciacao-enunciado> para entender melhor a concepção de enunciação e de enunciado em Bakhtin.

Acesse ainda este link https://youtu.be/SXhsNZ_kcNc e veja a apresentação de trabalhos construídos com base na Análise Dialógica do Discurso.

Oswald Ducrot

Ducrot centra-se nos estudos da polifonia, da argumentação e da enunciação. Ele define enunciação como o acontecimento correspondente à produção de enunciado, em determinado momento do tempo e do espaço. “O sentido do enunciado é, para mim, uma descrição, uma representação que ele traz de sua enunciação, uma imagem do acontecimento histórico constituído pelo aparecimento do enunciado” (DUCROT, 1980, p. 34). Para o autor, “sempre que se fala se fala de sua fala, ou seja o dito denuncia o dizer” (p. 40).

Ducrot (1988) investe no estudo da polifonia, entendida como a pluralidade de vozes presentes nos textos. Ele se volta contra a concepção de unicidade do sujeito, segundo a qual na base de cada enunciado subjaz um único autor, e apresenta sua teoria polifônica.

Em linhas gerais, pode-se dizer que a teoria de Ducrot é uma semântica argumentativa voltada para as questões de enunciação, na medida em que considera, na representação do sentido do enunciado, tanto a presença de diferentes vozes (polifonia) quanto a evocação de princípios argumentativos que dão a direção de como um dado enunciado deve ser interpretado numa situação x. (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 70)

Jacqueline Authier-Revuz

Jaqueline Authier-Revuz inscreve-se e se define como como neo-estruturalista. A autora, assim como Benveniste, é herdeira do estruturalismo. Além dessa semelhança com Benveniste, os dois partilham outro interesse: a investigação das marcas de subjetividade na enunciação.

Por reconhecer que o campo da enunciação é marcado por uma heterogeneidade teórica, Authier-Revuz vê como inevitável o chamamento, para a descrição dos fatos da língua, de abordagens estranhas à linguística como tal.

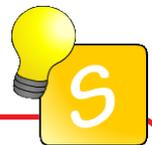
Ela apresenta os conceitos de heterogeneidade mostrada e de heterogeneidade constitutiva, correspondentes a duas maneiras pelas quais se apresenta a alteridade no discurso.

A heterogeneidade mostrada é realizada por meio do discurso direto, discurso indireto, aspas, glosas. Essas marcas contestam a homogeneidade do discurso. Já a heterogeneidade constitutiva não é marcada em superfície; ela é considerada um princípio que fundamenta a própria natureza da linguagem.

Authier-Revuz busca apoio em duas abordagens não-linguísticas da heterogeneidade constitutiva para sua abordagem dessa heterogeneidade do sujeito e do discurso. Ela recorre ao dialogismo bakhtiniano e à psicanálise freudo-lacanianana.

A autora toma o princípio do dialogismo - segundo o qual a interação com o discurso do outro é lei constitutiva do discurso. Ela trata do diálogo entre interlocutores e do diálogo entre discursos.

Quanto à psicanálise freudo-lacanianana, Authier-REvuz recorre a ela pela dupla concepção que apresenta de uma *fala fundamentalmente heterogênea* e de um *sujeito dividido*. (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 75). Ela concebe o “outro” como condição constitutiva do discurso.



Alteridade: fenômeno que envolve o “eu” e o “outro” em relação de interdependência no mundo (FREITAS; BENETTI, 2017, p. 14)



ATIVIDADE 29: LEITURA COMPLEMENTAR



No texto a seguir, disponível no AVA, você encontrará uma comparação entre a concepção de enunciação em Benveniste e em Ducrot.

BARBISAN, L.B. O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot. **Letras**, n° 33 - Émile Benveniste: Interfaces Enunciação & Discursos, 2007, p. 23-35. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11921>

Para conhecer mais sobre o trabalho desses teóricos da enunciação e para participar da atividade 31, é importante que você leia os seguintes textos que estão disponíveis no AVA e na internet:

WERNER, K. C. G. Os estudos da enunciação e a formação do professor de línguas. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/42318392/OS-ESTUDOS-DA-ENUNCIACAO-E-A-FORMACAO-DO-PROFESSOR-DE-LINGUAS>



ATIVIDADE 30: WIKI - AS TEORIAS DA ENUNCIÇÃO

Neste último módulo, você vai realizar uma atividade avaliativa, diferente das realizadas nos módulos anteriores, chamada de wiki. Ela é uma atividade assíncrona de construção coletiva de um texto. Os/As participantes do curso criam e editam o texto em conjunto. Assim, todos/as têm o direito de modificá-lo livremente. Para isso, é importante haver um bom entrosamento dos/as participantes, uma vez que todos/as devem estar igualmente comprometidos/as com a produção de um texto de autoria coletiva.

O texto será produzido seguindo as convenções do gênero discursivo escolhido pelo grupo. É possível, por exemplo, escrever uma carta para um/a colega de curso, que, por alguma razão, ficou impossibilitado de participar das atividades do módulo 5 e pediu ao grupo que lhe escrevesse o máximo de informações possível sobre as teorias da enunciação. É possível, ainda, produzir uma crônica e nela incluir personagens que dialogam sobre as teorias da enunciação, ou um relatório do que foi visto no módulo. Enfim, nós nos comunicamos por meio dos gêneros discursivos e há uma infinidade deles na nossa sociedade.

Baseando-se nas leituras e atividades realizadas, você, juntamente com os/as outros/as integrantes do seu grupo, deve contemplar na produção textual as seguintes questões:

- Qual é o principal representante dos estudos da enunciação?
- Qual é o objeto das teorias da enunciação?
- Como enunciação e enunciado são definidos?
- O que as teorias da enunciação incluem no objeto da linguística?
- Como se concebem a língua e a linguagem nas teorias da enunciação?
- Há um método específico utilizado nessas teorias?
- Quais relações vocês estabelecem entre as teorias da enunciação e o que estudamos nos módulos anteriores?
- Qual a sua impressão acerca do que propõe a Linguística da Enunciação?

Fique atento/a:

- O/a tutor/a dividirá a turma em 4 ou 5 grupos, dependendo do número de alunos/a, e postará a nome dos/as integrantes no Fórum de Notícias;
- Ao identificar a qual grupo você está vinculado/a, clique sobre o seu grupo e participe da construção do texto colaborativo (Grupo 1, 2, 3, 4 ou 5);
- Você pode alterar o texto do/a seu colega, fazer correções e acrescentar a sua parte. Lembre-se de que é uma escrita colaborativa!

Para a realização desta atividade, clique em wiki no canto esquerdo, depois em editar. Após inserir suas contribuições, clique em salvar. Não vale apagar todas as ideias dos/as colegas, certo?

DICA: Uma dica bem legal para identificar o que foi escrito e/ou modificado por cada participante é cada um escolher uma cor de fonte para a sua postagem e utilize somente ela na sua escrita. Para mudar a cor, basta selecionar com o cursor do mouse a parte do texto que deseja colorir.



ATIVIDADE 31: PCC - FINALIZANDO O PORTFÓLIO

Caro/a aluno/a, chegou a hora de você encaminhar para seu/sua tutor/a o portfólio que produziu como resultado das atividades, relativas às 30 horas de prática, desenvolvidas ao longo do período de oferta da disciplina, seguindo as orientações apresentadas nas seções 5.1.5, 5.1.5.1 E 5.2 deste livro.

Esperamos que você tenha investido na realização da proposta do PCC para não ficar sobrecarregado/a agora.

Releia com bastante atenção o capítulo 5 deste livro, onde estão todas as orientações sobre a Prática como Componente Curricular (PCC) e sobre o portfólio, para esclarecer suas dúvidas e para se certificar de que fez seu trabalho em conformidade com a proposta.

Conte com seu/sua tutor/a para esclarecer suas dúvidas.

Sucesso!



ATIVIDADE 32: PCC - COMPARTILHANDO O RESULTADO DA PARTE PRÁTICA

Após terminar seu portfólio, você poderá compartilhar os resultados de sua investigação com seus/suas colegas. Prepare um vídeo para ser compartilhado em um mural virtual (PADLET), criado para sua turma, seguindo as orientações apresentadas na seção 5.3 deste livro. Releia todas com atenção antes de iniciar a atividade.



REFERÊNCIAS

Módulo 5

- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BARBISAN, L.B. O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot. **Letras**, nº 33 - Émile Benveniste: Interfaces Enunciação & Discursos, 2007, p. 23-35. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11921>
- BARBISAN, L. B.; FLORES, V. do N. Apresentação: A enunciação em perspectiva. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 5-8, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/5645>
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.
- BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: **Problemas de Linguística Geral I**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.
- DUCROT, Oswald. **Les mots du discours**. Paris: Minuit, 1980.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- FLORES, V. do N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.
- JAKOBSON, R. Shifters, verbal categories and the Russian verb. **Selected Writings**, Haia, Mouton, pp.130-47, 1957.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. **L'enonciation. De la subjectivité dans le langage**. Paris: Armand Colin, 1980.
- MAGALHÃES, E.M.S. **A construção de instâncias enunciativas em textos escritos do português culto do Brasil**. Belo Horizonte, MG. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 1998.
- MALDIDIER, D; NORMAND, C.; ROBIN, R. Discurso e ideologia: bases para uma pesquisa. In: ORLANDI, E. P. (org.). **Gestos de leitura**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.
- ORLANDI, E. P. **O que é Linguística**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- PAVEAU, M. A.; SARFATI, G. E. **As grandes teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática**. São Carlos: Claraluz, 2006.
- WERNER, K. C. G. **Os estudos da enunciação e a formação do professor de línguas**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/42318392/OS-ESTUDOS-DA-ENUNCIACAO-E-A-FORMACAO-DO-PROFESSOR-DE-LINGUAS>
<https://www.youtube.com/watch?v=J0XDzWAIY20>,
<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/enunciacao-enunciado>
https://www.youtube.com/watch?v=SXhsNZ_kcNc